

**a escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet:
a relação autor-herói/leitor**

Fabiana Komesh

Fabiana Cristina Komesu

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

*A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet:
a relação autor-herói/leitor*

U
3

IEL/UNICAMP
2001

Fabiana Cristina Komesu

*A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet:
a relação autor-herói/leitor*

45435

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Marques Abaurre

IEL/UNICAMP
2001

00115433

5

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
IEL - UNICAMP

K835e Komesu, Fabiana Cristina

A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói/leitor /
Fabiana Cristina Komesu. - Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos
da Linguagem.

1. Escrita. 2. Análise do discurso. 3. Home page (computação). 4. Internet (Redes
de computação). I. Abaurre, Maria Bernadete Marques. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Maria Bernadete Marques Abaurre
Prof.ª. Dr.ª. Maria Bernadete Marques Abaurre (orientadora)
IEL/UNICAMP

Prof. Dr. Sírio Possenti
IEL/UNICAMP

Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa
FFLCH/USP

Prof.ª. Dr.ª. Raquel Salek Fiad (suplente)
IEL/UNICAMP

este exemplar é a reprodução fiel de um
original por Fabiana Cristine
Komesu
reproduzido em 09/05/2009
Maria Bernadete Marques Abaurre

A realização deste trabalho somente foi possível graças à participação de muitas pessoas. Agradeço, de maneira especial, a **Maria Bernadete Marques Abaurre**, pela orientação cuidadosa e atenta que muito contribuiu em minha busca do amadurecimento intelectual; a **Manoel Luiz Gonçalves Corrêa** e a **Sírio Possenti**, pelas discussões, não apenas em meu exame de qualificação, das quais resultaram reflexões importantes para a concretização do presente texto; a **Ester Scarpa**, pelas sugestões valiosas para o desenvolvimento deste trabalho; a **Luís Fernando Marques Rosa** e a **Leonardo Couto Franco de Oliveira**, pela assessoria em assuntos técnicos; aos **funcionários do IEL**, pela presteza na resolução de minhas obrigações institucionais, e à **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)**, pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa. Agradeço, ainda, às pessoas de minha família que souberam respeitar e incentivar minhas escolhas – **Issamu, Nazareth, Cláudia, Ricardo, Fernando, Bá, Di, Heloísa, Luzia, Camila** –; aos amigos que compartilharam sua alegria e coragem na convivência dos dias – **Graziela Zanin Kronka, Flávia Biroli, Sanderléia Longhin, Vital Alves, Ricardo Chinaglia, Sinara Barbanti, Luciane Kawamoto Goya, Simone Hashiguti** –, e aos amigos que me acompanharam (ainda que distantes, fisicamente) por este caminho escolhido – **Ana Carolina Dollevedo, Fabiana Assis, Nalú Fernandes, Renira Gambarato, Lourenço Chacon, Marcos César Alvarez**. Muito obrigada.

II -RESUMO

APRESENTAÇÃO

I3 A escrita nas tramas digitais

O GÊNERO DE ESCRITA DAS PÁGINAS ELETRÔNICAS PESSOAIS DA INTERNET

I9 **Capítulo 1** – Por que há tantas pessoas comuns construindo páginas eletrônicas pessoais?

23 **Capítulo 2** – As páginas eletrônicas pessoais da internet

27 **Capítulo 3** – O recorte do material como trabalho

31 **Capítulo 4** – O perfil geral dos escreventes

41 **Capítulo 5** – As relações intergenéricas constitutivas da escrita das *home pages*

43 A apresentação pessoal nas *home pages* e em orelhas de livros impressos

47 As histórias pessoais nas *home pages* e nas (auto)biografias impressas

54 Mensagem para “você”: *home pages*, cartas manuscritas e *e-mails*

65 A função fática e a *confiscação da palavra* nas páginas eletrônicas pessoais

O MODO DE ENUNCIÇÃO NAS PÁGINAS ELETRÔNICAS PESSOAIS DA INTERNET

73 **Capítulo 6** – A relação autor-herói/leitor nas páginas eletrônicas pessoais da internet

73 A relação “autor-herói” em Bakhtin e a atividade de escrita nas *home pages*

75 Uma noção de autoria para as páginas eletrônicas pessoais

78 A relevância da noção de “forma” no trabalho dos sujeitos/escreventes

81 **Capítulo 7** – Divisão enunciativa: o autor, o “herói” e o leitor nas páginas eletrônicas pessoais

91 **Capítulo 8** – Algumas considerações sobre a modalidade escrita nas *home pages*

91 Sobre o uso de *emoticons* e de “risadinhas”

100 A prosódia nas páginas eletrônicas pessoais da internet

105 Uma investigação lexical

POST SCRIPTUM

115 Considerações finais

119 GLOSSÁRIO

123 ABSTRACT

125 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

131 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Resumo

O propósito deste trabalho é discutir a escrita que se propõe como conversação nas páginas eletrônicas pessoais, as chamadas **home pages***, da **internet**. Mais especificamente, analisamos de que maneira o autor de uma *home page* constrói uma projeção de si, valendo-se, por exemplo, de certas marcas de enunciação e de certos sinais gráficos para o estabelecimento da relação dessa imagem com o leitor. O material da pesquisa é composto por 50 (cinquenta) páginas eletrônicas pessoais, coletadas de maneira aleatória, entre as disponíveis na internet. O modo de abordagem de nosso objeto de estudo é orientado por um enfoque teórico ligado às teorias da enunciação e da escrita, em especial aos estudos que priorizam a questão dialógica da linguagem e aos estudos que se ocupam das relações entre a modalidade escrita e a modalidade oral.

Dois aspectos são privilegiados no desenvolvimento deste trabalho. O primeiro deles investiga a hipótese de surgimento de um novo gênero discursivo, constituído a partir da atividade de escrita das páginas eletrônicas pessoais. Para a investigação do que acreditamos ser um novo gênero, realizamos um estudo comparativo entre a escrita das *home pages* e a de outros tipos de escrita, como as apresentações pessoais em orelhas de livros impressos, as (auto)biografias, as cartas manuscritas e os **e-mails**, procurando identificar o que pode ser tomado como característico dessa escrita digital, no âmbito de convivência com outras práticas de escrita. De nosso ponto de vista, trata-se de um gênero de escrita caracterizado pela função fática da linguagem, isto é, por uma atividade marcada por fórmulas de comunicação mais rituais que informativas. Visando ao estabelecimento de um contato com o leitor (característico da função fática), o escrevente projeta uma imagem pessoal (uma personagem) que pareça simpática e, desse modo, estabelece, também, a simulação de uma intimidade para alcançar esse objetivo. O exercício da função fática, no entanto, mascara a *confiscação da palavra* nesse gênero de escrita: o escrevente tem o direito de se expressar, desde que seja de um determinado modo, e de nenhum outro. No trabalho de construção textual de uma imagem pessoal, o autor utiliza-se de determinados recursos da modalidade escrita, como certas marcas de enunciação e certos sinais gráficos. O segundo aspecto que privilegiamos diz respeito, portanto, ao modo de enunciação que caracteriza o gênero de escrita das *home pages*. Procuramos investigar o trabalho de divisão enunciativa entre o autor, o “herói” (a personagem construída) e o leitor das páginas pessoais no estudo de sua materialidade lingüística. Para o cumprimento dessa tarefa, consideramos alguns aspectos da modalidade escrita das *home pages*, a exemplo dos **emoticons** e das “risadinhas”, comumente empregados na escrita digital; da

questão da pontuação (e sua relação com a prosódia) nos textos digitais, e de uma investigação lexical dos textos das *home pages*, dada a utilização freqüente de termos da área de informática, principalmente, aqueles que são tomados da língua inglesa e incorporados à língua portuguesa sem tradução.

Palavras-chave: enunciação; escrita; escrita digital; *home pages*; internet.

Nota:

 * Os termos que aparecem destacados em negrito e sublinhados encontram-se comentados no glossário, a partir da p.119 deste trabalho.

apresentação

A escrita nas tramas digitais

Os meios eletrônicos digitais estão assumindo um papel cada vez mais amplo na disseminação de notícias internacionais, nacionais, locais, especializadas e pessoais. A valorização da informação e a atenção das pessoas em relação à internet, a rede que interliga computadores em escala mundial, suscita pontos interessantes quanto à chamada sociedade digital e, por essa via, quanto ao modo de construção dos sujeitos nesse universo simbólico emergente.

O que pensar, por exemplo, dos textos das páginas eletrônicas pessoais, as chamadas *home pages*, em que uma pessoa que dispõe de recursos de hipermídia pode disponibilizar em rede de alcance global uma história de sua vida? O que pensar a respeito dessa “personagem” que é criada na seleção dos supostos acontecimentos referentes à vida do autor? O que pode haver de novidade nessas histórias autobiográficas que são contadas em forma de textos escritos, imagens e sons, escolhidos por uma pessoa que pode estar forjando sua identidade física e emocional?

A configuração de um eterno presente na relação entre o autor e o leitor, aliada à instantaneidade proporcionada pelo meio, torna-se, por sua vez, uma das principais características desse tipo de comunicação, e organiza todos os outros recursos de presentificação que possam existir na construção de um texto.

Nessas interações digitais, a escrita desempenha um papel primordial, quer na construção de uma página eletrônica pessoal que apresente aos leitores um usuário de internet, quer na entabulação de um bate-papo (**chat**), ou, ainda, na troca de correspondência eletrônica (*e-mail*). No entanto, é sabido que, na busca pelo aprimoramento da interação entre o homem e a máquina, as pesquisas tecnológicas voltam-se para a naturalidade da utilização da linguagem falada como meio de comunicação. Há um enorme investimento financeiro em projetos que priorizam a sintetização e o reconhecimento da voz humana. Um dos objetivos almejados, ainda em fase de elaboração e de testes, é o de programas nos quais a voz humana apenas comanda o ditado dos textos que serão transcritos pelo computador. Acredita-se que seu desenvolvimento representará não apenas o conforto e a comodidade do ser humano, mas também – e sobretudo – tratar-se-á de uma economia de tempo nas relações comunicativas, dada a velocidade da fala em contraposição à da escrita.

De nosso ponto de vista, enquanto a voz humana ainda não for utilizada de maneira integral nas interfaces digitais, acreditamos que é um tipo particular de escrita o que materializa o *acontecimento discursivo* e possibilita o contato entre o escrevente e o leitor dos textos eletrônicos. Consideramos que se trata de uma escrita heterogeneamente constituída (cf. Corrêa, 1997b), que, objetivando a simulação de uma conversação face a face, torna-se o principal recurso dessa relação comunicativa. Essa busca da simulação de uma conversação face a face, em um tipo particular de escrita, é que nos interessa investigar.

Esta pesquisa visa, portanto, ao estudo da escrita que se propõe como conversação nas páginas eletrônicas pessoais da internet. Mais especificamente, analisa como o autor de uma *home page* constrói uma projeção de si no *mundo textual*, valendo-se, por exemplo, de certas marcas de enunciação e de certos sinais gráficos para o estabelecimento da relação dessa imagem com o leitor. Assumimos, na realização deste trabalho, a discussão a respeito do dialogismo, como característica constitutiva da linguagem e condição de sentido do discurso. No material da pesquisa, visto como dialogicamente constituído, procuramos abordar o papel do “eu” e do “outro”, bem como a intertextualidade no espaço enunciativo, estabelecida na interação entre o autor – e a projeção que ele faz de si – e o leitor das *home pages*.

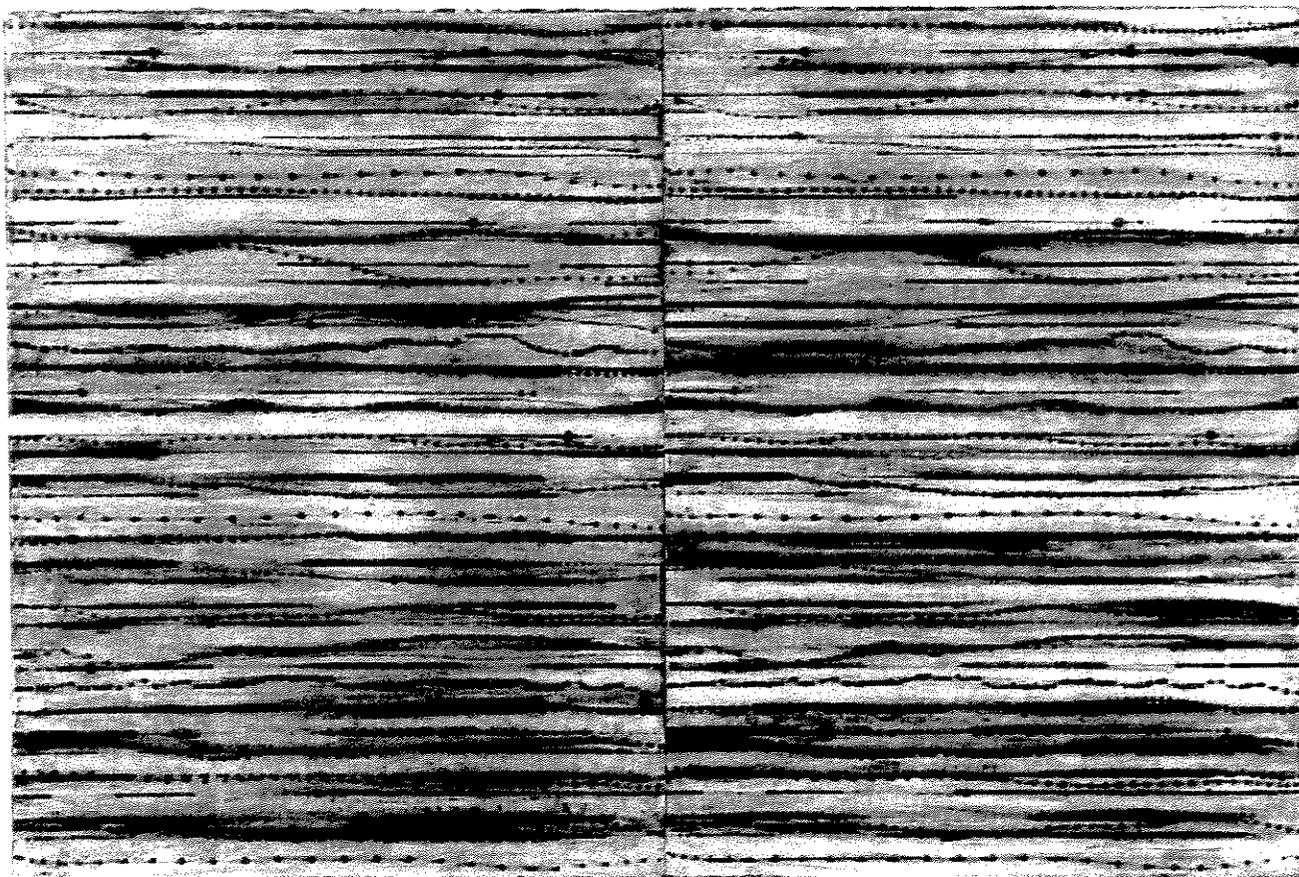
As páginas eletrônicas pessoais são (re)conhecidas por tratarem, em geral, dos acontecimentos particulares da vida de um usuário da internet, que se propõe a veiculá-los de maneira pública por esse meio eletrônico. Não é de qualquer modo, entretanto, que a privacidade do escrevente é exposta. Podemos afirmar, por exemplo, que é muito difícil constatar, na leitura desse tipo de texto, a construção de uma imagem negativa do internauta. Como leitores de *home pages*, foram raras as ocasiões em que encontramos relatadas características que pudessem denunciar uma imagem negativa ou, ainda, esteticamente imperfeita do usuário. Dados e imagens pessoais são selecionados de maneira a construir uma imagem simpática do escrevente digital. Nosso objetivo é analisar como essa “personagem” construída relaciona-se à simulação de uma intimidade própria desse tipo de escrita. A projeção de uma imagem positiva é expressa seja na enumeração de gostos e preferências considerados típicos de uma faixa etária jovem de leitores, seja na estruturação do texto por meio de determinadas marcas lingüísticas ou, ainda, na seleção de fotos que pareçam alegres e extrovertidas. Tudo isso aponta, portanto, para as pressões sócio-históricas que determinam as condições de produção do que consideramos um novo gênero discursivo, materializado nos textos das *home pages*.

A estruturação de nosso trabalho está fundamentada em duas partes principais. Na primeira delas, intitulada “O gênero de escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet”, preocupamo-nos em discutir nossa hipótese de surgimento de um novo gênero discursivo, constituído a partir de uma escrita que se propõe como conversação nas *home pages*. No capítulo 1 (“Por que há tantas pessoas comuns construindo páginas eletrônicas pessoais?”), problematizamos a questão do (crescente) interesse de pessoas comuns em construir uma *home page* e, desse modo, veicular sua história pessoal pela internet. Acreditamos que a veiculação de uma imagem que pareça simpática encontra-se relacionada a questões sócio-históricas que condicionaram a prática do uso de *máscaras* para o convívio social. No capítulo 2 (“As páginas eletrônicas pessoais da internet”), apresentamos o que são as *home pages* de um ponto de

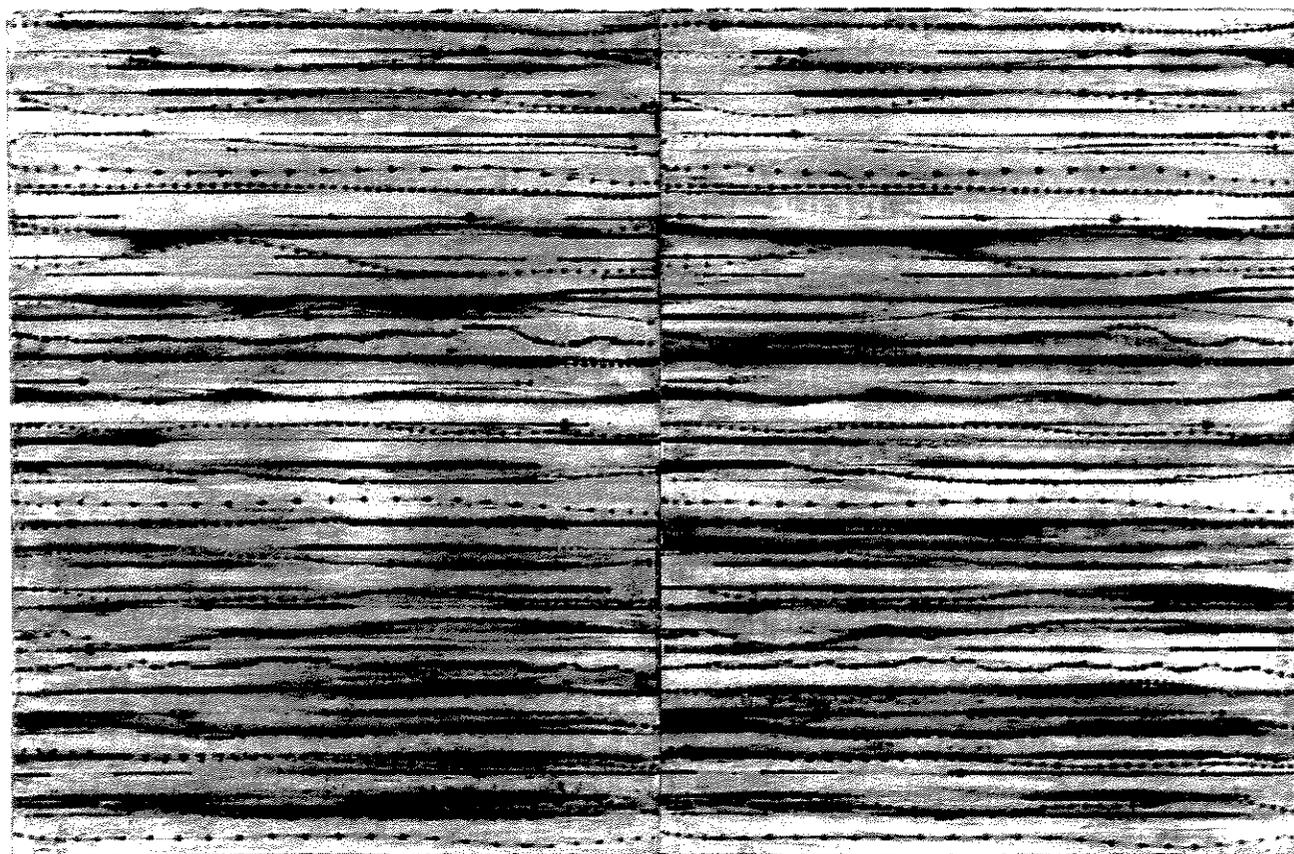
vista da técnica da informática, e apontamos para suas principais características lingüísticas, de interesse para nossa investigação. O capítulo 3 (“O recorte do material como trabalho”) trata do modo como o material da pesquisa foi avaliado para a consideração das informações sobre os escreventes das páginas pessoais. No capítulo 4 (“O perfil geral dos escreventes”), apresentamos o levantamento do tipo de informação que pode ser obtida na leitura das páginas pessoais, a exemplo da faixa etária, da procedência geográfica, da ocupação atual e das preferências dos escreventes. No capítulo 5 (“As relações intergenéricas constitutivas da escrita das *home pages*”), realizamos um estudo comparativo entre a escrita das *home pages* e outros tipos de escrita, como as apresentações pessoais em orelhas de livros impressos, as (auto)biografias, as cartas manuscritas e os *e-mails*, com o objetivo de analisar o que pode ser tomado como característico dessa escrita digital, no âmbito de convivência com outras práticas de escrita. Consideramos uma noção de gênero como um conjunto de relações intergenéricas previstas, mas variáveis dentro de certos padrões que devem ser descritos. Nossa hipótese é a de que o gênero de escrita das *home pages* é caracterizado pela relevância da *função fática*, isto é, aquela que visa ao estabelecimento de um *contato*. O exercício da função fática, no entanto, termina por mascarar a *confiscação da palavra* nesse gênero discursivo, uma vez que o escrevente tem o direito de se expressar somente de um determinado modo, que é aquele que pareça simpático e que simule uma intimidade com o leitor.

Na segunda parte deste trabalho, denominada “O modo de enunciação nas páginas eletrônicas pessoais da internet”, investigamos as relações dialógicas entre o autor, a projeção que ele faz de si, e o leitor das *home pages*. O capítulo 6 (“A relação autor-herói/leitor nas páginas eletrônicas pessoais da internet”) apresenta o conceito da relação entre o autor e o “herói”, tomado dos estudos bakhtinianos. Procura, também, refinar a noção de autoria para as páginas pessoais, dada a importância de sua definição para os estudos lingüístico-discursivos, e aponta para a relevância dos estudos sobre a “forma” no trabalho dos escreventes. O capítulo 7 (“Divisão enunciativa: o autor, o ‘herói’ e o leitor nas páginas eletrônicas pessoais”) busca distinguir os papéis de autor, de “herói” e de leitor na investigação de sua materialidade lingüística, ou seja, na identificação de suas marcas características. No capítulo 8 (“Algumas considerações sobre a modalidade escrita nas *home pages*”), detalhamos a investigação realizada a propósito do emprego de certas marcas enunciativas e determinados sinais gráficos, como a utilização de *emoticons* e de “risadinhas”, a questão da pontuação (e sua relação com a prosódia), e o emprego de um léxico específico, advindo, principalmente, da área de informática, com o uso de termos da língua inglesa incorporados à língua portuguesa sem tradução.

Por fim, apresentamos as considerações sobre o trabalho realizado. Apontamos, ainda, para a elaboração de um glossário, presente a partir da página 119 deste trabalho. O objetivo da organização desse glossário é o de auxiliar o leitor na compreensão de termos técnicos da área de informática, em especial, aqueles relacionados aos estudos sobre a internet.



o gênero de escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet





capítulo 1

Por que há tantas pessoas comuns construindo páginas eletrônicas pessoais?



19

Relato da geração digital: enquanto digitava as primeiras linhas deste trabalho de pesquisa, fomos surpreendidos pela visita inesperada de alguns parentes. Uma prima de 6 anos entrou na sala de trabalho e perguntou o que estávamos fazendo. Respondemos, simplesmente, que trabalhávamos no computador. A menina perguntou à prima mais velha se ela tinha *e-mail* e, em caso afirmativo, se poderiam trocar mensagens via correio eletrônico. Atônita, respondemos que sim. A mãe da pequena Natália contou que na escola – particular – em que a filha estuda, o curso de informática é oferecido já na pré-escola.

Relato de exclusão digital: lendo uma revista especializada em negócios, conhecemos a história de um executivo, de 36 anos, que estava entre os cinco finalistas para uma vaga de vice-presidente de uma montadora de automóveis no Brasil. Terminada a pré-seleção, o *headhunter* encarregado de preencher o posto convocou os cinco candidatos para um teste. Cada um deveria criar um endereço de *e-mail* (Yahoo!, Hotmail ou outro) e enviar uma mensagem. Mas o executivo em questão não sabia entrar na internet, nunca havia usado um *e-mail* e, sinceramente, não considerava que comunicação digital tivesse algo a ver com suas capacidades profissionais. A reportagem destacava o fato de que o executivo era um engenheiro formado pela Escola Politécnica de São Paulo, da Universidade de São Paulo (USP), e falante de cinco idiomas. Relatava, ainda, que o executivo tinha uma boa dose de certeza de que perdeu a chance de sua vida naquele teste.

Relato de experiência pessoal: ficamos surpresos ao começar a pesquisar assuntos relacionados ao tema deste trabalho de pesquisa. O número de histórias pessoais envolvendo novas tecnologias de informação é surpreendente. Não se trata apenas de considerar a geração de Natália, nascida nos anos 90 sob o signo da internet, ou a geração do executivo da história relatada, excluído de um emprego importante por sua inaptidão digital. Trata-se, sobretudo, de histórias de vidas transformadas pela utilização – ou não – do computador. Nossa experiência não é de *heavy user*, isto é, não fazemos parte do grupo de pessoas que se conecta todos os dias à internet. Tampouco participamos de listas de discussão, de fóruns digitais ou de *chats*. Mas nesses quatro últimos anos, desde a primeira vez que nos conectamos à rede, pudemos conhecer histórias de pessoas que constituíram família a partir da tela de um monitor. Basta conferir os relatos em “Tudo começou na UOL”, [site](#) mantido pelo maior **provedor**

de internet do País, o Universo Online. Ou observar o volume de investimentos que a cidadezinha norte-americana de La Grange, na Georgia, destinou à internet. La Grange, de 30 mil habitantes, está inteiramente conectada por fios de fibra ótica, que oferecem melhor qualidade de conexão à rede. O sistema é financiado pela arrecadação de impostos sobre água e luz do município. O treinamento para o uso de internet é disponibilizado para toda a população.

Se na explosão da internet havia novidade em visitar as obras do catálogo do Louvre, ou pesquisar o espaço utilizando o *site* da NASA, atualmente podemos observar, pela tela do monitor, o cotidiano de pessoas que filmam suas vidas e as transmitem via tecnologia eletrônica. É o caso da norte-americana Jennifer Ringley, uma *webdesigner* de 23 anos que ganha dinheiro com seu *site* (www.jennicam.org), mostrando cenas da intimidade doméstica, e do brasileiro Clever da Silva, um taxista que virou notícia nos Estados Unidos desde que conectou à internet o táxi que dirige em Nova York. Uma câmera de vídeo, acoplada ao retrovisor e ligada a um **modem** e a um celular, vai registrando o percurso da corrida. As imagens são transmitidas para um servidor que, de dois em dois minutos, coloca-as na rede no *site* de Clever (www.ny-taxi.com).

Nem todas as páginas eletrônicas, no entanto, utilizam câmeras de vídeo para a veiculação de imagens pessoais. Ainda que esse tipo de equipamento esteja ficando mais acessível no mercado – atualmente, pode-se comprar uma *webcam* ao preço médio de R\$ 200,00 – ele ainda não faz parte da composição visual das páginas eletrônicas pessoais da maioria dos usuários. Ao procurar páginas eletrônicas pessoais num serviço de busca como o da empresa brasileira de informática *Cadê?*, por exemplo, descobre-se que são pessoas comuns, aparentemente sem qualquer projeção social de renome, que mantêm uma *home page* no ar. Um caso conhecido entre os internautas é o *site* da dona Maria (“Maria’s Home Page”), uma dona-de-casa que mora no Estado norte-americano da Carolina do Norte. Casada, mãe de três filhos, dona Maria justificou a criação de um endereço na internet como uma forma rápida dos parentes se comunicarem com ela. Mas o acesso ao *site* da dona Maria não é exclusividade de seus familiares. O sucesso entre outros visitantes de *home pages* foi considerado maior que a importância da página, muito provavelmente, graças ao inusitado. Vencendo os preconceitos evocados pelo “estigma de dona Maria” – mulher, casada, mãe e dona-de-casa –, ela se transformou em “www.maria.com”. É a projeção de uma imagem que, ao assimilar a terminação “ponto com” ao nome próprio, ganha o *status* do que pode ser considerado como o mais moderno e o mais atual.

O interesse de pessoas comuns na veiculação de suas histórias pelas *home pages* pode ser conferido, ainda, no relato do jovem amazonense Paulo André Diniz Pimentel. Na apresentação pessoal em sua *home page*, Paulo André, de 23 anos, esclarece:

Bem, acho que vocês notaram que não sou um desses nerds que vivem grudados na frente do microcomputador... Sou um cara normal até demais. Levo uma vida de gente normal mesmo. Ou seja: não é porque tenho uma homepage que vou ser um pombalesa como muitos que estão por aí... [*HomePage do Paulo André Diniz Pimentel*]

O que se mostra como evidente quando o assunto é *home page* é o fato de que pessoas comuns, que dizem levar uma vida comum, possuam uma página eletrônica pessoal. Se até dona Maria, uma dona de casa, e Paulo André, um “cara normal até demais”, podem criar suas *home pages*, divulgando histórias e fotos pessoais, o que as demais pessoas estão esperando para terem suas próprias páginas eletrônicas pessoais? As instruções para a construção de uma página eletrônica pessoal podem ser encontradas em *sites* da internet, de modo didático e com boa qualidade de informação. Não há necessidade de ser um especialista em informática para construir uma *home page*, muito menos de ser uma pessoa que vive “grudada na frente do microcomputador”. Para os usuários menos habituados com o manuseio do computador, há, ainda, a opção de encomendar uma página eletrônica pessoal. Há pequenos empresários e empresas de renome internacional especializados na confecção de *home pages*, dispostos a englobar todos os gostos e contas bancárias possíveis.

A questão que nos despertou para esta pesquisa não é por que as pessoas ainda não têm uma *home page*, dado o acesso facilitado à sua construção, mas o porquê de um interesse crescente de pessoas comuns em terem uma página eletrônica pessoal e serem vistas na internet. A relevância desta questão encontra-se diretamente ligada aos propósitos da investigação, de cunho lingüístico-discursivo, aos quais nos propusemos. Nossa pretensão é, ao menos, conseguir problematizá-la.

Uma hipótese interessante a esse respeito provém das reflexões do crítico social Richard Sennett (1998). A propósito dos limites entre a privacidade e a exposição pública, Sennett defende a tese segundo a qual a valorização da intimidade nos tempos atuais está relacionada ao declínio da vida pública. Falar de si e das particularidades do sentimento individual somente têm sentido, segundo Sennett, a partir de um certo momento histórico, identificado, entre outros momentos, à formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista. Sennett considera que hoje, mais do que nunca, multidões de pessoas estão preocupadas apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares. Não se deve esquecer, como lembra esse autor, que o crescimento dos centros urbanos e a violência neles gerada participam desse processo de esvaziamento do espaço público. Dada a constatação de um perigo sempre iminente, o espaço público passa a ser destinado apenas à passagem dos indivíduos, e não mais à sua permanência. O espaço público morto é a razão mais concreta, segundo Sennett, pela qual as pessoas procurarão um terreno íntimo que em território alheio lhes é negado (cf. Sennett, op.cit., p.29). Para Sennett:

O isolamento em meio à visibilidade pública e a exagerada ênfase nas transações psicológicas se complementam. Na medida em que alguém, por exemplo, sente que deve se proteger da vigilância dos outros no âmbito público, por meio de um isolamento silencioso, compensa isso expondo-se para aqueles com quem quer fazer contato. A relação complementar existe então, pois são das expressões de uma única e geral transformação das relações sociais. Às vezes, penso nessa situação complementar em termos das máscaras criadas para o eu pelas boas maneiras e pelos rituais de polidez. [Sennett, 1998, p.29-30]

Segundo esse autor, portanto, os principais males sociais resultam do processo de degeneração do espaço público, uma vez que as pessoas só podem ser socializáveis enquanto possuem (ou pensam

que possuem) algum resguardo uma das outras. Dito de outra maneira, para que haja interação entre elas, são necessárias algumas formas ritualísticas de comportamento, que Sennett apreende de seus estudos sócio-históricos sobre os séculos XVIII e XIX no ocidente. Trata-se, como ele mesmo coloca, da necessária assunção de “máscaras” para o convívio social.

No âmbito da produção das páginas eletrônicas pessoais, consideramos que é também uma máscara que é assumida pelos escreventes na construção de uma imagem pessoal. Procuramos investigar, na escrita das *home pages*, quais as marcas lingüístico-discursivas que permitem identificar esse tipo de construção textual que, de nosso ponto de vista, objetiva a simulação de uma intimidade entre o escrevente e o leitor da página eletrônica pessoal. Nossa hipótese é a de que o gênero de escrita das *home pages* pode ser identificado por uma *função fática* da linguagem que visa ao *contato* com o destinatário. Por mais que se considere a diversidade de sentimentos humanos, relacionados aos incontáveis relatos de histórias pessoais, ainda assim, o que pode ser visto nas páginas eletrônicas pessoais é a projeção de uma máscara, de uma imagem pessoal que possa parecer simpática ao leitor das páginas pessoais.

Em nossa experiência como leitores de *home pages*, foram raras as ocasiões em que encontramos relatadas características que pudessem denunciar uma imagem negativa ou, ainda, esteticamente imperfeita do usuário. Quando esse tipo de informação é detectado, pode-se dizer que é relatado num “tom confessional”, que aproxima a imagem de um escrevente – aquele que conta tudo sobre si, incluindo seus defeitos – à imagem de um leitor “amigo” – capaz de compartilhar os problemas e as alegrias descritas. No relato dos acontecimentos veiculados publicamente pela internet existiria, pois, uma “edição” nesse modo de apresentação. Dados e fotos são selecionados de maneira a projetar uma imagem simpática do escrevente digital. Acreditamos que essa “personagem” construída relaciona-se à simulação de uma intimidade própria desse tipo de escrita. Trata-se de um modo, tido como simpático, de apresentação pessoal, que busca provocar uma resposta igualmente simpática do interlocutor. Por mais que esse contato seja proposto como a cumplicidade máxima que se pode ter com o “outro desconhecido”, ele não consegue ultrapassar a função fática mesma de um “contato”, um “estou aqui, presente, na internet”. Dizer o nome próprio, a idade, o local de nascimento e a ocupação atual, listar os gostos, preferências e *hobbies*, é tudo o que o escrevente das páginas eletrônicas pessoais se dispõe a ceder ao leitor. Acreditamos, portanto, que o conjunto desses fatores aponta para as pressões sócio-históricas que determinam as condições de produção desse tipo de escrita, materializado nas relações de sentido estabelecidas pelo escrevente das *home pages*.

No caso das páginas eletrônicas pessoais, analisamos como essa projeção de uma imagem positiva é expressa seja na enumeração de gostos e preferências considerados típicos de uma faixa etária jovem de leitores, seja na estruturação do texto por meio de determinadas marcas lingüísticas ou, ainda, na seleção de fotos e animações gráficas que pareçam alegres e extrovertidas.

Com o objetivo de apontar para alguns dos pontos de investigação desta pesquisa, passaremos a detalhar o que são as páginas eletrônicas pessoais da internet e quais as questões que foram consideradas relevantes para nosso interesse.

As páginas eletrônicas pessoais da internet

As páginas eletrônicas fazem parte de um dos serviços que são disponibilizados pela internet, a exemplo do correio eletrônico (*e-mail*) e da comunicação **on-line** (como os *chats*, **IRC** e **ICQ**).

A **WWW** (*World Wide Web* ou “Teia de alcance global”) é um serviço da internet que permite o acesso a uma vasta quantidade e variedade de informações e dados, e é por meio dela que as páginas eletrônicas podem ser visualizadas. A WWW foi criada em 1991 em Genebra, na Suíça, pelo Centro Europeu de Pesquisas Nucleares. A partir de então, páginas visualmente mais atraentes e melhor diagramadas, repletas de informações advindas de todos os pontos do planeta, passaram a existir nas telas dos monitores. A WWW funciona como um sistema de retenção e distribuição de informação na forma de documentos **hipermídia**. Por documentos hipermídia podemos entender um tipo de arquivo ao qual podem estar associados textos, imagens, vídeos, sons, ou qualquer outro tipo de mídia. Tudo isso é conseguido com o uso de um outro tipo de arquivo chamado **hiper-documento**. Os hiper-documentos para a WWW são arquivos na forma de textos escritos na linguagem computacional **HTML** (*Hypertext Markup Language*). Através dessa linguagem, é possível criar arquivos que são interpretados por programas específicos, os chamados **browsers** (ou *navegadores*), que traduzem de forma inteligível as informações, gerando as páginas eletrônicas como são visualizadas na tela do monitor, com formatação, cor, imagens, tabulação.

A crescente expansão da internet permitiu a emergência de páginas eletrônicas de cunho institucional, comercial, pessoal. O foco de nossa pesquisa é a investigação da escrita das páginas eletrônicas pessoais. Para sua realização, selecionamos, de maneira aleatória, 50 (cinquenta) páginas eletrônicas pessoais, que encontravam-se disponíveis na internet no período de fevereiro de 1998 a fevereiro de 1999.

Utilizando o navegador Netscape, chegamos à página eletrônica da empresa brasileira de informática *Cadê?*. Por meio do programa de busca, disponibilizado por essa empresa, pesquisamos os endereços presentes no **link** “Sociedade”, mais especificamente, “Pessoais”, em que aparecem listadas todas as páginas eletrônicas pessoais que podem ter como via de entrada o serviço do *Cadê?*.

Para a apresentação do que é uma *home page*, tomaremos como exemplo a página “Faby in the Web”. A “Faby in the Web” foi acessada em 21 de junho de 1998 e era possível, até aquela data,

encontrá-la na especificação <http://www.paintbox.com.br/users/faby.htm>. A importância da data de acesso justifica-se pelo rápido processo de obsolescência que caracteriza as informações que são veiculadas via meio digital, exceção feita, naturalmente, a aspectos biográficos permanentes, como o nome próprio e o local de nascimento do escrevente. O autor de uma *home page* pode realizar as modificações que considerar relevantes em sua página em um período de tempo mínimo. Essa disponibilidade de acesso a mudanças faz com que o usuário da internet, que visualize uma determinada página eletrônica pessoal em um dia, possa encontrá-la modificada, por exemplo, passadas apenas algumas horas.

24

A *home page* “Faby in the Web” trazia em sua página inicial os assuntos que seriam abordados e os temas de interesse da autora. A página apresentava quatro seções específicas sobre a autora, denominadas “Faby’s Place”, “Diversão e Links”, “Moda e Beleza” e “Falando de amor”. O leitor poderia escolher um desses *links* para o prosseguimento da leitura. Constavam também um contador eletrônico que informava quantas pessoas haviam acessado a página até então; *links* com outras páginas; um **guestbook** (livro de visitas) no qual o usuário poderia emitir e ler opiniões a respeito da “Faby in the Web”, um ícone de caixa postal para correspondência eletrônica e agradecimentos a pessoas e instituições que auxiliaram na produção da *home page*.

A ilustração a seguir refere-se à página acessada, a “Faby in the Web”:



FIGURA 1 – Página eletrônica pessoal Faby in the Web

Recuperamos, a seguir, o texto presente na *home page*:

FABY'S PLACE

Aqui começa a sua viagem pelo meu mundinho cibernético. Nessas páginas você vai saber mais sobre

mim e conhecer algumas coisas e pessoas que eu gosto muito.

Meu nome é **Fabiana** e me considero uma garota normal (ou quase). Gosto muito de música e dançar é uma das minhas paixões, também gosto de navegar pela Internet, cozinhar, namorar (não necessariamente nessa ordem! ;-)) Eu nasci há 20 e poucos anos atrás... Hehehehe numa cidadezinha (que já não é mais tão pequena) muito bonita, chamada Bauru, no interior de São Paulo, atualmente moro e trabalho em Sampa. [grifo no original]

Inicialmente, é interessante observar como os escreventes de páginas eletrônicas pessoais constroem textualmente um espaço de interlocução no qual “recepionam” os leitores. No caso da *home page* “Faby in the Web”, esse espaço de interlocução digital é reconhecido, ainda no primeiro parágrafo, na utilização do advérbio de lugar “aqui” e em determinadas escolhas lexicais da escrevente que indicam, por exemplo, um trajeto possível pelo “mundinho cibernético” da autora, quando da escolha do leitor em iniciar sua “visita” à página pelo *link* “Faby’s Place”. Acessando “Faby’s Place” (o “Espaço”, o “Lugar” de Faby), o leitor poderá obter informações sobre as preferências da autora (como música, dançar, “navegar” pela internet, cozinhar e namorar), além de conhecer sua procedência geográfica (Bauru – SP) e residência atual (São Paulo ou “Sampa” – Capital). A escrevente ainda informa ao leitor sua faixa etária (“Eu nasci há 20 e poucos anos atrás...”).

A propósito da formulação dos enunciados na *home page* “Faby in the Web”, constatamos o uso de pontos de exclamação, interrogação, reticências e parênteses, além da utilização de *emoticons* e de “risadinhas”. Na tentativa de estabelecer um “diálogo virtual” com o leitor, que *forças ilocucionárias* poderiam estar sendo trazidas à escrita por essas e outras alusões à prosódia, como em “Eu nasci há 20 e poucos anos atrás... **Hehehehe**...”, ou aos rictos faciais, como os referidos *emoticons*? No caso de “Faby’s Place”, observamos o emprego de um *emoticon* no comentário parentético da autora a respeito de suas preferências. Ao enumerá-los (“Gosto muito de música e dançar é uma das minhas paixões, também gosto de navegar pela Internet, cozinhar, namorar”), a escrevente opta por comentar, entre parênteses, que não há uma hierarquia na ordem dessa leitura [“(não necessariamente nessa ordem! ;-))”], expressando um provável sentimento de malícia ao utilizar-se de um *emoticon* que indica uma piscadela no final do enunciado. É interessante observar, ainda, que a autora aproveita-se do necessário emprego de um parêntese para a construção do *emoticon* indicado. O fechamento do parêntese parece acumular, nesse exemplo, duas funções: a de isolamento de um comentário e a de um “comentário de um comentário”. Consideramos que esse “comentário de um comentário” é realizado pelo sujeito/escrevente no trabalho de divisão enunciativa entre a autora da página e a personagem “simpática” que ela procura construir. Em se tratando da utilização da modalidade escrita, os comentários apresentam-se linearizados no processo de textualização. Na fala, aparecem como simultâneos.

Esses são alguns dos principais pontos para investigação que podem ser levantados na descrição de uma *home page*. Analisando a escrita que se propõe como um “diálogo virtual” nas páginas eletrônicas pessoais, objetivamos compreender como esse tipo de escrita digital permite ao escrevente construir uma projeção textual de si, valendo-se, por exemplo, de certas marcas de enunciação e de certos sinais

gráficos para o estabelecimento da relação entre essa imagem do autor e a imagem do leitor. De nosso ponto de vista, o tipo de relação dialógica estabelecido é o que permite apontar para a simulação de uma intimidade entre o escrevente e o leitor, o que permitiria visualizar, também, um modo de enunciação característico da escrita das *home pages*. Interessa-nos investigar como esse modo de enunciação dos escreventes permite apontar para a possibilidade de surgimento de um novo gênero discursivo, constituído a partir da atividade de escrita das páginas eletrônicas pessoais.

Capítulo 3

O recorte do material como trabalho



De posse de um material composto por 50 (cinquenta) páginas eletrônicas pessoais, procuramos realizar um levantamento de informações disponíveis nos textos digitais, com a finalidade de traçar um perfil geral dos escreventes das *home pages*. Interessou-nos, inicialmente, a identificação dos escreventes pelo nome completo, apelido, idade, procedência geográfica, ocupação atual, preferências, práticas de lazer (entre outros critérios escolhidos para a avaliação das informações), dado que as análises preliminares apontavam para a presença desse tipo de informação nas páginas eletrônicas pessoais. Consideramos, portanto, a relevância da investigação dessas informações como o modo privilegiado de detecção de alguns dos elementos presentes na composição da imagem que o escrevente faz de si.

A primeira dificuldade encontrada para a execução dessa tarefa foi a de definir a “voz” dos autores dos textos digitais, ou seja, a quem se deveria atribuir a responsabilidade pelas informações veiculadas. A maioria das *home pages* acessadas apresentava o uso de pronomes de 1ª pessoa no desenvolvimento textual, o que é compreensível se partimos da constatação óbvia de que uma página eletrônica, de caráter pessoal, deve ser destinada à descrição da projeção que o autor da página faz de si. No entanto, encontramos, também, exemplos em que a autoria da página era dividida entre dois ou mais escreventes. Deparamo-nos, pois, com outros tipos de construção textual, tais como: casos em que o escrevente utiliza uma máscara para falar de si em 3ª pessoa, narrando uma história de vida como se não fosse a dele própria; casos em que o escrevente construía uma página eletrônica para narrar a história de vida de uma outra pessoa, fornecendo os dados dessa pessoa, e não os seus, na construção textual. A dificuldade estava, portanto, na atribuição da responsabilidade pelo registro escrito na *home page* a uma única pessoa.

A propósito da dificuldade encontrada, é necessário que façamos uma ressalva. A correspondência “uma página eletrônica pessoal/um escrevente” pode conduzir a um conceito que consideramos equivocados sobre a noção de sujeito; talvez, uma noção que aponte para a unicidade e liberdade irrestrita de criação a partir da linguagem. O que assumimos é uma concepção sócio-histórica, tanto do sujeito quanto da linguagem que o constitui e – como acreditamos – com a qual ele *trabalha*. Desse modo, tomada como “atividade”, uma concepção sócio-histórica da linguagem permite visualizar, definida na reflexão de Abaurre (1997), não só uma relação dinâmica entre o sujeito e a linguagem, como também

a possibilidade de voltar a atenção para os sujeitos reais e suas histórias individuais de relação com a linguagem:

adquirem particular relevância não só os papéis de *sujeito* e de *outro* na linguagem; passam a interessar, e muito, também, os indivíduos que preenchem esses papéis discursivos, em situações reais de interlocução, historicamente situadas. [Abaurre, 1997, p.83 (grifo no original)]

28 A compreensão de uma concepção sócio-histórica do sujeito e da linguagem sobre a qual ele trabalha não nos permite pensar, portanto, na delimitação de fronteiras rígidas no processo de textualização. A linguagem, tomada como atividade, ao mesmo tempo que constitui os pólos da subjetividade e da alteridade é, também, constantemente modificada pelo sujeito (cf. Abaurre, op.cit., p.82). Em se tratando de um levantamento de informações de ordem estatística, no entanto, tivemos que estabelecer um critério para a contagem numérica das informações.

O que fizemos, inicialmente, foi considerar como responsáveis pelo o que se diz na página todos aqueles escreventes que construíam seu texto a partir de marcas pronominais da 1ª pessoa. Um exemplo de como contabilizamos a “voz” responsável pelo enunciado pode ser depreendido da já mencionada *home page* “Faby in the Web”, em que a escrevente aparece evidenciada por marcas pronominais da 1ª pessoa, como no texto a seguir:

Bem-Vindo à **minha** Home Page!!!

Olá!!! **Espero** que você goste de conhecer **meu** Cantinho Virtual.

Nesse site você vai encontrar mais informações sobre **mim**, conhecer **meus** amigos, descobrir as coisas que **eu** gosto e ver **meus** links preferidos na Net.

Obrigado por sua visita e Boa Viagem!!! [*Faby in the Web* (grifo nosso)]

A escrevente Faby aparece, pois, marcada por pronomes de 1ª pessoa, na utilização de pronomes possessivos (“**minha** Home Page”; “**meu** Cantinho Virtual”; “**meus** amigos”; “**meus** links preferidos”), na utilização de pronomes pessoais retos (“**eu** gosto”), na omissão pelo processo de elipse (“[**Eu** Espero”) e no uso de pronomes pessoais oblíquos (“mais informações sobre **mim**”). Devemos considerar, ainda, o fato de que a utilização dos cumprimentos “Bem-Vindo” e “Olá”, e do agradecimento “Obrigado”, pode ser atribuída à figura do “eu” no desenvolvimento de uma cena enunciativa que procura ser simpática ao “receptionar” os leitores que acessam a página. A saudação do escrevente visa à presença de um “outro”, que aparece evidenciado em marcas pronominais da 2ª pessoa como “Espero que **você** goste”, “Nesse site **você** vai encontrar”, e “Obrigado por **sua** visita”.

Foi por meio da observação de marcas pronominais da 1ª pessoa, portanto, que realizamos a maior parte do levantamento de informações sobre o perfil geral dos escreventes das *home pages*. Nos casos em que a construção textual da página pessoal era dividida entre duas ou mais pessoas, levamos em consideração as informações pertinentes a cada um dos escreventes, como na *home page* “Friends Page” e na página “Gêmeos in the Web”. A construção do *site* “Gêmeos in the Web”, por exemplo, é de

responsabilidade de dois pares de gêmeos (Natasha e Tatiana, André e Filipe). Para a avaliação das informações cedidas, consideramos a atribuição das especificidades (como ocupação atual, preferências e práticas de lazer) de cada escrevente, o que contabiliza quatro informantes, ainda que se tenha apenas uma *home page*. O mesmo tipo de atribuição para a leitura das informações foi realizado no caso de “Friends Page”, em que a autoria da página é dividida entre dois escreventes, Tina e Digo.

É importante que se esclareça, ainda, outros tipos de construção textual que foram observados e contabilizados no exame das informações sobre os escreventes. Trata-se dos casos em que o escrevente utiliza uma máscara para falar de si, em 3ª pessoa, narrando uma história de vida como se não fosse a dele própria. No material da pesquisa, a “Página da Biografia Não-Autorizada de DACOL” e a *home page* de Rafael Monteiro foram construídas de modo a projetar, efetivamente, uma personagem, dado que os escreventes referem-se a si na 3ª pessoa. Acreditamos que esse tipo de construção esteja relacionado à divisão enunciativa entre o sujeito e a projeção da imagem que ele faz de si, ao procurar imprimir um certo distanciamento para que possa falar de suas qualidades com a autoridade de uma outra “voz”, o que concederia uma suposta imparcialidade para a atribuição de elogios, sem o pedantismo das pessoas que só sabem falar de si mesmas. Esses dois exemplos serão retomados adiante, no capítulo 5, quando trataremos das relações intergenéricas constitutivas do gênero de escrita das *home pages*.

A compreensão desse tipo de construção textual permitiu-nos contabilizar as informações sobre esses escreventes do mesmo modo como avaliamos as informações daqueles que se marcaram pela utilização de pronomes de 1ª pessoa. Para a execução do levantamento das informações sobre os escreventes, consideramos, ainda, um terceiro e último tipo de construção. Trata-se dos casos em que o escrevente constrói uma *home page* para narrar a história de vida de uma outra pessoa, fornecendo os dados dessa pessoa, e não os seus. No material coletado, encontramos três dessas páginas: a “Home Page Pessoal” de Edson Assad David, a “Morena do Tchan 2000” e a “Casa da Thaty”. Os exemplos a seguir referem-se ao tipo de *home page* descrito:

(sobre Edson Assad David)

Em 1953 começou a editar, em Varginha, o jornal “Flash Notícias”, de caráter político apertado, tendo que se mudar para o Rio de Janeiro em 1955, onde trabalhou na empresa Rio Publicidade e frequentava diariamente a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde seu amigo, o novelista e poeta Cícero Acayaba, também varginense, já trabalhava. [*Home Page Pessoal*]

(sobre Thatiana Lund Maduell)

Desde pequena ela gosta de dançar. Fez parte do corpo de dança de academias em Florianópolis, além de, durante 4 anos, ter feito a alegria da criançada como uma das Paquituxas, que animavam festas cantando e dançando. [*Morena do Tchan 2000*]

(sobre Tatiane Nunes)

Em 1996 finalmente Thaty e seu Fã Clube vem parar na Internet, por intermédio de seu amigo Gatto, criador inicial deste espaço (...) [*Casa da Thaty*]

O que diferencia essas *home pages* daquelas em que consideramos o uso de uma máscara é a presença de uma assinatura que não é a da pessoa focalizada na página. A “Home Page Pessoal” de Edson Assad David, por exemplo, é finalizada com a assinatura de “Suas companheiras, suas Filhas e Netos”. A página de Thatiana Lund Maduell, a “Morena do Tchan 2000”, é assinada por Fernando Mendes, que realiza a construção da página de maneira semelhante à estrutura de uma reportagem jornalística, na qual o entrevistador faz uma edição das respostas, inserindo-as para a composição da matéria. Já o *site* de Tatiane Nunes, a Thaty, é assinado por seu amigo Gatto, que explica, em uma das páginas, sua idéia de realizar uma *home page* para a amiga:

30 Amiga, tomei a liberdade de produzir esta homepage simples com as próprias ferramentas da Geocities para lhe fazer uma surpresa. Depois, vou ensinar você a usar tudo isso, inclusive a fazer e enviar a sua própria homepage para substituir essa aqui. [*Casa da Thaty*]

Obviamente, não podemos descartar a possibilidade dessas páginas serem elas, também, construídas por meio do uso de máscaras do escrevente. Interessa-nos, entretanto, não a detecção da veracidade das informações, mas o modo de enunciação dos escreventes das *home pages*. O que obtivemos com a observação desse tipo de construção textual foram informações sobre a pessoa focalizada na página, e não sobre o próprio escrevente. As informações obtidas participam do levantamento estatístico sobre o perfil geral dos escreventes das *home pages*, ainda que não as consideremos, de fato, como pertencentes aos escreventes das páginas, mas ao modo como as projeções das imagens pessoais são apresentadas textualmente.

Acreditando ter explicitado o modo como atribuímos a responsabilidade de quem “fala” nos textos digitais, passaremos à avaliação desses conceitos no âmbito do material que estamos analisando.

Da amostra total de 50 páginas eletrônicas pessoais, constatamos que há 35 escreventes referidos por pronomes do gênero masculino e 17 marcados por pronomes do gênero feminino. A somatória desses dois números ultrapassa a conta de 50 páginas eletrônicas pessoais, justamente por estarmos considerando o número de informantes e não o número de páginas analisadas para o levantamento de informações sobre os escreventes. A partir dos números obtidos, partimos para a avaliação de alguns critérios considerados relevantes para a leitura das páginas.

capítulo 4

O perfil geral dos escritores

Realizado o esquadramento do modo como contabilizamos o número de informantes das *home pages*, partimos para o levantamento das informações presentes nas páginas. Inicialmente, voltamos nossa atenção para as informações que se mostraram mais recorrentes. Pareceu-nos ser característica do texto digital a presença de uma apresentação na qual o escritor disponibiliza informações pessoais como nome, idade, procedência geográfica, local de residência e ocupação atuais, além de *hobbies* e preferências. Esse tipo de informação é comumente apresentado pelo escritor de uma maneira alegre e extrovertida, com a utilização de recursos gráficos computacionais específicos para a composição de imagens e animações. A imagem que se segue pertence à “Melzinho’s Home Page”, página pertencente ao nosso material:

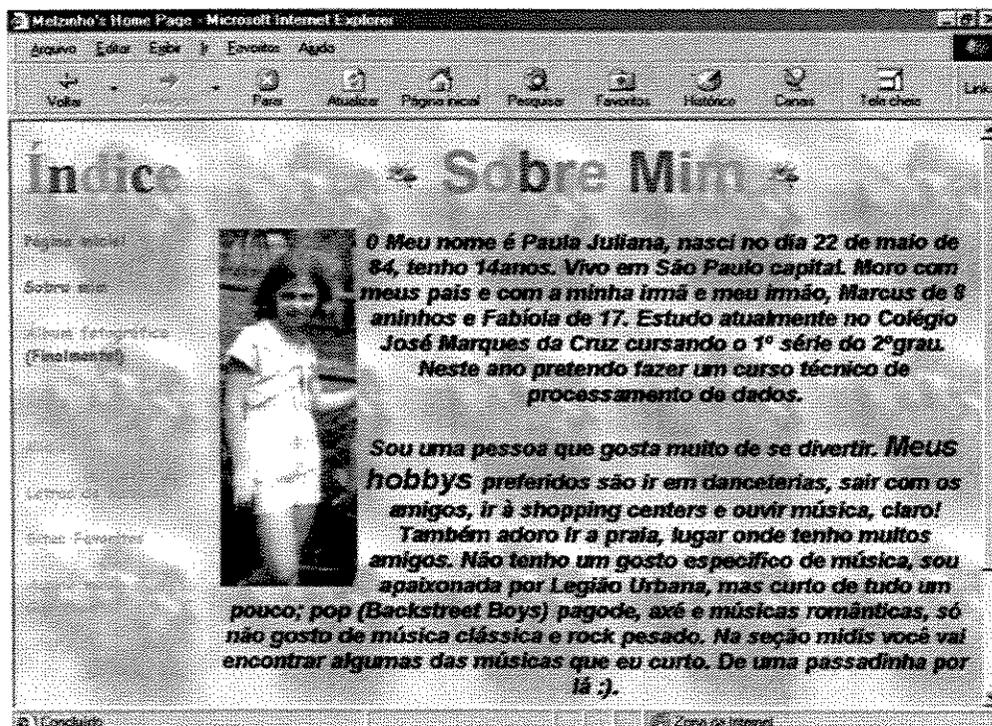


FIGURA 2 – Página eletrônica pessoal Melzinho’s Home Page

Recuperamos, abaixo, o texto integral da *home page*, incluindo o último parágrafo que não aparece nessa imagem:

Sobre mim

O Meu nome é Paula Juliana, nasci no dia 22 de maio de 84, tenho 14 anos. Vivo em São Paulo capital. Moro com meus pais e com a minha irmã e meu irmão, Marcus de 8 aninhos e Fabíola de 17. Estudo atualmente no Colégio José Marques da Cruz cursando a 1º série do 2º grau. Neste ano pretendo fazer um curso técnico de processamento de dados.

Sou uma pessoa que gosta muito de se divertir. Meus hobbies preferidos são ir em danceterias, sair com os amigos, ir à shopping centers e ouvir música, claro! Também adoro ir a praia, lugar onde tenho muitos amigos. Não tenho um gosto específico de música, sou apaixonada por Legião Urbana, mas curto de tudo um pouco; pop (Backstreet Boys) pagode, axé e músicas românticas, só não gosto de música clássica e rock pesado. Na seção midis você vai encontrar algumas das músicas que eu curto. De uma passadinha por lá :).

Gosto muito de nos dias de frio ficar em casa jogando vídeo game, e passar horas na frente do meu micro testando novidades. Aos finais de semana navego pela internet e converso com os meus amigos do chat, e quando tenho tempo faço natação. [*Melzinho's Home Page* (grifo nosso)]

A página de Paula Juliana, a Melzinho, pode ser tomada como representativa do material pesquisado, assim como a de Fabiana, a escrevente da “Faby in the Web” (cf. capítulo 2, p.24). Informações gerais como nome, idade, procedência geográfica, local de residência e ocupação atuais, *hobbies* e preferências, costumam figurar na apresentação dos escreventes das *home pages*. A identificação por um nome ou apelido, por exemplo, parece ser especialmente importante. Com efeito, das páginas pessoais coletadas, pudemos depreender uma identificação por nome ou, ao menos, por apelido. As exceções foram constatadas apenas em dois casos: na página eletrônica pessoal de Edson Assad David (“Home page Pessoal”), na qual o(s) escrevente(s) assina(m) como “Suas companheiras, suas Filhas e Netos”, e na *home page* de Thaís Chimbata (“Thaís Chimbata”), em que a identificação do escrevente, como “Volterri”, foi depreendida a partir do nome que aparecia no endereço eletrônico para contato (“volterri@amcham.com.br”).

Além de se identificar por um nome próprio, observamos, também, que o escrevente costuma apresentar um apelido, em geral, utilizado na composição do título de sua *home page*. Entre as escreventes femininas, o critério de apresentação de um apelido para identificação mostrou-se bastante evidente. 70,6% delas apresentaram algum apelido, derivado de um nome (por exemplo, Faby, de Fabiana, escrevente da já mencionada página “Faby in the Web” ou Paty, de Patrícia, escrevente da “Paty’s Agapê”) ou de uma imagem que ela faz de si (como Melzinho, de Paula Juliana, escrevente da “Melzinho’s Home Page”). Entre os escreventes masculinos, a identificação por um apelido foi menos incidente. Apenas 37,1% deles revelaram algum tipo de apelido (como Duda, de Eduardo, escrevente de “Duda – a minha página pessoal!” ou Vaca, de Ricardo, escrevente da “Vaca’s Virtual Farm”).

Dado o alto índice de identificações por nome ou apelido na composição textual das páginas, acreditamos em sua relevância para a compreensão do perfil não apenas dos escreventes, mas também do modo como eles constroem as *home pages*, valorizando a presença de um determinado tipo de informação para falar de si e de suas histórias pessoais. A hipótese é a de que a utilização das assinaturas, identificadas por um nome ou apelido, seja privilegiada pela prática tradicional de escrita em outros suportes materiais, ainda que se considere que a internet permita forjar, com aparente facilidade, a identidade pessoal de seus usuários.

Apresentamos, a seguir, as páginas eletrônicas pessoais consultadas e as respectivas identificações de seus escreventes, depreendidas por meio das informações presentes nas páginas:

Página eletrônica pessoal

Identificação do escrevente

Abdon HP	Abdon Megale Neto
Absolut Model Company home page	Ilton Rodrigues Batata
Alessandra Ferreira dos Anjos	Alessandra Ferreira dos Anjos
Bi-bi's HP	Fabiana Kawassaki
Caio José Sousa	Caio José Sousa
Casa da Thaty	Marcelo Domingues (Gatto)
Cyber Canto do Daniel	Daniel Salles de Araújo
Douglas Custódio	Douglas Custódio
Duda – a minha página pessoal!	Eduardo da Cunha Maia
Edson Kenichiro Sueyoshi	Edson Kenichiro Sueyoshi
Eliane's Web Page	Eliane Cristina de Araújo
Fabio Becker	Fabio Becker
Faby in the Web	Fabiana Andréa Zanelati
Friends Page	Cristina Paiva; Rodrigo Fagundes
Gêmeos in the Web	Natasha Rissin; Tatiana Rissin; André Furquin Meireles; Filipe Furquin Meireles
Gian's Page	Gian Franco Cagni Barbosa
Gilson Carlos de Souza Santos	Gilson Carlos de Souza Santos
Grazi's Home page	Graziela Cassol Mutti
Guilherme Aires – Home page	Guilherme Alves Aires
Guto da Col	José Augusto Da Col
Hamilton Coimbra	Hamilton Coimbra
HomePage do Paulo André Diniz Pimentel	Paulo André Diniz Pimentel
Home page da Manu	Emanuela Avelar
Home page da Meiguinha!!!	Isadora S. da Rocha
Home page do Pablito	Pablo Gomes Ludemir

Home page Pessoal – Edson Assad David	Suas companheiras, suas filhas e netos
HP de Kerson Daniel Matioli	Kerson Daniel Matioli
John's Home page	John Alec
José Rebelo	Raghy José Sobierajski Rebelo
Joubert Vasconcelos	Joubert A. V. Vasconcelos
Kikinho's World	Nelson Liu Pitanga
Lena's Home Page	Helena Gehrne Martins Ferreira
LokA's Home page	Rafaela Ornellas Dias Coelho
Luiz Gustavo de Araujo Teixeira Gonçalves	Luiz Gustavo de Araujo Teixeira Gonçalves
Magno's Homepage	Magno César
Marco Aurélio de Farias	Marco Aurélio de Farias
Marco Losso's home-page	Marco Losso
Max e Lia's Home Page	Eliane Santos
Melzinho's Home Page	Paula Juliana
Morena do Tchan 2000	Fernando Mendes
Página do Agniruc	Rafael Carduz Rocha
Patryk Sofia Lykawka	Patryk Sofia Lykawka
Paty's Agapê	Patrícia Batista
Question! Homepage	Márcio Caparica Carlos
Rafael Monteiro	Rafael Monteiro
Roberta Brasil	Roberta Brasil
RORA's Main Home page	Rodrigo Otávio R. Antunes
Tanda	Alessandra Cruz de Souza
Thais Chimbata	Volterri
Vaca's Virtual Farm	Ricardo Pacheco Rezende

Pode-se perceber a predominância de pessoas do sexo masculino. De um modo geral, essa constatação coincide com o perfil típico do usuário da rede. A empresa de informática *Cadê?*, em parceria com o instituto de pesquisas IBOPE, realizou um levantamento sobre o perfil e os hábitos do internauta brasileiro, avaliando dados coletados de julho a agosto de 1998, reunidos por meio de quase 50 mil questionários respondidos via internet. Em sua terceira edição, a pesquisa *Cadê?/IBOPE* indicou que, até aquele período, os homens representavam 71% dos usuários da rede, embora as mulheres estivessem participando cada vez mais da utilização da internet, aumentando sua representação, que em 1996 era de 17% para 29% em 1998. Do total de *home pages* que compõem nosso material, 31 eram de escreventes masculinos, 17 eram de escreventes femininas e 2 apresentavam a autoria dividida entre dois ou mais escreventes. Visando à descrição de um perfil geral dos escreventes, é interessante observar que as páginas eletrônicas pessoais de homens representam 62% do material analisado, enquanto as *home pages* de mulheres figuram como 34% do total, salvo os dois casos em que a autoria da página é dividida entre dois ou mais escreventes.

Com relação à idade dos escreventes, constatamos que a concentração da faixa etária estende-se até os 29 anos. Entre os homens que revelaram sua idade nas *home pages*, essa faixa etária representa 88%. Entre as mulheres, todas disseram ter até 29 anos, com uma faixa predominante que vai até os 19 anos (53,9%).

Quanto à procedência geográfica, os estados com maior presença de escreventes são os das regiões Sudeste e Sul. Entre os homens que revelaram sua procedência geográfica, 76,5% nasceu em alguma cidade dessas regiões. Já entre as mulheres, todas nasceram em alguma cidade da região Sudeste e Sul. A residência atual dos escreventes também está concentrada em cidades dessas regiões. Individualmente, São Paulo é o estado com o maior número de escreventes entre os homens (26,9%), seguido por Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina, cada estado representado por 11,5% dos escreventes. A residência atual das escreventes femininas está concentrada na região Sudeste, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, totalizando 64,2%.

A principal atividade dos escreventes das *home pages* é a escolar, representativa de 86,7% das mulheres e de 71,4% dos homens. A hipótese explicativa para o alto índice de estudantes está associada, principalmente, a dois motivos. O primeiro deles, como vimos, é a faixa etária dos escreventes, que compreende pessoas com até 29 anos de idade. O outro motivo pode estar associado ao nível social dos escreventes, pressupondo que a elaboração de uma página eletrônica pessoal, no Brasil, ainda é privilégio de poucos, dados os custos de recursos materiais, como computador, *modem* e linha telefônica. Dos escreventes masculinos, 65% são estudantes universitários, seguidos por 15% de estudantes do ensino médio, 5% de estudantes de ensino fundamental e 5% de estudantes de cursinhos preparatórios para concursos vestibulares. 10% do universo de estudantes homens não especificaram curso ou formação, classificando-se apenas como “estudante”. Entre as mulheres, 53,8% estão na universidade, enquanto 23,1% encontram-se no ensino médio. Uma mesma parcela de 23,1% de escreventes femininas não especificou curso ou formação, identificando-se, simplesmente, como “estudante”.

Uma informação interessante está relacionada à opção de carreira dos escreventes. Do total de estudantes universitários que têm página eletrônica pessoal na internet, 40% estão cursando alguma faculdade relacionada à informática, como Engenharia da Computação, Ciência da Computação, Análise de Sistemas ou Processamento de Dados. Alguns deles até mencionam suas áreas de interesse profissional nas *home pages*, como “internet”, “rede de computadores”, “WWW”, “intercâmbio de informações” e “compactação de dados”. Os escreventes que trabalham (28,6% no caso dos homens) também revelaram afinidade com o setor de informática. Metade deles trabalha nesse setor, com especial atenção à área de atuação na internet, a exemplo de serviços como instrução de sua utilização, programação em HTML e computação gráfica. A informação de que 40% dos escreventes universitários estudam em alguma área ligada à informática é bastante relevante para esta pesquisa, que objetiva estudar a escrita das *home pages* de um ponto de vista lingüístico-discursivo. Acreditamos que a atividade dos escreventes eletrônicos está produzindo, em um modo peculiar de escrita, *práticas sociais* relacionadas à utilização desse meio de comunicação. Trata-se, como vimos, do interesse crescente das pessoas em especializar-se nas áreas de informática ligadas à internet. No trabalho de especialização, as pessoas comuns passam a fazer uso

de termos antes restritos aos especialistas (cf. “Uma investigação lexical”, capítulo 8, p.105 em diante). A respeito de um interesse crescente, é importante pensar, ainda, sobre a produção de equipamentos e de técnicas cada vez mais aprimoradas, capazes de atender às exigências de um mercado consumidor em constante ascensão. Trata-se, sobretudo, de um modo de circulação de informações vinculado a esse suporte material específico.

A propósito, ainda, das práticas sociais relacionadas à utilização da internet, podemos dizer que o meio de comunicação mais mencionado nas *home pages* é o correio eletrônico (*e-mail*). Tanto homens (88,6%) quanto mulheres (88,2%) indicam um endereço de *e-mail* em sua página eletrônica pessoal. O mais comum é a solicitação dos escreventes aos leitores para que esses entrem em contato em caso de “dúvida” ou de “sugestão”:

Qualquer dúvida ou sugestão é só me mandar um e-mail:

melzinhos@zipmail.com.br [*Melzinho's Home Page*]

Gostou? Amou? Odiou? Escreva-me! [*Faby in the Web*]

Envie sugestões! [*HomePage do Paulo André Diniz Pimentel*]

Consideramos que a presença de um endereço eletrônico está no âmbito da caracterização à qual nos referimos para as páginas eletrônicas pessoais. Ao disponibilizar seu *e-mail*, o escrevente visa ao estabelecimento de um contato com o leitor, mas apenas em caso de “dúvida” ou de “sugestão”. Parece pouco para o estabelecimento de laços afetivos, ou de uma intimidade efetiva, entre os usuários de internet. Pode ser o suficiente, no entanto, para a projeção da imagem de uma pessoa preocupada com a opinião do leitor.

Comparativamente à menção do *e-mail*, outros tipos diversificados de comunicação via internet foram pouco citados pelos escreventes das *home pages*. Apenas 31,4% dos homens e 35,3% das mulheres fizeram referência à utilização de programas de comunicação como os *chats*, *IRC* ou *ICQ*. Entre os homens, o programa mais utilizado é o *ICQ*, seguido pelo *IRC*. Os recursos para comunicação mais utilizados pelas mulheres são os *chats* e o *IRC*. Quando a participação nesses programas é mencionada, a maioria dos homens (63,6%) e das mulheres (66,7%) costuma revelar seu apelido (**nickname**) ou o número de inscrição do *ICQ* para o contato com os leitores. Os apelidos podem ser provenientes dos nomes dos escreventes (“Manu” de Emanuela, ou “Tattty” de Tatiane) ou de sua aparência física (Fabiana Kawassaki é *A japinha@©*). Não são, entretanto, os recursos mais utilizados. Em geral, observa-se que os escreventes se dispõem a fantasiar, relacionando os nomes à representação que fazem de si e ao tipo de interlocução que procuram estabelecer com a imagem de um leitor. Emanuela é “Manu”, mas também se apresenta como “Moonlight”, “DamaDaNoite”, “BelleDeJour”, “Sininho”, apelidos sedutores, por exemplo, do ponto de vista de um interlocutor masculino. Nelson Liu Pitanga é o “Kikinho”, mas também o “Garotinho_16”, o “Misterioso”. Já o menino John Alec, de 10 anos, apresenta-se como “Bundão” nas conversas digitais, apelido que pode ser considerado típico de brincadeiras de criança.

De nosso ponto de vista, a composição e a escolha de *nicknames* pelos usuários da internet estão relacionadas ao modo como os sujeitos/escreventes trabalham com a (sua) escrita, em suas histórias individuais com a linguagem. Do imaginário que se faz de personagens consagradas (como a “BelleDeJour”, em referência ao filme homônimo protagonizado pela belíssima atriz francesa Catherine Deneuve) à grafia diferenciada na identificação por um *nickname* (como *A japinha®©*, de Fabiana Kawassaki), o empenho dos sujeitos/escreventes está em se diferenciar dos inúmeros concorrentes existentes no espaço de interlocução da internet e, desse modo, obter o contato tão desejado com os outros usuários.

Se a maioria dos escreventes das *home pages* não demonstrou grande interesse em recursos como *chats*, *IRC* ou *ICQ*, outras formas de diversão foram sendo reveladas. De forma condizente com o que se espera da faixa etária dos jovens, os programas dos escreventes circulam entre temas tradicionais como “namorar”, “sair com os amigos”, “ouvir música”, “dançar”, a exemplo do que se pode conferir nos seguintes relatos:

Gosto muito de música e dançar é uma das minhas paixões, também gosto de navegar pela Internet, cozinhar, namorar (não necessariamente nessa ordem! ;-) [Fabiana, “20 e poucos anos”, escrevente da “Faby in the Web”]

Sou uma pessoa que gosta muito de se divertir. Meus hobbies preferidos são ir em danceterias, sair com os amigos, ir à shopping centers e ouvir música, claro! Também adoro ir a praia, lugar onde tenho muitos amigos. [Paula Juliana, 14 anos, escrevente da “Melzinho’s Home Page”]

Meus grandes hobbies são: música, IRC (onde fiz muitos amigos), computador (NEEERD!), sair com os amigos, etc, etc, etc. [Luiz Gustavo, 21 anos, escrevente da página “Luiz Gustavo de Araujo Teixeira Gonçalves”]

Há, ainda, programas mais ousados, como “tentar entender uma mulher”:

Ficar por aí à toa às vezes é bacana, mas muitas vezes é um SACO, então quando não tenho porra nenhuma pra fazer, costume estar lendo, passeando pela Net, dormindo, Tocando meu teclado, estudando aviação ou tentando entender uma mulher.

Não Sei se algum dia vou conseguir entender as mulheres, mas como dizia um certo comercial... *Vou Morrer Tentando!!!* [Magno, 29 anos, escrevente da “Magno’s Homepage” (grifo no original)]

Entre as diversões mais citadas está “navegar” pela internet, programa preferido pelos escreventes de ambos os sexos, como Magno e Fabiana, por exemplo. Para ter uma idéia de sua popularidade, 77,1% dos homens e 76,5% das mulheres mencionam em suas *home pages* pelo menos um *link* para outras páginas, em geral, relacionadas à informática. *Sites* de provedores, de busca e de *e-mail* gratuito; *links* para empresas de *softwares*, cartões virtuais e vendas pela internet estão entre os mais citados:

Fiz uma pequena seleção de links que eu costumo visitar, espero que aproveite...

Search:

- Surf
- Yahoo

Software para **download**:

- Tucows
- Microsoft
- Download.com
- E-mail Software

Computação e Internet:

- Unicamp
- PUC-Rio
- Linux Online
- TopCom – Torneio de Programação de Computadores por Equipe
- Charlab Online

[*Home Page do Pablito (grifo nosso)*]

Os escreventes também se preocupam em mencionar *links* para as *home pages* de amigos. Foi utilizando esse recurso, aliás, que chegamos a seis das páginas que compõem o material pesquisado.

Nesta página você encontrará os links para as páginas e e-mails dos meus amigos. Algumas páginas ainda não estão prontas, mas sempre tem algo de útil. Mas atenção, eu não me responsabilizo pelo conteúdo das páginas! [*Luiz Gustavo de Araujo Teixeira Gonçalves*]

Este é o meu namorado!!!! Estamos juntos desde 16/07/1997!!!! Ele também tem uma Home Page onde vocês poderão saber mais sobre o meu Artista Plástico e Arquiteto: <http://www.geocities.com/rodeodrive/4828> [*Paty's Agapê*]

Visite a Home Page de alguns amigos...

Douglas Custódio (meu namorado) [*Lena's Home Page*]

Dada a possibilidade de veiculação de assuntos muito diversos na utilização de um meio como a internet, encontramos, ainda, *links* para páginas de ufologia, genealogia, simulação de aviação e até um “guia da cidade de Varginha”.

A identificação de um perfil de escrevente das páginas eletrônicas pessoais – como se disse, jovens do sexo masculino, nascidos e residentes nas regiões Sul e Sudeste do País, cuja principal atividade, a escolar, está relacionada, principalmente, à área de informática – pode nos direcionar a questões interessantes a propósito de uma investigação dos sujeitos e do trabalho com a (sua) escrita. Consideramos que uma dessas questões trata, justamente, da constituição da atividade de escrita das *home pages* a

partir das práticas sociais relacionadas ao meio de comunicação internet. Aliada ao interesse crescente dos usuários, há uma produção de serviços, de técnicas e de equipamentos cada vez mais refinados. Nesse sentido, poder-se-ia correlacionar o fato de serem as pessoas residentes nas regiões mais abastadas do País (e, portanto, com maior poder aquisitivo), com formação escolar direcionada à informática, os maiores consumidores desses tipos de produtos. As práticas sociais, porém, não se limitam ao consumo. Elas constituem o modo de circulação de informações e de idéias vinculado a um suporte material específico. A esse propósito, muito tem se discutido, em áreas como a Sociologia e a Psicologia, sobre a transformação das relações sociais mediadas pelo computador. Com efeito, não se pode desprezar o fato de que há pessoas que estão se comunicando pela tela de um monitor, estreitando laços afetivos, fazendo sexo virtual. Há vínculos inter-pessoais, comunitários, trabalhistas, filantrópicos, todos possibilitados pela utilização da internet. Trata-se, portanto, da concepção de uma atividade que é produzida, simultaneamente, com as técnicas e a complexidade das relações sociais.

De uma questão mais geral das práticas sociais mediadas pelo computador, gostaríamos de voltar nossa atenção para a questão específica da atividade de escrita das páginas eletrônicas pessoais. Se de um levantamento de informações sobre o perfil dos escreventes pudemos depreender características que são comuns entre eles e, ainda assim, visualizamos a *heterogeneidade* que constitui essa prática, procuraremos investigar a possibilidade de surgimento de um novo gênero de escrita, constituído a partir da atividade de escrita das *home pages*. Nosso objetivo é problematizar quais as características que podem ser tomadas como peculiares a esse tipo de escrita, no âmbito da convivência com outros tipos de escrita.

capítulo 5

As relações intergenéricas constitutivas da escrita das *home pages*



Como leitores que somos de outros tipos de textos e meios de comunicação, observamos características nas *home pages* que as aproximavam de construções textuais conhecidas em outros tipos de escrita. Pareceu-nos admissível, por exemplo, realizar uma comparação entre a apresentação pessoal nas páginas eletrônicas e a apresentação dos autores nas chamadas orelhas de livros impressos, nas quais figuram informações gerais sobre a vida do escrevente. Além de informações pessoais, o escrevente do texto digital também costuma apresentar algum fato que possa parecer interessante ou, no mínimo, curioso a respeito de sua vida. Essa aparente preocupação remeteu-nos às (auto)biografias impressas, nas quais são relatados os principais acontecimentos sobre a história de vida do escrevente ou da pessoa biografada. O modo de interlocução trabalhado nas *home pages* aponta, no entanto, para a simulação de uma maior proximidade entre escrevente e leitor, que não é constatada nos tipos de escrita mencionados. O texto digital parece estar mais próximo do tipo de correspondência – manuscrita ou, em tempos de internet, eletrônica – que recebemos dos amigos que nos são caros.

Realizada uma observação inicial sobre as características gerais do texto escrito das páginas pessoais, começamos a questionar quais seriam, de fato, os pontos que poderiam ser tomados como peculiares a esse suposto gênero de escrita. Uma hipótese explicativa interessante encontra-se não na detecção de características que sejam individuais e exclusivas, mas na compreensão das **relações intergenéricas** que constituem esse tipo de atividade. Com efeito, para Corrêa,¹ a definição de gênero encontra-se num certo conjunto de relações intergenéricas “previstas”, mas variáveis dentro de certos padrões que devem ser descritos. A tentativa de definir um gênero por ele mesmo, desconsiderando a heterogeneidade de sua constituição, acabaria por conceber a linguagem como um monólogo. Nosso objetivo é, antes, investigar o trabalho do sujeito/escrevente com a linguagem em termos das relações sócio-históricas estabelecidas pelas práticas sociais. Visando a esse propósito, propomos discutir a questão da escrita das *home pages* no âmbito da convivência com outros tipos de escrita, como as apresentações pessoais em orelhas de livros impressos, as (auto)biografias, as cartas manuscritas e os *e-mails*. A análise comparativa será conduzida pela nossa experiência como leitores habituais desses outros gêneros, sem haver a necessidade de investigação de todas suas características, uma vez que nossa tarefa é voltada para a escrita das *home pages*, e não para o estudo desses outros tipos de escrita.

A operacionalização da análise será realizada a partir da discussão do conceito de gênero do discurso de Bakhtin (1997b) e das tipologias propostas por Jakobson (1975), a respeito das funções da linguagem, e por Reboul (1980), a propósito de seus estudos sobre as funções da linguagem como propriedades do discurso.

O clássico estudo de Bakhtin relaciona o conceito de “gêneros do discurso” a uma determinada forma padrão de estruturação dos enunciados, ou seja, para cada esfera de utilização da língua, seja em sua modalidade escrita ou falada, há a elaboração de tipos “relativamente estáveis” de enunciados, que determinam e identificam os referidos gêneros. É o enunciado a unidade de base do gênero, enquanto realização, “concreta e única”, das relações entre o homem e a linguagem na esfera da atividade humana. Desse modo, acreditamos, Bakhtin atribui um caráter sócio-histórico aos enunciados, uma vez que sua formulação está relacionada a diferentes situações de produção, cada uma delas pertencente a um determinado gênero.

É também Bakhtin quem afirma a existência de gêneros mais ou menos flexíveis quanto à intervenção de seus interlocutores. Se há formas padronizadas ao ponto de o querer dizer individual do locutor quase só se manifestar na escolha do gênero, como no caso dos gêneros fáticos, Bakhtin aponta para a existência de fatores implicados na diversidade dos gêneros. Circunstâncias como a posição social, o relacionamento pessoal dos locutores e o próprio estilo individual dos falantes podem afetar essa diversidade, que não é, portanto, estática em sua concepção.

Para Brandão (2000), a concepção bakhtiniana sobre os gêneros do discurso é caracterizada pelos seus conteúdos e pelos meios lingüísticos que eles utilizam. A adoção de um gênero de discurso seria, pois, uma escolha que se determina em função da especificidade de uma esfera dada da troca verbal. Assim entendida, a questão do gênero de discurso poderia conduzir a noções como a de *regularidade* e a de *repetibilidade*, não condizentes, portanto, com a assunção de uma atividade do sujeito na linguagem (cf. Brandão, op.cit., p.36-38).

Do ponto de vista de Brandão, com o qual compartilhamos, a questão do gênero não tem uma forma fixa e cristalizada. Para a autora, há toda uma dimensão intergenérica que um gênero estabelece com o(s) outro(s) para que possa se constituir como tal. Não se pode perder de vista a dimensão heterogênea que a noção de gênero implica, advertência que nos havia sido dada, anteriormente, por Corrêa (cf. nota 1, à p.70).

Visando ao estudo dessa dimensão heterogênea constitutiva dos gêneros, procuramos investigar a escrita das páginas eletrônicas pessoais a partir de suas relações intergenéricas com outros tipos de escrita conhecidos. Interessou-nos a possibilidade de investigar tipos de escrita que podem ser identificados na constituição da escrita das *home pages* e, a partir dessa comparação, apontar para a(s) principal(is) característica(s) do gênero das páginas pessoais.

Para o cumprimento dessa tarefa, recorreremos, num primeiro momento, aos estudos de Jakobson (1975) a respeito das funções da linguagem. Em seu ensaio “Lingüística e poética”, Jakobson define seis funções da linguagem a partir de seis fatores considerados como presentes no ato de comunicação – a saber, o contexto, o remetente, o destinatário, a mensagem, o contato e o código –, determinadas pela

ênfase (mas não pela exclusividade) em um desses fatores. Segundo Brandão (idem), trata-se da proposta de uma formulação geral do gênero em termos de funções que envolvem o ato de comunicação verbal. Esse modelo estrutural-funcionalista é criticado por ser considerado fechado na perspectiva de uma lingüística que não leva em conta a dinâmica da interlocução (cf. Brandão, idem, p.23). O estudo da tipologia funcional proposta por Jakobson é importante para que possamos introduzir e, em seguida, problematizar a questão das funções da linguagem no âmbito discursivo dos tipos de escrita que nos propusemos a estudar.

Corrêa (1993), a propósito do estudo da função metalingüística e sua relação com o ensino de Língua Portuguesa, avalia:

Das seis funções propostas por Jakobson, pode-se dizer que três delas retomam as tradicionais pessoas do discurso: a função referencial, em que a mensagem está voltada para o contexto (campo da terceira pessoa do discurso); a função emotiva, em que a mensagem está voltada para o remetente (campo da primeira pessoa do discurso); e a função conativa, em que a mensagem está voltada para o destinatário (campo da segunda pessoa do discurso).

As três funções restantes têm menos a ver com o circuito informacional propriamente dito (remetente – contexto ou referente – destinatário) do que com as estratégias presentes na comunicação. De acordo com o fator enfatizado, teríamos, então: a função fática, em que a mensagem volta-se para o contato; a função metalingüística, em que a mensagem volta-se para o código; e a função poética, em que a mensagem volta-se para a própria mensagem. [Corrêa, op.cit., p.42]

Interessa-nos analisar as funções apontadas por Jakobson tendo em vista a comparação entre a escrita das *home pages* e outros tipos de escrita. O objetivo é caracterizar a escrita das páginas pessoais como um gênero que é constituído no âmbito da convivência com outros tipos de escrita e, a partir do estudo da relação com esses gêneros vizinhos, localizar o que pode ser tomado como propriedade característica da escrita das *home pages*.

A apresentação pessoal nas home pages e em orelhas de livros impressos

O ponto inicial para a investigação é a página de apresentação pessoal das *home pages*. Trata-se de uma seção recorrente, na qual o escrevente disponibiliza suas informações pessoais. Constatamos a existência de apresentações pessoais relativamente “longas” em que o escrevente disponibiliza seu nome, sua idade e/ou data de nascimento, local de procedência geográfica e ocupação atual, além de se ater a questões como *hobbies*, preferências e outros aspectos de sua história de vida. A exemplo desse tipo de apresentação, vimos as páginas das escreventes Fabiana (“Faby in the Web”) e Paula Juliana (“Melzinho’s Home Page”) que traziam, também, fotos pessoais que compunham o visual gráfico da página. Vejamos dois outros exemplos em que os escreventes são mais breves em sua apresentação pessoal:

Oi, Meu nome é *Gian Franco Cagni Barbosa* e nasci no dia 21/04/83... Moro em São Paulo, no Butantã. Estudo no colégio Albert Sabin, e estou no 1º colegial! [*Gian's Page* (grifo no original)]

Meu nome é Alessandra Cruz de Souza. Nasci no dia 26 de junho de 1972. Trabalho na farmácia da família em Itaguaí, no interior do Rio de Janeiro (Brasil). [*Tanda*]

Em ambos os casos, os escreventes apresentam o nome, a data de nascimento, o local de residência e a ocupação atual. Há, também, uma foto pessoal que acompanha o texto escrito. A seção de apresentação de Alessandra é intitulada “Quem sou eu”, a de Gian é denominada “Autor”. Esse tipo de texto remeteu-nos à apresentação que costuma estar incluída nas chamadas orelhas de livros impressos. O exemplo que se segue foi retirado da apresentação de Amyr Klink, autor do livro *Mar sem fim: 360° ao redor da Antártica*:

Amyr Klink nasceu em São Paulo em 1955 e formou-se em economia. De sua autoria, a Companhia das Letras já publicou *Paratii – Entre dois pólos* (1992), *As janelas do Paratii* (1993) e *Cem dias entre céu e mar* (1985, 1995). [São Paulo, Companhia das Letras, 2000]

O texto que se encontra na orelha da contracapa do livro é acompanhado de uma foto do autor com sua esposa e duas filhas pequenas. Poder-se-ia dizer que a proposta de um tipo de texto como esse é a de apresentar aos leitores um breve histórico a propósito da vida e obra do autor do livro. Deve-se



Ricardo Lísias tem 24 anos e poucos amigos no curso de mestrado em Teoria Literária na Unicamp. Certa vez arriscou dizer que as pessoas têm direitos e quase terminou na clandestinidade. *Cobertor de estrelas* é seu primeiro livro, mas não sua primeira iniciativa de constranger os outros. Alias, sua mãe afirma que se não parar, nunca vai arranjar casamento (todavia, aceita currículo de mulheres loucas, as únicas que acha interessantes). Anarquista convicto, preocupa-se sobretudo com a questão teórica e prática dos Direitos Humanos. Está torcendo ansiosamente para que todo mundo goste do seu livro e poupe sua mãe de mais esta preocupação.

Cap. 7 in Fernandes

levar em consideração, também, a possibilidade de o leitor estar entrando em contato pela primeira vez com o autor e sua obra. Não são gratuitas, portanto, as informações sobre as outras obras do autor publicadas pela editora. Nesse aspecto, a apresentação dos autores de livros impressos aproxima-se das mensagens publicitárias de caráter mercadológico, voltadas para o leitor/consumidor.

Um outro exemplo de apresentação pessoal de orelha de livro impresso foi retirado da obra *Cobertor de estrelas*, do jovem escritor Ricardo Lísias. A ilustração ao lado refere-se à obra:

FIGURA 3 – Orelha do livro *Cobertor de estrelas*

Recuperamos, abaixo, o texto presente na ilustração:

Ricardo Lísias tem 24 anos e poucos amigos no curso de mestrado em Teoria Literária na Unicamp. Certa vez arriscou dizer que as pessoas têm direitos e quase terminou na clandestinidade. *Cobertor de estrelas* é seu primeiro livro, mas não sua primeira iniciativa de constranger os outros. Aliás, sua mãe afirma que se não parar, nunca vai arranjar casamento (todavia, aceita currículos de mulheres loucas, as únicas que acha interessantes). Anarquista convicto, preocupa-se sobretudo com a questão teórica e prática dos Direitos Humanos. Está torcendo ansiosamente para que todo mundo goste do seu livro e poupe sua mãe de mais esta preocupação. [Rio de Janeiro, Rocco, 1999]

Como na apresentação anteriormente citada, o texto também traz uma foto do autor. Diferentemente da apresentação de Amyr, no entanto, a apresentação de Ricardo vem por meio de uma pequena história sobre o modo como esse autor preocupa-se com os problemas sociais do mundo.

Poder-se-ia especular diferenças nas estratégias utilizadas pelas duas editoras para atingir o público leitor/consumidor em cada caso. Deve-se considerar que a Companhia das Letras conta com o prestígio de Amyr Klink já ter publicado outros livros e de ser uma figura pública conhecida por suas conquistas como velejador. A editora Rocco não pode jogar com esse tipo de apelo, dado que *Cobertor de estrelas* é o livro de estréia do jovem (e desconhecido publicamente) Ricardo Lísias. Em relação ao público leitor, poder-se-ia dizer que *Mar sem fim*, de Amyr Klink, visa, principalmente, aos adultos interessados em saber de que modo os obstáculos da vida podem ser superados com trabalho e, ainda assim, resultar em prazer. É o que o relato das experiências de Amyr, em sua viagem à Antártica, indica aos leitores, ao ponto de ser classificado, em algumas livrarias, como livro de auto-ajuda. Já o romance de Ricardo Lísias parece voltar-se para o público jovem, ao narrar a história de um menino de rua cuja possibilidade de transformação pessoal encontra-se no aprendizado da leitura e da escrita. É a temática social que permeia o livro que parece orientar, também, a apresentação de seu autor como uma pessoa provocadora em suas perguntas e engajada na questão dos direitos humanos. A simpatia que uma pessoa com esse caráter pode suscitar num público leitor jovem, ávido por descobertas e polêmicas (ou por descobertas polêmicas), vem a ser estimulada, ainda, pela foto de um rapaz sorridente, que traz, em suas mãos, um livro aberto.

O que a comparação entre duas apresentações em orelhas de livros impressos pode nos indicar a propósito da escrita das páginas eletrônicas pessoais? Além da comparação mais evidente sobre o conteúdo das informações veiculadas e a presença de uma foto do autor escrevente, consideramos que o que releva da apresentação pessoal, tanto para os livros impressos, quanto para as *home pages*, é a projeção de uma imagem que o escrevente faz de si ou, no caso do livro impresso, é a projeção de uma imagem que a instituição editorial procura fazer do “produto” a ser vendido para o consumidor. Trata-se de construções textuais cujos propósitos estão vinculados a um determinado modo de apresentação pessoal, condicionado às pressões sócio-históricas de sua produção. O caso da apresentação pessoal de Ricardo Lísias parece ser o mais claro quanto à projeção de uma imagem que relacione a vida à obra do escritor que está sendo vendida. Não se pode desconsiderar o fato de que a questão dos direitos humanos

ainda é utopia num país como o Brasil, em que as desigualdades sociais são tão marcantes. A apresentação do autor como um jovem questionador, cujo livro sobre um menino de rua que quer aprender a ler e a escrever não é a “primeira iniciativa de constranger os outros”, é um indício para essa hipótese. O texto é construído de modo a atingir um público igualmente jovem e interessado em realizar as contestações sociais sugeridas pela leitura do livro, sem perder de vista, no entanto, que se trata da obra de um “bom moço” (sorridente), cuja mãe preocupa-se em saber se ele conseguirá chegar ao altar matrimonial.

A questão da construção de uma imagem que seja simpática ao público leitor mostra-se, portanto, bastante relevante. No caso dos livros impressos, acreditamos na importância da questão mercadológica para a determinação do tipo de informação que é veiculado. Em termos das funções da linguagem propostas por Jakobson, poder-se-ia dizer que a estratégia comunicacional direciona-se para a função conativa, centrada no destinatário, característica do tipo de texto voltado para o leitor/consumidor de livros impressos.

No caso das *home pages*, poder-se-ia especular que o interesse do escrevente é, aparentemente, o de falar a respeito de si para uma determinada imagem de leitor. Nesse caso, a estratégia de comunicação teria ênfase na função emotiva da linguagem, centrada no remetente. A avaliação da qualidade das informações parece apontar, no entanto, para a simulação de uma intimidade, uma vez que o conteúdo dessas informações não revela quase nada do que pode ser chamado de íntimo. A propósito do modo como a apresentação pessoal nas *home pages* é colocado, acreditamos que seu objetivo é o de estabelecimento de um *contato* com o leitor das páginas, na construção de uma apresentação pessoal – e, portanto, de uma *personagem* – que pareça simpática a esse leitor. É esse tipo de relação estabelecida entre escrevente, a imagem que ele faz de si e o leitor das *home pages* que gostaríamos de problematizar. O que parece relevar desse tipo de atividade é, como se disse, a necessidade de contato com outro usuário de internet. A estratégia comunicacional seria, portanto, a da *função fática*, ou seja, aquela que privilegia o estabelecimento (e a manutenção) de um contato entre remetente e destinatário. Acreditamos que o objetivo das páginas eletrônicas pessoais é o de atrair a atenção do leitor e o de manter a comunicação no meio digital. Nossa hipótese fundamenta-se não apenas no estudo do tipo de apresentação pessoal nas páginas eletrônicas, mas também na análise comparativa com outros tipos de escrita, como veremos adiante.

Observemos as marcas do texto das *home pages* que o aproximam da apresentação pessoal em orelhas de livros impressos. Poder-se-ia pensar que o remetente do texto da apresentação pessoal digital é escrito em 1ª pessoa, supostamente pelo escrevente da *home page*, enquanto o texto de apresentação do autor do livro impresso é escrito em 3ª pessoa, provavelmente pela editora responsável pela publicação do livro. A apresentação pessoal do escrevente eletrônico costuma figurar como um dos *links* iniciais da página, já a apresentação pessoal do escritor encontra-se na contracapa do livro impresso, localizável depois que o leitor realizou o percurso de folhear todas as páginas do miolo do livro. O escrevente de uma *home page* não pode contar, ao menos, com o *status* concedido aos escritores profissionais, autores de livros impressos. Consideramos que a estratégia encontrada pelo escrevente é a de simular uma relação de intimidade para atingir os outros usuários da rede. A simulação de uma intimidade entre o

escrevente e o leitor da página manifesta-se já na projeção de uma imagem (uma personagem) que o escrevente faz de si. Trata-se de pessoas supostamente simpáticas, joviais e extrovertidas, a exemplo da Faby e da Melzinho que “conhecemos” pelo acesso às páginas. O trabalho do escrevente em mostrar-se como simpático aparece evidenciado logo na página inicial dos *sites*:

Bem-Vindo à minha Home Page!!!

Olá!!! Espero que você goste de conhecer meu Cantinho Virtual. [*Faby in the Web*]

Bemvindos*** Nós estamos muito felizes em receber sua visita!!! [*Max & Lia's Home Page*]

Saudações!!! Obrigado por visitar minha modesta Home Page, um espaço aberto, dinâmico e experimental. [*Guilherme Aires Home Page*]

A projeção de uma suposta intimidade é evidenciada, também, quando se observa uma outra característica das *home pages*: a seleção de acontecimentos da vida pessoal que são apresentados nas páginas. É o que procuramos investigar a partir do estudo comparativo entre a escrita das páginas eletrônicas pessoais e a das (auto)biografias impressas.

As histórias pessoais nas home pages e nas (auto)biografias impressas

Narrar episódios individuais pode ser considerado, de certo modo, como uma prova da intimidade partilhada entre escrevente e leitor. Entretanto, mais do que uma suposta prova de intimidade, acreditamos que a incorporação desse tipo de atividade à escrita das páginas está relacionada ao prestígio social legado às (auto)biografias impressas. Com efeito, a posse de uma (auto)biografia impressa apresenta-se como indício valioso de que existem acontecimentos pessoais dignos de serem conhecidos por outras pessoas ou, ainda, de que existem qualidades suficientes nesses acontecimentos para suscitar o interesse (ou o consumo) dos leitores.

No caso das páginas consultadas, observamos a presença de seções designadas especialmente para a apresentação de acontecimentos privados sobre a vida do escrevente. As seções apresentavam títulos referentes ao assunto, como “Autobiografia”, em “Lena’s Home Page” e na página de Douglas Custódio; “História”, na “Paty’s Agapê”; “Minha história”, em “Kikinho’s World”, e “Nossa história”, em “Max e Lia’s Home Page”. O que releva da construção dessas seções é, certamente, o *modo de edição* das histórias pessoais consideradas como pertinentes pelos escreventes.

A propósito da questão da edição, gostaríamos de apontar para a reflexão de Chartier (1999), que considera que a edição e a distribuição no âmbito dos textos eletrônicos tornam-se “uma coisa só”. Segundo Chartier, o produtor desse tipo de texto pode ser imediatamente o editor, “no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores” (Chartier, op.cit., p.16). Consideramos, pois, com Chartier, que o escrevente dos textos eletrônicos tem a possibilidade de *acumular* funções que, desde o século XIX, no período da revolução industrial da

imprensa, estavam bastante definidas, a exemplo dos papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor e, até mesmo, do livreiro. Para esse autor, com o advento das redes eletrônicas, todas essas operações podem ser tomadas quase como contemporâneas umas das outras. “Seqüências temporais que eram distintas, que supunham operações diferentes, que introduziam a duração e a distância, se aproximam” (Chartier, idem, p.17). De nosso ponto de vista, a questão da edição no mundo do texto eletrônico pode ser relacionada ao papel do autor escrevente das *home pages*. Nosso objetivo encontra-se, no entanto, na discussão de suas implicações no âmbito lingüístico-discursivo, dado o caráter de liberdade irrestrita que é, muitas vezes, conferido ao escrevente dos textos eletrônicos. Retomaremos essa questão nas considerações finais de nosso estudo sobre o gênero de escrita das *home pages* (cf. p.66 em diante).

Para o momento, prosseguimos com a caracterização das páginas do ponto de vista de um relato (auto)biográfico. Se o critério de seleção for a pertinência das informações pessoais, voltamos nossa atenção para o julgamento dos escreventes. Observamos que os relatos nas *home pages* trazem, quase sempre, referências bastante particularizadas sobre a natureza desses acontecimentos, como nome e apelido de pessoas próximas ao escrevente, além de outras referências como locais e datas, o que implica numa dificuldade (freqüente) a propósito da informatividade partilhada com o leitor digital. O escrevente parece esquecer-se de que quaisquer usuários conectados à internet, em qualquer lugar do planeta, são potenciais leitores de sua página, o que ocasiona problemas para a compreensão das histórias e das referências narradas. A preocupação em explicitar informações, sem levar em conta o conhecimento prévio do leitor, pode ser tarefa do escritor profissional, mas não se configura como regra para os escreventes eletrônicos, a exemplo do que pode ser conferido na página do jovem Raghy, de 24 anos:

Me aproximando da quinta série, era famosíssimo e comentadíssimo o colégio catarinense e todos queriam ir para ele. Minha mãe deixou eu ir. Foi lá que me aprofundei no handebol e tive bons momentos, apesar de temer muito aqueles jogos de futebol violentíssimos que existiram por um período dentro do catarinense onde era comum pessoas saírem com as pernas quebradas. Lá conheci o professor (padre?) Jorge e não ingressei nos escoteiros como pretendia. Muitas histórias se passaram lá dentro, principalmente com meu amigo Ronan Koerich; eu também comi muitos misto quentes com coca cola no recreio, que eram realmente deliciosos. E as meninas do catarinense também, sempre foram as mais lindas. [José Rebelo]

O escrevente José Rebelo, o Raghy, deixa de explicitar o nome do “famosíssimo e comentadíssimo” colégio catarinense no qual foi estudar, por pressupor, talvez, que esse tipo de informação fosse desnecessário, dada a projeção que ele confere ao colégio, marcada pela escolha do uso superlativo dos adjetivos “famoso” e “comentado”. Raghy, estudante do curso superior em Educação Física, parece enfatizar, justamente, os acontecimentos pessoais relacionados ao esporte, como os jogos de futebol “violentíssimos”, nos quais as pessoas costumavam sair com as pernas quebradas. Existem, entretanto, informações totalmente incoerentes, como as referências ao professor Jorge e ao amigo Ronan Koerich; o desejo de ser escoteiro; os lanches dos recreios; a beleza das meninas do colégio catarinense. Da maneira como estão (des)articuladas, consideramos que as informações não têm sentido para o leitor, a não ser na concepção geral da enumeração de acontecimentos pessoais de um escrevente qualquer.

Acreditamos que, ao editar os acontecimentos particulares sobre sua vida, o escrevente constrói, além da projeção de uma imagem pessoal, a projeção de uma imagem de leitor que ele supõe para sua página eletrônica pessoal. No caso de Raghy, consideramos que o escrevente projeta a imagem de uma pessoa que se aventura a participar de atividades como os “violentíssimos” jogos de handebol, ainda que o escrevente tenha mencionado seu temor por aqueles jogos. A projeção dessa imagem faz parte da trajetória desse *ex-punk* que se converte à seita religiosa *hare krishna*. A conversão “espiritual” sofrida por Raghy apresenta-se como o principal motivo para o relato de suas experiências pessoais. Já a imagem de leitor que o escrevente supõe para sua página parece advir da lembrança de seus colegas de infância, dos tempos do colégio catarinense, o que justificaria, em parte, a (des)articulação de referências como a dos nomes de colegas, a dos lanches dos recreios e a da beleza das jovens estudantes.

Em contraposição ao descuido dos escreventes digitais com a articulação de suas referências, apresentamos, a seguir, a autobiografia da feminista Rose Marie Muraro, personalidade conhecida como fundadora do Centro da Mulher Brasileira. Ao falar de sua infância, Rose Marie relata como foi vencer a deficiência visual que a acometia desde seu nascimento:

Como já disse, nasci quase cega. Meu pai e minha mãe eram primos-irmãos. Acho que foi por isso, séculos de casamentos na família, que saí cegueta.

Aos cinco anos fui ao médico, o Dr. Gallo, um dos melhores do Brasil, que disse: “Essa menina só pode aprender as primeiras letras, e depois tem que voltar para casa.” Fiquei danada! Fui para a escola e em uma semana já conseguia ler os livros do Monteiro Lobato.

Quando me viu lendo, minha mãe ficou tão assustada que resolveu me deixar no colégio. Foi então que meu sangue aventureiro começou a falar mais alto. Instintivamente, eu sentia que não podia ficar dentro dos limites do possível. Tinha que arriscar e jogar no impossível. Embora inconsciente e infantil, foi esta a minha primeira aposta no impossível. Nunca mais parei de ler. [MURARO, R.M. *Memórias de uma mulher impossível*. Rio de Janeiro, Record, Rosa dos Tempos, 1999. p.44]

A escritora elabora uma hipótese explicativa a respeito de sua deficiência visual. Em seguida, narra, com perplexidade, sua visita ao médico Dr. Gallo – identificado como “um dos melhores do Brasil” –, que a diagnostica como caso perdido. Rose Marie indica, então, o período do aprendizado de leitura e de escrita como marco de sua luta pessoal. Ressaltamos que as referências citadas por Rose Marie aparecem explicitadas para o leitor. Quando ela faz menção ao processo inicial da leitura de livros, utiliza como referência Monteiro Lobato, um renomado escritor brasileiro. Acreditamos que, a exemplo da “autobiografia” de Raghy, a autobiografia de Rose Marie tem o trabalho de construir, também, uma determinada imagem pessoal. No caso de Rose Marie, suas lembranças apontam para a imagem de uma mulher audaciosa desde a infância, que soube vencer as deficiências físicas para tornar-se uma das principais intelectuais do País. Ao contrário da desarticulação dos acontecimentos, realizada por Raghy, Rose Marie consegue selecionar explicitamente, para seu leitor, algumas de suas lembranças, no intuito de projetar uma imagem de mulher que “não podia ficar dentro dos limites do possível”.

Consideramos que a comparação entre a autobiografia dos escreventes digitais e a autobiografia impressa das personalidades sociais indica-nos uma das principais questões a propósito do estudo da atividade de escrita das *home pages*. De nosso ponto de vista, trata-se da observação de como o modo de edição das histórias, com a (des)articulação das referências pessoais, relaciona-se à necessidade de um contato com os outros usuários da internet, questão discutida, anteriormente, no estudo da apresentação pessoal dos escreventes.

50 Aproximamos a narrativa dos acontecimentos pessoais presentes nas páginas eletrônicas pessoais à escrita das (auto)biografias impressas. Em termos das funções da linguagem propostas por Jakobson, poder-se-ia dizer que a função da linguagem mais relevante em ambos os casos é a função emotiva, uma vez que a mensagem volta-se para o campo da 1ª pessoa do discurso, no papel do remetente. No caso das (auto)biografias, não se pode desconsiderar a questão mercadológica de sua produção, o que parece indicar, também, a relevância de uma função conativa centrada no destinatário. Para a avaliação das *home pages*, não se pode esquecer o fato de que a maioria dos escreventes não é figura pública que se beneficia de prestígio social, caso da líder feminista Rose Marie Muraro. Os escreventes são, em geral, pessoas comuns que decidem ter um *site* pessoal e, dessa maneira, estarem presentes, “vivos” na (e pela) internet. Afinal, no universo dos leitores digitais, quem é que pode se interessar pelas aventuras colegiais vividas pelo jovem Raghy ou, ainda, pelo cotidiano de uma dona de casa chamada Maria? Um seleto grupo de amigos e de familiares, talvez, ou algum outro pesquisador interessado pelos estudos que esse tipo de atividade pode suscitar. Consideramos, pois, que o relato das histórias pessoais dos escreventes tem sua relevância condicionada a um “falar sobre si mesmo, sempre”, independentemente de um interesse que pode ser despertado nos leitores da internet.

O que queremos ressaltar, mais uma vez, é a relevância de uma função fática no estabelecimento das relações entre escreventes e leitores. Como se disse, trata-se da questão do contato entre os usuários da internet. A necessidade de capturar a atenção do leitor é tarefa, obviamente, importante, fato que pode ser constatado no modo de simulação de uma intimidade com o leitor. No entanto, “cativar” o leitor pelo conteúdo da página não parece ser o objetivo principal desse tipo de escrita, visto que os escreventes não podem, sequer, contar com prestígio social.

A propósito da consideração do prestígio social, encontramos, no material da pesquisa, dois casos em que o escrevente utiliza uma máscara para falar de si, em 3ª pessoa, narrando uma história de vida como se não fosse a dele própria. A “Página da Biografia Não-Autorizada de DACOL” e a *home page* de Rafael Monteiro são exemplos significativos do modo como os escreventes realizam uma divisão enunciativa entre escrevente e personagem construída. Acreditamos que o objetivo é o de imprimir um distanciamento para falar das qualidades pessoais com a autoridade de uma outra “voz”. Há de se considerar, ainda, que uma narrativa em 3ª pessoa sobre os acontecimentos de uma vida particular é um tipo de construção textual legado às personalidades de destaque social, como aquelas que possuem biografias impressas. É o caso do escritor Nelson Rodrigues, que teve a história de sua vida pesquisada e editada pelo jornalista Ruy Castro e publicada pela editora Companhia das Letras. Apresentamos, a seguir, o primeiro parágrafo d’*O anjo pornográfico*:

No Brasil de 1912, se havia uma cidade adormecida, ideal para se viver ou morrer de tédio ou velhice, esta *não era* o Recife em que nasceu Nelson Rodrigues. O cenário podia lembrar Veneza, mas a atmosfera estava mais para a Verona de “Romeu e Julieta”, com seus arranca-rabos entre Capuletos e Montéquios. No dia 23 de agosto daquele ano, por exemplo, enquanto Nelson abria os olhos para a realidade além-útero e se sentia expulso do paraíso materno, a política pernambucana ardia em labaredas e o sangue respingava sobre o rio Capibaribe. [CASTRO, R. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. (grifo no original)]

Logo no início da obra, o também escritor Ruy Castro dá indícios de como será o ritmo da vida de Nelson Rodrigues, ao ponto de o dramaturgo ser considerado, por muitos, como uma “personagem de si mesmo”. O tom de polêmica não é, todavia, exclusividade de uma obra que se preste a reverenciar Nelson Rodrigues. A questão da incorporação da polêmica, como forma de suscitar o interesse do público leitor pela vida do biografado, parece ter sido absorvida, também, pela atividade de escrita das *home pages*. É o caso do “biografado” Guto da Col, cuja vida é revelada ao público não por meio de uma mera biografia, mas de uma “biografia não autorizada”:

Nos idos de 1973, nascia Guto, apenas mais um garotinho na pequena cidade [de Socorro (SP)], mas que prometia muito... Já no primário despontava como garoto inteligente e maroto, como diziam as pessoas na época... Tais características foram se tornando mais fortes no seu caráter e no colégio ele já se aventurava na liderança estudantil, numa mal fadada incursão no Grêmio Estudantil do Narciso Pieroni... Até hoje há controvérsias sobre a sua participação e importância nessa instituição que não mais existe... O que se sabe com firmeza é que esse garoto não achava que a pequena cidade era mais para ele e resolveu se fazer gente na cidade grande... Uma pequena passagem rápida por Campinas e lá estava Guto na cidade que o acolheu no seu meio acadêmico: São Carlos, a capital do Clima e da Tecnologia... [Página da *Biografia Não-Autorizada de DACOL*]

O conhecimento de que uma “biografia não autorizada” é uma publicação impressa das editoras que apostam na história de pessoas consideradas interessantes e polêmicas pelo público leitor é o que parece conduzir a escolha do escrevente por esse título e por esse tipo de escrita, de certo modo, “semelhante” ao trecho extraído da biografia de Nelson Rodrigues. Em ambos os casos, há o desenvolvimento de um cenário no qual a história será ambientada. Trata-se de um “Brasil de 1912”, no caso da história de Nelson, e dos “idos de 1973”, para o jovem Guto da Col. A história da vida de Nelson, entretanto, será contada ao longo das 457 páginas que compõem um trabalho impresso. O jovem escrevente Guto não dispõe de tamanho espaço físico, nem mesmo de meio de comunicação idêntico para sua veiculação. Guto começa logo a narrar os acontecimentos de sua vida. Num único parágrafo, salta da infância em Socorro, interior paulista, para a vida universitária na cidade de São Carlos, também no interior do Estado.

O segundo caso de utilização do recurso da máscara para narrar acontecimentos pessoais foi constatado na página de Rafael Monteiro, um garoto que “foi considerado” – de modo aparentemente imparcial, pela própria biografia – como a “criança mais linda do mundo”, na ocasião de seu nascimento:

Uma história de vida

No dia 16 de Dezembro de 1983, as (sic) 15:05 da tarde, o Hospital e Maternidade Paulistano presencia o Nascimento da Criança mais linda da (sic) mundo:

Rafael Monteiro Matias da Silva

Conheça a história de sua vida nessa página maravilhosa. [*Rafael Monteiro* (grifo no original)]

52 O suposto prestígio do biografado é evidenciado pelo trabalho de adjetivação dos elementos textuais. Para Rafael, não basta que ele seja a “criança mais linda do mundo”. É necessário, também, que sua história de vida seja contada por meio de uma página “maravilhosa”. Ironicamente, parece ser esse mesmo trabalho lingüístico que desautoriza o leitor a conceber a verossimilhança do texto apresentado, visto que se imagina que uma pessoa que fale tão bem de uma outra, utilizando os adjetivos escolhidos, só pode estar sendo desleal (e irônico) em seu julgamento.

A propósito da comparação entre as (auto)biografias presentes nas *home pages* e aquelas que são impressas pelo modo tradicional, gostaríamos de realizar uma outra consideração. A exemplo do que pode ser encontrado nas (auto)biografias e em outros tipos de livros impressos, observamos, no material da pesquisa, uma seção de dedicatórias e de agradecimentos organizada pelos escreventes. No caso dos livros impressos, a dedicatória é colocada, em geral, ainda no início da obra, antes da apresentação e do sumário, como pode ser constatado em *Memórias de uma mulher impossível*, de Rose Marie Muraro. Nessa obra, a dedicatória encontra-se na página 5; os agradecimentos, na página 7; o sumário, a partir da página 9. O trecho a seguir foi retirado da página de dedicatória desse livro:

À minha mãe, que está completando o seu tempo em paz ao meu lado.

À Marta Suplicy, caso, um dia, ela se candidate à Presidência da República. Caso contrário, esta dedicatória fica automaticamente cancelada.

Ao Vicente de Percia que, como eu, soube apostar no impossível.

[MURARO, R.M. *Memórias de uma mulher impossível*. Rio de Janeiro, Record, Rosa dos Tempos, 1999. p.5]

No caso das páginas eletrônicas pessoais, observamos que a prática mais corrente é a de que a dedicatória e os agradecimentos sejam colocados no final da lista de referências dos *links* presentes no *site*. Essa lista de referências, que funciona como um tipo de sumário da página eletrônica, encontra-se, em geral, na página inicial. Os exemplos abaixo foram retirados das páginas de Gian Franco Cagni Barbosa e de Paulo André Diniz Pimentel, respectivamente:

Dedicatória

Dedico minha Home page à muitas pessoas, principalmente essas:

A mim mesmo, que se não fosse eu, não haveria nada aqui...

Ao maior mágico de todos os tempos – E aí Fábio? –, que me ensinou como colocar a Home Page no ar...

A um grande amigo meu – Fala Gerson – Que me deu mó apoio!!!

A um “bicha” da minha classe – Oi Lucas –, que vive me criticando...

A minha mãe e ao meu pai, que se não fossem eles, não haveria a Gian’s Page...

E para finalizar – E aí Galera? –, a todos os internautas desse universo – Será que exagerei? –... :-)

[*Gian’s Page*]

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, pois acho que se não fosse ele, talvez nem estivesse aqui.

Devo a Ele a minha existência.

Mas deixando o Cara de lado, gostaria de agradecer às seguintes pessoas:

- À meu pai;
- À Netium, por ter cedido esse espaço pra mim, e por ter divulgado minha Homepage na página principal;
- À todos os usuários de Internet em todo o mundo, afinal de contas é navegando que se aprende...
- À Fábio Ascenço, pois foi na página dele que encontrei muitas gifs animadas e muito Java Script. O cara é um gênio!
- À todos os que colaboraram para a criação desta página, seja de forma direta ou indireta.

[*HomePage do Paulo André Diniz Pimentel*]

Há semelhanças que podem ser constatadas nas páginas pessoais desses dois jovens escreventes. O paulistano Gian, de 17 anos, dedica sua *home page* às pessoas que considera importantes, a exemplo dele próprio, de seus pais, de alguns amigos e de outros usuários da rede. O amazonense Paulo André, de 23 anos, agradece, primeiramente, a Deus, por sua existência, para, em seguida, agradecer às pessoas que também considera importantes, como seu pai, o amigo Fábio, outros usuários da internet, além do provedor Netium, que possibilitou a veiculação de sua *home page*. A respeito de uma comparação entre a dedicatória da página de Gian e a dedicatória do livro de Rose Marie Muraro, observamos que a de Gian caracteriza-se pela informalidade. O escrevente utiliza-se de marcadores conversacionais típicos da modalidade falada para evidenciar a interlocução que procura estabelecer com as pessoas para as quais dedica a página. É o que aparece marcado em enunciados como “E aí Fábio?”, referente ao amigo que o ajudou a colocar a página em circulação; “Fala Gerson”, referente ao amigo que lhe deu apoio; “Oi Lucas”, a respeito do colega de classe que o critica; “E aí Galera?”, a propósito dos outros usuários de internet. A dedicatória de Rose Marie é mais formal, tanto no trabalho lingüístico com as escolhas lexicais quanto no trabalho de sua sintaxe. Rose Marie parece, ainda, preocupar-se com a disposição dos eleitos em sua dedicatória (inicia a lista com a mãe para, em seguida, citar Marta Suplicy e Vicente de Percia), preocupação que parece não atingir o jovem Gian, que começa a dedicatória por si próprio (“se não fosse eu, não haveria nada aqui”), para mencionar seus pais (“se não fossem eles, não haveria a Gian’s Page”) em penúltimo lugar, antes apenas dos demais internautas.

Nosso trabalho de investigação comparativa entre a escrita das páginas eletrônicas pessoais e a das (auto)biografias tradicionalmente impressas indicou-nos, portanto, pontos de semelhança e de diferença entre esses tipos de escrita. Consideramos a relevância desse e de outros estudos – como o



estudo comparativo entre a apresentação pessoal nas *home pages* e a apresentação pessoal em orelhas de livros impressos – para a constituição de parâmetros para o gênero de escrita das *home pages*. O conceito de gênero que procuramos seguir encontra-se fundamentado num certo conjunto de relações intergenéricas que pode (e deve) ser descrito. Acreditamos que a relevância dessa investigação está em apontar para a heterogeneidade que constitui a atividade de escrita – e, portanto, os sujeitos/escreventes – e para a singularidade desse mesmo trabalho, identificado a partir dos traços descritos.

Para o prosseguimento de nossa tarefa investigativa, passaremos a avaliar a escrita das *home pages* no âmbito de convivência com as cartas manuscritas e os *e-mails*.

Mensagem para “você”: *home pages*, cartas manuscritas e *e-mails*

O trabalho de investigação das páginas eletrônicas pessoais apontou, ainda, para a possibilidade de relação entre esse tipo de escrita e o tipo de escrita das cartas manuscritas e o das correspondências eletrônicas (*e-mails*). A relação que estabelecemos justifica-se, prioritariamente, pelo modo de interpelação estabelecido entre escrevente e leitor da página, o qual consideramos semelhante, em determinados aspectos que serão descritos, ao de cartas manuscritas e ao de *e-mails*. Com efeito, o jogo enunciativo de *dirigir-se ao outro* por meio do uso de pronomes de tratamento que denotem intimidade aparece como uma das características desses tipos de textos. Observamos, por exemplo, no material da pesquisa, que o pronome de tratamento “você” (“vocês”, “vc”, “vcs”) é empregado em 90% das *home pages* analisadas. Segundo Cunha & Cintra (1985), o emprego do pronome “você” no português brasileiro é indicativo de uma forma de intimidade no tratamento. O “você” pode ser empregado, também, fora desse campo, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior (seja em idade, em classe social ou em hierarquia) (cf. Cunha & Cintra, op.cit., p.284). Excluídas as exceções que serão analisadas nesta parte do trabalho, consideramos que o emprego do pronome “você” é realizado pelos escreventes digitais com o propósito de estabelecer contato com quaisquer leitores, considerado o nível de abrangência da internet. Iniciamos o ponto de investigação entre a escrita das *home pages* e a das cartas manuscritas e *e-mails* a partir desse modo de interpelação.

O trecho a seguir pertence à página de apresentação pessoal do jovem Márcio Caparica Carlos, 20 anos, estudante do curso de Engenharia da Computação da UNICAMP:

Se **você** cruzar comigo e me cumprimentar, e eu fizer uma cara de quem nunca te viu antes, não se ofenda. Este pode não ser eu! Eu tenho um irmão gêmeo chamado Danilo, o qual cursa Medicina aqui na Unicamp também. Se isso acontecer com **você**, não se preocupe. Noventa por cento das vezes, ele não morde. E, se **você** tiver a infelicidade de ser um dos 10% mordidos, **você** também não precisa se preocupar muito, pois ele já foi vacinado contra raiva e a maioria das doenças assim transmitidas. No entanto, nunca se sabe com o que ele está mexendo lá na Medicina e que doenças desconhecidas ele pode ter entrado em contato, então é melhor **você** procurar o posto de saúde mais próximo, ou se submeter ao programa de fornecimento de cobaias da Medicina. [Question! Homepage (grifo nosso)]

Acreditamos que, no caso específico das páginas eletrônicas pessoais, o emprego do pronome “você” cumpre a função de simulação de uma intimidade entre escrevente e leitor que se desconhecem. O exemplo extraído da página do escrevente Márcio é representativo dessa simulação. Márcio constrói uma determinada situação para explicar que, se um dia deixar de cumprimentar o leitor do texto – “você” –, a culpa pela indelicadeza desse gesto pode ser atribuída à existência de um irmão gêmeo do escrevente. Consideramos, pois, que o escrevente visa à construção de uma imagem pessoal que possa parecer simpática ao olhar do leitor. Há de se considerar, também, as particularidades que constituem a projeção de uma imagem de leitor para esse texto. No caso de Márcio, poder-se-ia imaginar que essa imagem de leitor esteja vinculada ao ambiente de convívio universitário (“aqui na Unicamp”) e, desse modo, sua mensagem, alusiva à possível confusão com o irmão, destinar-se-ia, principalmente, aos colegas do *campus*. No entanto, sabe-se que o texto digital pode ser lido por qualquer usuário conectado à internet. O escrevente que identifica o leitor como “você” amplia o raio de abrangência de seu texto, pela utilização de uma designação de ordem genérica. Desse modo, ainda que se considere que exista uma projeção de imagem de leitor para os textos, a construção textual nas *home pages* permite que quaisquer leitores sintam-se “bem-vindos” à página.

Para Brandão (1998), o “você” é uma representação que, distinta do “eu”, pode ganhar uma ilusória identidade no processo de alocação. O título de “ilusória identidade” justifica-se pelo emprego de uma máscara de tratamento personalizante. No caso do texto publicitário, analisado por Brandão, essa máscara visa a um interlocutor anônimo, ou seja, qualquer um que ler o texto – recurso utilizado, como acreditamos, na escrita das *home pages*. No caso das cartas manuscritas e dos *e-mails* que denotam essa intimidade marcada, acreditamos que o uso do pronome “você” é empregado a partir de uma interpelação individual da pessoa com quem se fala. O exemplo que se segue foi extraído de uma carta manuscrita endereçada a um interlocutor explícito:

Cps, julho de 1998

Fá! Olá!!

Engraçado como o tempo passa e nós nem percebemos. Estava tentando fazer os cálculos de quanto tempo faz que não nos falamos, e não consegui chegar a nenhuma conclusão, mas que faz muito tempo, e que parece que foi ontem mesmo que nos encontramos no shopping.

Estou muito feliz por saber que você está fazendo mestrado aqui em Campinas e ainda por cima por saber que a pensar que a gente gosta está por perto (você é claro), lutar para conseguir realizar os sonhos.

Espero, que agora, estando mais perto, você me faça uma visita, pois é muito bom ver os amigos.

Você está gostando de Campinas? Seu preferiu Assis?

Eu gosto de Gp, apesar de achar que tudo fica longe, mas por ter muitos estudantes, durante a semana, é mais agitado do que Assis que para mim é parada.

Como dia 20 também é dia de amigos, estou enviando uma mensagem para data e que possamos comemorar lá por muito tempo, e ainda duplamente.

Quando você tiver um tempinho, me ligue, ou escreva para voltar as novidades.

Um beijo

Karina Nazareno

FIGURA 4 - Carta enviada por Karina

Reproduzimos, abaixo, o texto da carta:

Cps, julho de 1998

Fá! Olá!! [desenho de uma "carinha" sorridente]

Engraçado como o tempo passa e nós nem percebemos. Estava tentando fazer os cálculos de quanto tempo faz que não nos falamos, e não consegui chegar a nenhuma conclusão, mas que faz muito tempo, e que parece que foi ontem mesmo que nos encontramos no shopping.

Estou muito feliz por saber que **você** está fazendo mestrado aqui em Campinas e ainda por cima por saber que a pessoa que a gente gosta está por perto (**você** é claro), lutando para conseguir realizar os sonhos.

Espero, que agora, estando mais perto, **você** me faça uma visita, pois é muito bom rever os amigos.

Você está gostando de Campinas? Ou prefere Bauru?

Eu gosto de Cps, apesar de achar que tudo fica longe, mas por ter muitos estudantes, durante a semana, é mais agitado do que Limeira que para mim é parada.

Como dia 20 também é dia do amigo, estou enviando uma mensagem pela data e que possamos comemorá-la por muito tempo, e ainda duplamente. Quando **você** tiver um tempinho, me ligue, ou escreva para contar as novidades.

Um beijão

Karina Mascarin

[grifo nosso]

O gênero de escrita das correspondências caracteriza-se, principalmente, pela consideração de um interlocutor explícito para o qual o escrevente se encaminha. A presença de outros elementos – como cabeçalho (com local e data), nome do destinatário, assinatura que identifica o remetente – é, também, importante para sua caracterização, ainda que não garanta o principal, que é o trabalho com a interlocução explícita. Nesse exemplo de carta manuscrita, a escrevente Karina dirige-se à “Fá” para tentar restabelecer um contato supostamente perdido. A existência de um conhecimento compartilhado entre as interlocutoras é evidenciada em diversos momentos do texto, como no primeiro parágrafo, em que Karina expõe a tentativa de realizar os cálculos para saber há quanto tempo não se comunicam, desde que se encontraram em um shopping. O emprego do pronome de tratamento “você”, no caso dessa carta manuscrita, é um dos indicativos do grau de intimidade entre escrevente e leitor que se conhecem pessoalmente e que partilham experiências (encontro no shopping; sentimento de amizade) e informações em comum (Karina sabe, por exemplo, que Fá cursa mestrado em Campinas).

A construção textual que visa a um interlocutor explícito também é trabalhada no caso dos *e-mails*. O *e-mail* é um dos serviços da internet mais utilizados por seus usuários, dada a maneira rápida e eficiente de troca de mensagens, que podem ser enviadas para qualquer parte do mundo. A melhor velocidade na transmissão de informações pelo menor custo é razão suficiente para que sua popularidade seja justificada no uso profissional e pessoal. Poder-se-ia dizer que o tipo de escrita dos *e-mails* aproxima-se, em determinados aspectos, do tipo de escrita da correspondência manuscrita. Elementos presentes no texto da carta manuscrita, como cabeçalho, destinatário, remetente, são repetidos, com o acréscimo de informações como o assunto da mensagem (*subject*), a data e o horário exato de seu envio (*date*). Os

trechos a seguir foram extraídos de um *e-mail* de caráter pessoal:

From: “Hideo Furuno” <furuno@uol.com.br>

To: <fabianakomesu@hotmail.com>

Subject: Ó nós aqui traveiz!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Date: Wed, 26 Jul 2000 09:55:05 -0300

Olá Fá!

Tudo bem aí com **você** e com a Grá?

Bom, desculpe o sumiço, mas foi por causa do trampo. Por aqui vai tudo bem. Bem, essa deve ser minha última semana no Folhateen. **Você** conseguiu ler alguma matéria minha? Não, ah, tudo bem!!!!!!!!!!!!!!

[...]

O pessoal do Folhateen, na medida do possível, me tratou bem [...]. As matérias que fiz, bem a primeira foi um perfil da Soninha, ex-MTV. Falei com ela, falei com ela!!!!!!!!!! (dã!!!!!!!!!!) [...] A dessa semana foi outro perfil, só que agora do Juninho Bill, ex-Trem da Alegria, que ataca com uma banda de rock. Ah, fiz umas micro resenhas sobre alguns CDs. Nada que valha a pena, só bomba, de Elton John a reggae. (bom, veja pelo lado bom, pelo menos fiquei com os CDs, argh!!!!!!!!!!!!!!)

[...]

Venham logo pra Sampa, ok? Quem sabe poderemos ir ao cinema e ver algum filme bomba, tipo Eldorado, o Tom Cruise dois, sei lá, ou a nova cinematografia do Kazaquistão!!!!!!!!!!!!!! (risos)

Beijos mil!!!!!!!!!!!!!!

Márcio Furuno :-)

P.S. Pelo pouco tempo, não fui contaminado pelo “estilo Folha de ser”!!!!!!!!!!

[grifo nosso]

Márcio inicia sua mensagem desculpando-se pelo “sumiço” e justifica-se pelo argumento de que estava trabalhando. Em seguida, o escrevente narra à interlocutora os episódios passados durante o período de trabalho no suplemento *Folhateen*, do jornal *Folha de S. Paulo*. A mensagem termina com um convite para que a interlocutora o visite na cidade de São Paulo.

Há, portanto, um conteúdo temático sobre o cotidiano que permeia a construção textual dos *e-mails*, assim como a das cartas manuscritas. O *e-mail* apresentado no exemplo incorpora, ainda, o recurso de uma mensagem posterior ao texto principal (um “P.S.”), característico das cartas manuscritas. O texto do *e-mail* apresenta o uso de um *emoticon* que indica um sorriso, junto à assinatura do remetente [“Márcio Furuno :-)”]. Esse tipo de ilustração do sentimento humano pode ser conferido, também, na saudação expressa na carta manuscrita que apresentamos como exemplo. Entretanto, diferentemente do *emoticon* empregado no *e-mail*, a “carinha” na carta manuscrita indica uma leitura “verticalizada” do texto, uma vez que o uso de dois pontos de exclamação para sua composição gráfica dispensa a inclinação da cabeça para que se reconheça essa representação.

Gostaríamos, pois, de apontar, mais uma vez, para a questão do meio de comunicação na

constituição das práticas. O emprego de um *emoticon*, a partir da utilização do sinal de dois pontos, de um traço e de um parêntese, só tem sentido pelo uso instrumental do computador. A escrita dos *emoticons* na internet é concebida para um modo de leitura “horizontal”, que requer de seu leitor a habilidade de inclinar a cabeça para o lado esquerdo, a fim de que se reconheça esse tipo de expressão facial. Já a concepção gráfica tradicional dos “sorrisos” utilizados em bilhetes informais e em cartas manuscritas, como a apresentada, indica um sentido de leitura “verticalizado” que dispensa a inclinação da cabeça para que se reconheça essa expressão. De um modo ou de outro, o que há de interessante é que o emprego dessas expressões faciais se mantém no desenvolvimento das práticas de escrita, o que evidencia as relações intergenéricas constitutivas dos gêneros.

A consideração da questão das relações intergenéricas não pode desprezar o fato de que o suporte material da internet é o mesmo para a veiculação dos *e-mails* e das *home pages*. Esse suporte material oferece determinados recursos para o uso das recorrências formais da linguagem. Atenemos, no exemplo do *e-mail* apresentado, para o emprego exaustivo de pontos de exclamação. O uso excessivo de certos sinais de pontuação pode ser indicativo do envolvimento que o escrevente quer imprimir à manifestação pela escrita. A escrita pelo computador pode otimizar a utilização desses sinais gráficos, ao permitir sua reprodução pela pressão de um dedo no botão do teclado. Já numa carta ou num bilhete manuscrito, dificilmente o escrevente utilizar-se-ia de mais de três ou de quatro pontos de exclamação, dada a natureza do tipo de trabalho manual.

Para o prosseguimento do estudo comparativo entre a escrita das *home pages* e a escrita das correspondências, manuscrita e eletrônica, retomamos a idéia de que os escreventes das páginas pessoais simulam uma situação de intimidade com seus leitores, ao utilizarem-se do emprego do pronome “você” na personalização do processamento textual. No caso das cartas manuscritas e dos *e-mails*, o pronome “você” é empregado para evidenciar o grau de intimidade existente entre os escreventes e seus destinatários explícitos. Como principal característica das correspondências, procuramos apontar para a existência de um interlocutor explícito na construção textual, em contraposição à noção de um interlocutor genérico nas páginas pessoais. Não podemos desconsiderar que os escreventes das *home pages* projetam, sim, uma determinada imagem de leitor de suas páginas, como acreditamos ter apontado nas análises que realizamos das páginas de José Rebelo (cf. p.48 em diante) e de Márcio Caparica Carlos (cf. p.54 em diante). O que queremos deixar explícito é que o escrevente de páginas eletrônicas pessoais deve considerar que quaisquer usuários de internet podem ser leitores de suas páginas. A investigação das páginas indicou-nos, então, dois exemplos em que os escreventes trabalhavam com o princípio da nomeação explícita do leitor para – acreditamos – corroborar a simulação de uma intimidade.

Com efeito, as páginas de Nelson Liu Pitanga e a de Gian Franco Cagni Barbosa apresentam um dispositivo eletrônico no qual o leitor visitante deve, necessariamente, preencher um nome para a obtenção do acesso aos *sites*. Apenas esse tipo de procedimento permite ao usuário a leitura das outras páginas.

Na página de Nelson Liu Pitanga, o Kikinho, o nome escolhido será utilizado para a saudação presente na página de apresentação, como pode ser conferido na ilustração a seguir:

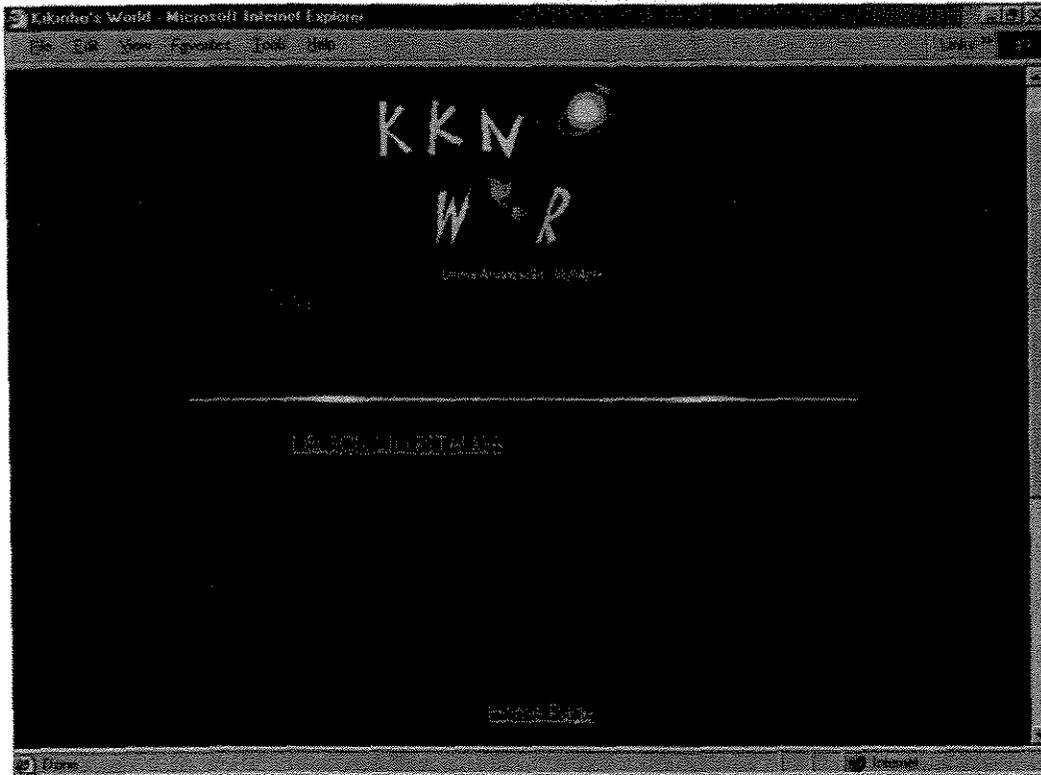


FIGURA 5 – Página eletrônica pessoal Kikinho's World

Recuperamos, abaixo, o enunciado de saudação ao visitante da página:

Oi **Fabiana**, seja bem vindo ao meu mundo!!! [*Kikinho's World* (grifo no original)]

No caso da página de Gian, o nome preenchido pelo leitor será repetido num texto padrão presente no lado esquerdo superior de todas as páginas do *site*:

Ei, já passou da meia noite, **Fabiana**!!! daqui a pouco tem um programinha da hora no Multishow (00:30)
[*Gian's Page* (grifo nosso)]

Interessa-nos, nos casos mencionados, a comparação entre o modo de interpelação nas páginas eletrônicas pessoais e o das cartas manuscritas e *e-mails*. Acreditamos que, quando a interpelação individual nas *home pages* acontece, ela difere do caráter de interpelação individual das correspondências manuscritas e eletrônicas. A necessidade de preenchimento de um nome para a autorização de acesso à página permite ao usuário forjar *qualquer nome* para que o acesso seja viabilizado. Ainda que o nome preenchido pelo visitante da página seja o verdadeiro, existe a necessidade de se considerar seus homônimos, o que significa que a “simpática” recepção nada traz como exclusividade. Em outras palavras, consideramos que as cartas manuscritas e os *e-mails* são caracterizados pela interpelação individual do destinatário, no trabalho com uma interlocução explícita, enquanto as páginas eletrônicas pessoais são marcadas por um modo de interpelação *pluralizante*, dada a possibilidade de acesso a qualquer pessoa, sob qualquer identidade. Trata-se de um recurso que visa ao contato com o leitor, na simulação de uma intimidade que é estabelecida pelo tratamento do nome próprio.

Em termos das funções da linguagem, como concebidas por Jakobson (op.cit.), poder-se-ia dizer que a atividade das correspondências manuscritas e eletrônicas fundamenta-se, principalmente, no movimento pendular entre a função emotiva, centrada no remetente, e a conativa, direcionada ao destinatário. No caso das *home pages*, corroboramos nossa hipótese de que a função mais relevante é a fática, haja vista a necessidade de estabelecimento de um contato entre escrevente e leitor. Não importa quem seja o usuário, e se ele utiliza ou não seu nome verdadeiro; o que importa é que as pessoas visitem a página do escrevente e indiquem, por meio da quantidade de acessos, o grau de relevância dessa página no universo digital.

A título de considerações finais sobre a investigação comparativa entre a escrita das *home pages*, a das cartas manuscritas e a dos *e-mails*, gostaríamos de apontar para a existência de quatro páginas eletrônicas pessoais em que encontramos mensagens para destinatários explícitos. Trata-se de casos de seções existentes em *sites* ou, ainda, de *sites* completos, encaminhados a um interlocutor explícito. A temática das mensagens diz respeito ao relacionamento afetivo (amor e/ou amizade) entre os interlocutores.

A primeira dessas quatro mensagens que iremos abordar foi mencionada anteriormente, a propósito da avaliação do modo de interlocução nas *home pages*. É a mensagem que o escrevente Gatto destinou, numa das seções do *site*, a Tatiane Nunes, a Thaty:

A HOMEPAGE DA MINHA AMIGA THATY

Uma idéia simples para mostrar o carinho do Gatto pela amiga Thaty

Amiga, tomei a liberdade de produzir esta homepage simples com as próprias ferramentas da Geocities para lhe fazer uma surpresa. Depois, vou ensinar você a usar tudo isso, inclusive a fazer e enviar a sua própria homepage para substituir essa aqui.

Seu e-mail funciona numa boa. Eu já testei!!! É claro que depois vamos mudar sua senha. No mais, aproveite. Você tem um lar na Internet agora.

Mil beijos do Gatto!

Qualquer coisa, escreva para mim! [*Casa da Thaty*]

A mensagem assemelha-se a um bilhete informal que é escrito para uma pessoa amiga, avisando-a sobre a “surpresa” de receber uma página eletrônica pessoal na internet. Há, ainda, a presença de um título e de um sub-título, como nos noticiários impressos, que parece indicar aos outros leitores imaginados pelo escrevente (à exceção de Thaty) o conteúdo daquela página. A hipótese de que o escrevente considerou outros leitores fundamenta-se, justamente, na existência do título e do sub-título, nos quais as pessoas estão citadas em 3ª pessoa e não em 2ª pessoa, como poder-se-ia imaginar para os textos de bilhetes ou de cartas com interlocutor explícito. O texto é, portanto, encaminhado para um leitor que não é a amiga Thaty.

O segundo exemplo de mensagem com interlocutor explícito foi retirado da página do jovem escrevente Paulo André Diniz Pimentel. Paulo André colocou um *link* intitulado “Oi, Simone!!!”, logo

na página inicial de seu *site*. Ao acessarmos esse *link*, encontramos a seguinte mensagem:

Oi Simone,

Você deve estar surpresa agora, coisa mais natural impossível... E eu também estou. Eu tirei essas manhãs para FINALMENTE colocar sua página no ar. Não é mais aquela de antigamente, mas eu gostaria que fosse...

Bem, eu resolvi colocar a página no ar por dois motivos: em primeiro para marcar pra (*sic*) sempre a sua aparição na minha vida... E em segundo pra (*sic*) você sempre ler o que está escrito aqui e lembrar do tempo em (*sic*) que foi bom...

Simone, o tempo passou, muita coisa mudou pra (*sic*) você, mas pra (*sic*) mim mudou muito pouco... Eu continuo sendo aquele mesmo cara que você conheceu, as mesmas palavras, as mesmas idéias, as mesmas brincadeiras... um pouco triste agora, mas ainda o mesmo (Ah, e menos gordo!). Então o que eu quero te dizer é que você fez parte da minha história, e sempre vai fazer. E vou dizer mais uma vez: você pode contar comigo pro (*sic*) que der e vier... e puder e quiser, etc... Eu sempre vou estar aqui, te entendendo, consolando, compartilhando tanto alegria quanto tristeza...

Sei lá, às vezes fico sem palavras... Mas fique certa de uma coisa: esteja você AONDE estiver e COM QUEM estiver, não importa... Esse lugar aqui nunca vai mudar, vai ser eterno. Como um dia foi.

Espero que você seja muito feliz, e “te ver feliz é o que me faz viver”... Te adoro.

Beijos de montão pra (*sic*) você!

Paulo André

Manaus, 6 de março de 1998.

[*HomePage de Paulo André Diniz Pimentel*]

Há a presença de elementos característicos de uma carta, como destinatário, assinatura do remetente, cabeçalho (nesse caso, colocado na parte final do texto) com o local e a data em que a mensagem foi escrita, além do estabelecimento de interlocução com um destinatário explícito. Ainda no primeiro parágrafo, um leitor, que desconheça Paulo André e sua história pessoal com Simone, pode inferir que a página reflete o término do relacionamento amoroso entre aquelas duas pessoas. O escrevente, que não conseguiu se esquecer de sua paixão – haja visto que ele continua o mesmo (nas palavras, nas idéias, nas brincadeiras, nos sentimentos), sendo apenas “menos gordo” fisicamente – resolve colocar uma página “no ar” para, em primeiro lugar, marcar “para sempre” a aparição de Simone em sua vida e, em segundo, para que a amada possa ler, “sempre”, o que está escrito na página e, desse modo, lembrar-se de um tempo que “foi bom”.

O que nos intriga é saber por que as pessoas deixam mensagens em *links* de acesso público – que são lidos, portanto, por outras pessoas, principalmente, as desconhecidas – se o caráter das mensagens é particular, como a declaração de amor de Paulo André e a declaração de amizade do Gatto pela Thaty. Acreditamos que os escreventes atribuem um determinado valor ao fato de que a mensagem escrita é veiculada por um meio como a internet e, sabedores do potencial de veiculação desse meio, sentem-se prestigiados com o acontecimento. Gatto, por exemplo, aconselha sua amiga Thaty a aproveitar a

página criada por ele – afinal, ela tem, agora, “um lar na Internet”. Paulo André justifica a criação daquela página na internet para Simone por acreditar que será uma maneira de marcar, “para sempre”, o tempo em que foram felizes juntos: “Esse lugar aqui nunca vai mudar, vai ser eterno. Como um dia foi.”

A oscilação entre o domínio do público e do privado parece ser, de fato, uma das principais características dos textos que circulam pela internet. Os dois últimos exemplos de textos com destinatários explícitos também fazem parte desse questionamento. Trata-se de *sites* exclusivamente construídos para a declaração de amor do escrevente para uma outra pessoa. É o que faz o escrevente Caio José Sousa em sua página dedicada à Dré:

DRE TE ADORO

DRE

Dré, este segredo é sómente (*sic*) nosso!!

Por mais que as pessoas façam para descobrir a quem pertence essa declaração e pra (*sic*) quem vai ser enviada, sómente (*sic*) eu e você é quem sabemos o que significa. Declaro aqui para o Universo o que estou sentindo!

Sim, depois de divulgado esse sentimento na INTERNET o universo saberá do meu sentimento por você!!!!!!!

DRÉ! DRÉ! o que você fez (*sic*) com meu coração!.....MAS É TÃO BOM!

FELIZ DIA DOS NAMORADOS MEU CORAÇÃO!

Daquele que te adora,

Obs: Um Beijo na JU e em Você Dré.

Ca.....!

Criado este Site em 18/05/98

Estarei renovando as mensagens.

[Caio José Sousa]

O escrevente Caio afirma para Dré que seu anonimato será mantido porque “por mais que as pessoas façam para descobrir a quem pertence” aquela declaração somente as pessoas envolvidas saberão o que ela significa. Entretanto, o sentimento de Caio por Dré é propagado por um meio de comunicação de alcance global. O escrevente parece estar ciente desse fato, uma vez que acredita que, depois de ter divulgado seu sentimento pela internet, o “universo” saberá de seu sentimento. A declaração assinada traz, também, uma observação (“Obs:”), própria dos textos de cartas manuscritas, em que o escrevente manda um beijo “na Ju” e “em você Dré”.

A temática do amor é abordada, também, na página em que o escrevente Volterri narra a história vivida com a jovem Thaís Chimbata:

Bemvidos

Dedicada à Minha Japonesa

01 de novembro de 1.994, começa verdadeiramente um namoro difícil. Foram várias as tentativas para conseguir entrar no coração daquela japonesinha tão meiga e delicada. Faixas, cartazes, e até anúncio em jornal para mostrar que eu não estava brincando. Demorou muito para perceber que eu estava apaixonado, mas com um apoio enorme de sua mãe, consegui o maior de todos os presentes você. Sabe por que resolvi escrever isto aqui na Net? Para todos saberem que ...

I ♥ You

 < volterri@amcham.com.br

[grifo no original]

A saudação “Bemvindos” é explicitamente destinada aos leitores visitantes da página, enquanto a própria página é dedicada à namorada Thaís (“Dedicada à Minha Japonesa”). Volterri, referência depreendida a partir do nome do usuário que figura no endereço de *e-mail* (indicado na parte final do texto, ao lado do ícone de caixa postal), inicia seu texto dirigindo-se ao leitor desconhecido. O objetivo parece ser o de narrar as dificuldades iniciais de seu namoro, como as várias tentativas “para conseguir entrar no coração daquela japonesinha tão meiga e delicada”. No desenvolvimento do texto, no entanto, o escrevente modifica seu interlocutor e o transforma na própria Thaís, ao revelar, por exemplo, que foi com o “apoio enorme” da mãe dela que ele conseguiu conquistá-la. Finaliza o texto com uma declaração em inglês para dizer que a ama, utilizando-se de um ícone de coração para a construção daquele enunciado. Volterri, como o escrevente Caio, deixa indicado que escolheu a “Net” para a divulgação de seus sentimentos por acreditar que se tratava de um meio pelo qual todos saberiam o que ele sentia por Thaís.

A observação de textos de *home pages* com destinatários explícitos aponta para a relevância e o prestígio que os escreventes atribuem à internet. Trata-se, nas palavras dos escreventes, de um meio cujo potencial de alcance é global, no qual as mensagens podem ser mantidas ou modificadas de acordo com a ordem dos supostos acontecimentos. Mais do que apontar para os atributos que um texto veiculado pela internet pode agregar, consideramos a existência dos modos para a veiculação dessas mensagens e para a construção de uma imagem de escrevente que circula pelas páginas.

Dos inúmeros exemplos extraídos do material da pesquisa, tivemos a oportunidade de constatar que a veiculação de uma imagem negativa do escrevente não é assunto para as páginas eletrônicas pessoais. Com efeito, mesmo no caso de uma página como a de Paulo André, em que ele escreve a declaração de seu eterno amor por Simone, o que se vê é a projeção da imagem de um “bom moço” que, conformado com o término de seu relacionamento, aceita que a ex-namorada seja “muito feliz”, esteja ela “aonde estiver e com que estiver”. O visitante de uma página como essa é incapaz de visualizar qualquer sentimento de egoísmo, inveja ou ciúmes, tão característicos da índole humana quanto o desprendimento e a abnegação que aparecem declarados no texto de Paulo André.

Consideramos, portanto, que as páginas eletrônicas pessoais caracterizam-se pela projeção de uma imagem simpática de seu escrevente, o que autoriza o leitor a pensar numa intimidade partilhada

com o escrevente. O traço de simulação de uma intimidade pode ser conferido na concepção do todo das páginas pessoais. Não se trata apenas de um modo simpático de apresentação pessoal, em que os supostos acontecimentos biográficos são narrados; trata-se, como acreditamos, de um modo característico de mostrar-se ao leitor, constituído tanto por determinadas marcas lingüísticas, quanto pela seleção apropriada de fotos e imagens. Interessa-nos, pois, tentar responder como os elementos apontados podem ser associados a um gênero constituído a partir da atividade de escrita das *home pages*.

A função fática e a confiscação da palavra nas páginas eletrônicas pessoais

A investigação da possibilidade de definição de um gênero de escrita das páginas eletrônicas pessoais teve seu início com a problematização do conceito de gênero. Procuramos estudar a questão do gênero no âmbito de suas relações intergenéricas e, para o cumprimento dessa tarefa, selecionamos alguns outros tipos de escrita para a realização de um estudo comparativo. Os tipos de escrita escolhidos foram as apresentações pessoais em orelhas de livros impressos, as (auto)biografias, as cartas manuscritas e os *e-mails*. Consideramos que outros tipos poderiam ter sido selecionados para a articulação das relações intergenéricas que procurávamos identificar. No entanto, dado o conjunto das tarefas estabelecidas para este trabalho, limitamo-nos a pesquisar somente os materiais apontados.

O objetivo do estudo comparativo entre a escrita das *home pages* e os demais tipos de escrita escolhidos era o de identificar, na heterogeneidade de sua(s) constituição(ões), particularidades em relação ao tipo de escrita das páginas pessoais. No estudo comparativo entre a apresentação pessoal em orelhas de livros impressos e a apresentação pessoal nas *home pages*, por exemplo, pudemos verificar como essa distingue-se daquela por empregar pronomes em 1ª pessoa (num texto supostamente desenvolvido pelo escrevente da *home page*), além de disponibilizar o texto do escrevente eletrônico como um dos *links* iniciais da página, enquanto a apresentação pessoal do escritor de livros impressos (provavelmente escrita pela editora responsável pela publicação do livro) caracteriza-se por se encontrar na contracapa da obra. Há a diferença mais evidente, que é a do modo de circulação desses materiais. Interessou-nos observar a questão da construção de uma imagem simpática do escrevente, tanto nas *home pages*, quanto nos livros impressos. Se, para o livro impresso, a construção de uma imagem simpática de seu autor fundamenta-se na questão mercadológica, para os escreventes das *home pages* essa questão não é pertinente, uma vez que eles não podem contar, sequer, com o *status* concedido aos autores de livros impressos. Entretanto, deve-se considerar que o empenho do escrevente em mostrar-se como simpático existe e é notório nos textos digitais. Como acreditamos, trata-se da **simulação de uma intimidade**, traço característico não apenas dos textos das apresentações pessoais, mas do todo composicional das *home pages*.

A simulação de uma intimidade entre a imagem que o escrevente faz de si e o leitor pode ser visualizada, também, nos demais estudos comparativos realizados. A composição de uma seção (auto)biográfica nos *sites*, por exemplo, é um dos elementos da intimidade partilhada entre o escrevente, que expõe os supostos acontecimentos pessoais de sua vida, e o leitor (muitas vezes, desconhecido do

autor) da página. Trata-se da edição de uma imagem que possa parecer interessante aos leitores, a exemplo das imagens das personalidades encontradas nas (auto)biografias impressas. No entanto, basta um olhar apurado do leitor para que se verifique que o trabalho do escrevente está distante de um trabalho profissional voltado para o relato (auto)biográfico. Em geral, as histórias narradas nas *home pages* estão desarticuladas em suas principais referências (como cenário, tempo da narrativa e outras personagens envolvidas), o que implica numa dificuldade (freqüente) quanto ao caráter de informatividade do texto. Os escreventes parecem empenhados na construção de uma espécie de “fala incontida” sobre si mesmos, independentemente do interesse que possa ser despertado nos demais leitores. Retomamos, neste ponto, a relevância da *função fática* para o estabelecimento de um *contato* entre escrevente e leitor. O objetivo do escrevente, acreditamos, é o do estabelecimento e o da manutenção de um contato com outros usuários da internet.

Pudemos observar, em dois outros estudos comparativos, como os escreventes das *home pages* encaminham-se aos leitores de maneira a simular uma interpelação pessoal. Como nos textos de cartas manuscritas e de *e-mails*, em que o emprego do pronome de tratamento “você” é utilizado para sinalizar o grau de intimidade existente entre remetente e destinatário, o escrevente das páginas eletrônicas pessoais utiliza-se desse pronome para marcar uma relação de suposta intimidade com o leitor (em geral, desconhecido e anônimo) de seu texto. O “você” é empregado como uma máscara de tratamento personalizante, uma vez que quaisquer leitores podem “preencher” a função de seu destinatário.

Foi verificada, ainda, a existência de casos em que o escrevente utiliza-se de um programa do computador que solicita ao visitante da página o preenchimento de um nome próprio, para que o acesso seja permitido. Consideramos que esse tipo de interpelação individual difere do caráter de interpelação individual das correspondências manuscritas e eletrônicas, visto que, em primeiro lugar, o usuário pode valer-se de qualquer nome para que o acesso à página seja efetuado e, em segundo lugar, o nome preenchido pelo visitante não implica em exclusividade no processo de interlocução, dada a necessidade de se considerar a existência de homônimos. A interpelação pelo emprego do pronome de tratamento “você” e pelo nome próprio do leitor são estratégias utilizadas para a composição da já assinalada simulação de uma intimidade.

Acreditamos que o leitor que ponderar com atenção as apresentações pessoais e as histórias dos escreventes poderá concluir que o modo de apresentação é, quase sempre, o único. Não há casos registrados de páginas em que os escreventes apresentam uma imagem negativa a seu respeito ou, ainda, em que assumem uma atitude mal-educada com os leitores. Os escreventes das *home pages* parecem que imaginam possuir uma irrestrita liberdade de expressão no desenvolvimento de suas páginas, muito provavelmente, graças ao modo de edição e de distribuição dos textos eletrônicos, mencionado anteriormente na reflexão de Chartier (1999) [cf. p.39]. Aquilo de que o escrevente dos textos eletrônicos parece não se dar conta é que, na realidade, ele não tem o direito de se expressar, senão nos termos previstos pelas práticas que regem a veiculação de sua imagem na internet.

Em termos das funções da linguagem propostas por Jakobson (op.cit.), poder-se-ia dizer que há uma ênfase na função fática, caracterizada por fórmulas mais rituais que informativas. Para o que nos

interessa, a consideração sobre a função fática como característica do gênero de discurso das *home pages* deve ser refletida, ainda, em termos dos estudos de Reboul (1980), cujo trabalho é direcionado para o redimensionamento do problema das funções da linguagem, como propostas por Jakobson.

Corrêa (1993), em trabalho citado anteriormente, ressalta, na reflexão de Reboul, a tentativa de conceber as funções da linguagem como *propriedades de discursos*. Segundo Corrêa, os atos de comunicação, no interior dos quais foram originalmente concebidas as funções da linguagem, ganham, dessa maneira, a exatidão da pontualidade histórica de um discurso. Corrêa considera, no entanto, que Reboul, na tentativa de relacionar a linguagem com a ideologia, acaba por restringir a historicidade do discurso, ao permitir-se uma sua categorização excessivamente pontual, como aquela que cria a categoria dos “discursos ideológicos”:

Por mais polêmica que possa ser essa categorização [a dos “discursos ideológicos”], a qual, em contrapartida, implicaria na existência de discursos puramente “comunicativos”, interessa-nos muito mais a dupla passagem que o autor propõe: (a) dos atos de comunicação para os discursos e (b) das funções como efeitos comunicativos para funções como propriedades – traços históricos – de discursos. Deixa-se, desse modo, o âmbito pragmático-informacional da linguagem para se passar a ver a dimensão pragmática da linguagem no âmbito da convivência e da singularidade históricas, portanto como comunicação num sentido ampliado. [Corrêa, op.cit., p.46]

O interesse de Corrêa pelo estudo do chamado discurso ideológico é, também, partilhado por nós. Corrêa considera a existência de dois postulados propostos por Reboul, a respeito do tratamento das funções da linguagem no “discurso ideológico”, e adverte que seu interesse está na investigação do segundo, pois é nesse que Reboul afirma a existência de um hiato entre o propósito implícito do destinatador (“função real”) e a forma verbal que ele utiliza (“função aparente”). É nesse segundo postulado, também, que Reboul aponta para a questão que a camuflagem de uma função pela outra consiste em um tipo de dissimulação ideológica (cf. Corrêa, *idem*, *idem*).

Corrêa realiza uma breve revisão do modo como Reboul encara cada um dos pólos da comunicação e termina por deter-se no tratamento dado por Reboul à função fática, que é o que nos interessa para a discussão sobre a atividade de escrita das *home pages*. Na avaliação de Corrêa, Reboul concebe a função fática do que chama discurso ideológico como **confiscação da palavra**:

Segundo o autor [Reboul], a eficácia da função fática se consoma pelo fato de que ela freqüentemente se apóia nas cinco outras funções, podendo mascarar a confiscação da palavra no jogo com uma das outras funções. E lembra: confiscar a palavra é próprio de toda ideologia: tomar a palavra, guardá-la, proibi-la tanto quanto possível aos adversários. Estabelecer o maior número de contatos possível com o maior número de destinatários possível; ter, no entanto, o cuidado de falar o maior tempo e de forma mais forte que seus rivais é o cuidado primordial do tipo de discurso classificado por Reboul como “discurso ideológico”. [...] [Corrêa, *idem*, p.47]

É, pois, a questão do mascaramento da confiscação da palavra, no jogo enunciativo, a que nos

68 interessa problematizar no caso das páginas eletrônicas pessoais. Trata-se de um sentimento de liberdade irrestrita que os escreventes de textos eletrônicos acreditam possuir em relação ao conteúdo, ao modo de edição e de distribuição desses textos. Aparentemente, o papel da confiscação da palavra não cabe à internet, uma vez que esse meio é visto, pelos usuários, como uma rede democrática de acesso e difusão de informações. O papel da confiscação da palavra está num outro lugar, em que o escrevente acredita poder falar livremente sobre “qualquer coisa”, quando, na realidade, pode dizer “alguma coisa” sobre si apenas de uma determinada maneira. O escrevente é legitimado a falar somente de um certo modo, que é aquele que parece simpático e jovial. Quaisquer outros modos que não sejam esses estão desautorizados a serem veiculados na internet.

Há, portanto, um mascaramento da função fática na sua relação com as demais funções da linguagem. A esse propósito, Corrêa retoma as exemplificações de Reboul, levando em consideração que esse autor propõe nomes diferentes daqueles adotados por Jakobson para as funções emotiva e conativa, que passam a ser chamadas, respectivamente, expressiva e incitativa. Abordaremos a função fática e alguns de seus mascaramentos tendo como objetivo a análise de nosso material.

Segundo a avaliação que Corrêa faz da proposta de Reboul, a função fática pode ser mascarada na utilização da função referencial, uma vez que o direito à palavra (o modo pelo qual se apresenta a confiscação) fundamenta-se sobre uma realidade exterior que o destinador tem o privilégio de conhecer. O que legitima a confiscação é, portanto, uma espécie de “competência” própria dos especialistas. No caso dos escreventes das *home pages*, poder-se-ia pensar num certo domínio que o escrevente deve possuir sobre as diversas técnicas referentes ao contexto de sua produção, a exemplo dos programas de computador para a confecção e a veiculação das páginas. Não basta que o usuário tenha um computador, um *modem* e uma linha telefônica para que ele se torne proprietário de uma página na internet.

A confiscação da palavra, característica da função fática, pode ser realizada, também, na utilização da função expressiva: a autoridade que o grupo confere a seu porta-voz proíbe toda palavra contrária (cf. Corrêa, *idem*, p.48). No caso das *home pages*, a legitimação vem por meio de uma instituição que é vista como democrática em nível global, o que impede, ao menos aparentemente, a imposição de qualquer tipo de censura a seus usuários. Todavia, a censura emerge de outras maneiras. A legitimação institucional obriga que o usuário tenha uma senha de acesso para a conexão à internet, porque somente através dela o acesso é autorizado. Há, ainda, um número limite de **bytes** para cada usuário que deve ser respeitado; caso contrário, a página é tirada “do ar”. O conteúdo da página, cuja responsabilidade é atribuída ao escrevente, é supervisionado pelo provedor de acesso. As inúmeras restrições existentes encontram-se, pois, mascaradas na ilusão de uma liberdade irrestrita concedida aos usuários.

A função incitativa, voltada para o destinatário, é utilizada, também, no mascaramento da função fática. As fórmulas ao longo do discurso, que em princípio serviriam para manter o contato, não apenas renovam a atenção, como captam a benevolência do interlocutor (cf. Corrêa, *idem*, *idem*). No caso das páginas eletrônicas pessoais, poder-se-ia dizer que as convenções sociais de saudação, reproduzidas nas páginas iniciais dos *sites*, são estratégias de que dispõe o escrevente logo no momento inicial de interlocução com o leitor. A simulação de uma intimidade partilhada entre eles pode ser conferida,

ainda, na utilização de certas marcas lingüísticas (como o emprego do pronome de tratamento “você”, abordado neste capítulo) e de determinados sinais gráficos, que serão avaliados em nossas considerações sobre a modalidade escrita das *home pages*.

A propósito de um estudo sobre a modalidade escrita, gostaríamos de apontar para a utilização da função poética no mascaramento da confiscação da palavra. Para Reboul, na observação de Corrêa, as proximidades léxicas, as rimas, os efeitos de prosódia permitem não só o entendimento do discurso, mas também fazê-lo sem réplica (cf. Corrêa, idem, idem). Adiantamos que em nosso estudo sobre a modalidade escrita, observamos como os escreventes das *home pages* utilizam-se de determinados recursos lingüísticos para o estabelecimento de um “diálogo” com o leitor. Há, por exemplo, o uso excessivo de sinais de pontuação, como os pontos de exclamação, na composição dos enunciados. Poder-se-ia pensar que esse seria um modo de confiscação da palavra pelo escrevente, na simulação da intensidade de um envolvimento emocional com o leitor, o que impediria a réplica e o desenvolvimento de um diálogo além do contato.

Consideremos, finalmente, o mascaramento da função fática na utilização da função metalingüística. Segundo Reboul, ainda na avaliação de Corrêa, há censuras e restrições interiores ao discurso, que podem ser evidenciadas pelo uso de eufemismos e de tabus lingüísticos. “Você não tem o direito de falar, senão nesses termos”, sintetiza Reboul (cf. Corrêa, idem, idem). Interessa-nos, nesse ponto, prosseguir com Corrêa, que se propõe a discutir a dimensão discursiva da função metalingüística em sua relação com a confiscação da palavra, característica da função fática. Para Corrêa, o estabelecimento de um (sub-)código por meio da função metalingüística tem, na proposta de Reboul, duas funções distintas: uma delas seria a de *integração*, que consistiria em trazer o receptor para o papel de emissor, e uma função de *contestação*, ao mesmo tempo fática, porque confiscaria a palavra, e metalingüística, porque não negaria apenas o direito de falar, mas, mais precisamente, o direito de falar de um modo inadequado ao código imposto (cf. Corrêa, idem, idem).

Acreditamos que o gênero discursivo das *home pages* constitui-se num modo de enunciação caracterizado, principalmente, pela confiscação da palavra nas práticas de mascaramento da função fática. Consideramos que essa função fática nas páginas pessoais encontra-se relacionada à dimensão discursiva da função metalingüística, na qual há a necessidade de uma adequação do escrevente ao código imposto para que sua “fala” seja legitimada pela instituição. É desse modo que o escrevente das *home pages* projeta uma imagem simpática de si, que acaba por configurar-se como uma personagem que fala de maneira incontida a respeito de sua vida particular, sem se dar conta de que o conteúdo dessa fala não revela nada de realmente íntimo. As mazelas humanas são ocultadas em favor da projeção de uma imagem que possa parecer simpática ao leitor do texto eletrônico.

Ressaltamos, portanto, a existência da simulação de uma intimidade partilhada entre escrevente e leitor no trabalho de construção dessa personagem que é, em geral, simpática, alegre e extrovertida. O escrevente das *home pages* empenha-se na construção de uma personagem adequada às condições sócio-históricas de sua produção. Nesta perspectiva, retomamos o pensamento do crítico social Richard Sennett (1998), para quem a valorização da intimidade nos tempos atuais está relacionada ao declínio

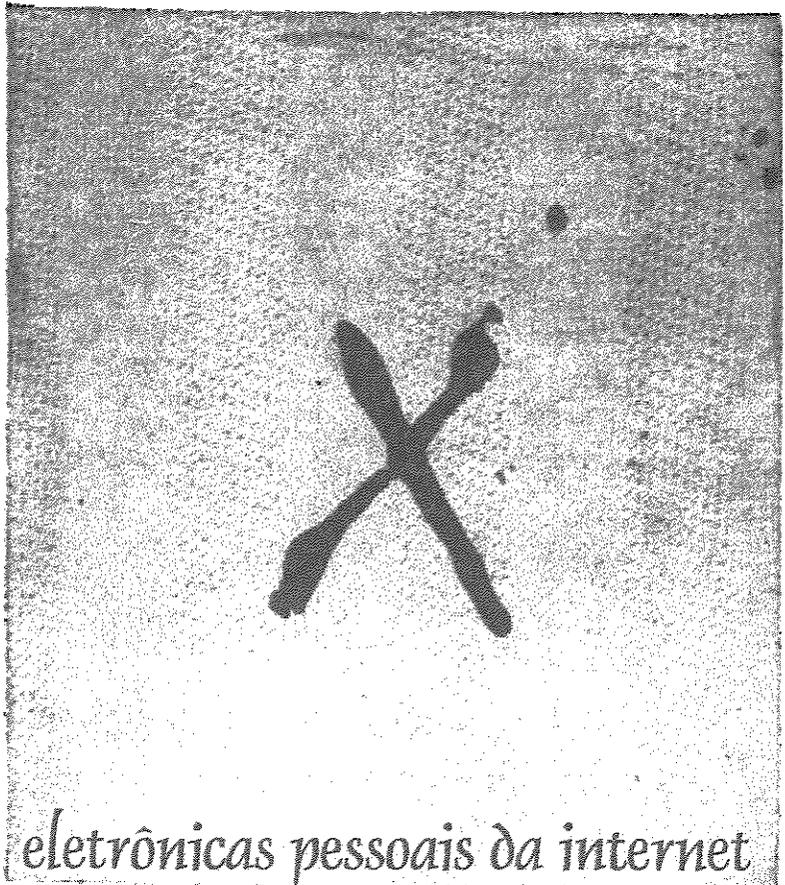
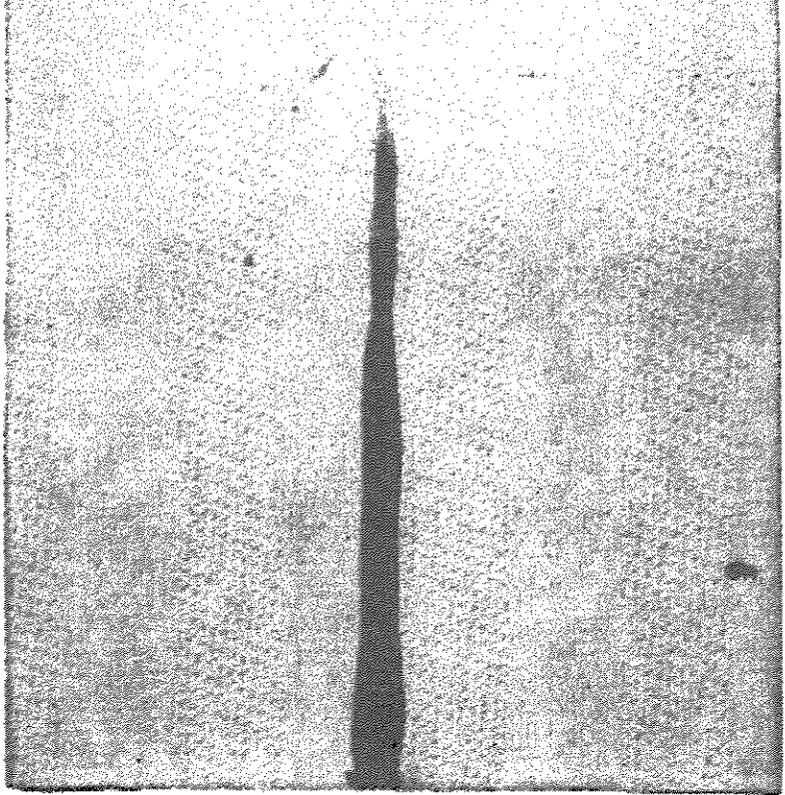
da vida pública. No caso das *home pages*, a intimidade de seus escreventes é evidenciada na exposição pública de informações e de histórias particulares. Falar de si nas páginas eletrônicas pessoais é, pois, uma maneira de estabelecer contato com o outro, mas as condições de produção desse tipo de texto não favorecem o aparecimento das diferenças e das heterogeneidades constitutivas das relações humanas. Não existe um troca efetiva (e afetiva) das particularidades de cada um; o que aparece como evidente é a exposição de máscaras que pareçam simpáticas a um leitor, também imaginado como simpático e receptivo a esse tipo de texto.

O *jogo enunciativo* da simulação de uma intimidade entre o escrevente, a imagem que ele faz de si e o leitor das páginas pessoais é avaliado na parte seguinte deste trabalho, na qual problematizamos o modo de enunciação nas *home pages*.

Nota:

¹ Em sugestão discutida no exame de qualificação e, posteriormente, em entrevista concedida, o professor Manoel Luiz Gonçalves Corrêa alertou-nos para a questão do tratamento do gênero no âmbito das relações intergenéricas, com o objetivo de não se perder de vista a concepção dialógica da linguagem, característica fundamental dos estudos bakhtinianos. Essa sugestão foi particularmente significativa e merece crédito explícito.

o modo de enunciação nas páginas



eletrônicas pessoais da internet

capítulo 6

A relação autor-herói/leitor nas páginas eletrônicas pessoais da internet



73

A relação “autor-herói” em Bakhtin e a atividade de escrita nas *home pages*

A coleta de grande parte de nosso material foi realizada por meio da ferramenta de busca gerenciada pela empresa brasileira de informática *Cadê?*. Na página inicial do *site* da empresa há uma seção denominada “Sociedade”, na qual o *link* “Pessoais” lista, por ordem alfabética, todas as páginas eletrônicas pessoais que se pode acessar via *Cadê?*. Em geral, é o nome completo do escrevente, seguido por uma breve descrição do conteúdo da página, que aparece na tela do monitor. Trata-se de um texto que pode ser considerado parecido com o dos anúncios pessoais em classificados de periódicos impressos, cujo objetivo é conduzir o leitor à página do escrevente. A *home page* “Faby in the Web”, por exemplo, é anunciada da seguinte maneira no *site* do *Cadê?*:

Fabiana Andréa Zanelati – Faby in the Web. Aqui você vai me conhecer e encontrar muitas coisas legais.

Ao leitor da *home page*, portanto, é oferecida a oportunidade de “conhecer” informações sobre a vida do escrevente, além de encontrar informações referentes a assuntos diversos, selecionados a partir dos interesses pessoais do escrevente. O grau de informatividade anunciado pelos escreventes oscila entre conhecer “tudo” ou “um pouco” sobre suas vidas, como pode ser conferido em outros anúncios de páginas eletrônicas pessoais:

Paula Juliana – Melzinho’s Home Page. Tudo sobre mim, meus midis favoritos e curiosidades.

Paulo André Luiz Pimentel – Saiba tudo a meu respeito: quem sou eu, onde vivo, onde estudo, o que faço etc... Assuntos diversos: sexo, futebol, turismo, bebida...

Patryk Sofia Lykawka – Um pouco da minha vida, Física, Matemática, música por computador e efeitos sonoros (sons wav), além de alguns links... Sapiroanga, RS.

Emanuela Avelar – Home Page da Manu. Um pouquinho de mim e um pouquinho do meu mundo: IRC, fontes, ícones, programinhas para dowload, textos, poesias e muito mais...

“Tudo sobre mim”, “Um pouquinho de mim”: o que pode ser constatado, de fato, na leitura das *home pages* é a seleção de supostos acontecimentos de uma existência, componentes de uma *personagem* que é apresentada ao leitor. A questão de uma *personagem* é projetiva, já que não há como o escrevente de uma página eletrônica pessoal conjugar, no trabalho da (sua) escrita, os elementos de uma existência – ainda em aberto – que a identifiquem, totalmente, à do ser que é designado textualmente. O que pode ser acessado na leitura de uma *home page* é somente a projeção de um sujeito possível, construído a partir da seleção de acontecimentos de uma vida, formalizados pelos recursos lingüístico-discursivos da modalidade escrita e veiculados no contexto de produção digital.

74

Por essa via de análise, consideramos que o escrevente de uma *home page*, no trabalho com a (sua) escrita, sempre “saberá” e “verá” mais do que a imagem “estabilizada” apresentada aos leitores de sua página. Consideramos que o escrevente é sabedor de outros acontecimentos e referências que não estão disponibilizados no texto digital. Ao escrevente cabe a escolha dos acontecimentos e assuntos que irão compor sua projeção pessoal via internet. Para Bakhtin (1997a), trata-se da tensão peculiar a uma **exotopia** (no espaço, no tempo, nos valores) que permite ao autor juntar “como um todo” a figura de sua *personagem* – o “herói”. Analisando as obras de Dostoievski, Puchkin e outros, Bakhtin propõe definir a relação entre o autor e o herói e verificar os processos e os tipos de individuação que podem ser extraídos dessa relação. Do ponto de vista bakhtiniano, trata-se de uma “relação criadora” aquela que é estabelecida entre o autor e seu herói:

O autor não só vê e sabe tudo quanto vê e sabe o herói em particular e todos os heróis em conjunto, mas também vê e sabe mais do que eles, vendo e sabendo até o que é por princípio inacessível aos heróis; é precisamente por esse *excedente*, sempre determinado e constante de que se beneficia a visão e o saber do autor, em comparação com cada um dos heróis, que fornece o princípio de acabamento de um todo – o dos heróis e o do acontecimento da existência deles, isto é, o todo da obra. [Bakhtin, 1997a, p.32-33 (grifo no original)]

Esse “excedente de visão”, condicionado pelo lugar (único) que o sujeito ocupa em relação ao outro e ao mundo, é o que permite ao autor “juntar *por inteiro*” o herói e sua vida, completando-o até torná-lo um “todo”. No caso dos anúncios sobre as *home pages*, observamos como a consideração de um “todo” da *personagem* é evidenciada, pelos escreventes, na utilização de expressões retóricas, a exemplo da expressão “tudo sobre mim”. Poder-se-ia especular que a utilização dessa expressão tem como objetivo a “captura” do leitor pela curiosidade a respeito da vida de outras pessoas. A utilização de expressões como “um pouquinho de mim” pode ser vista, também, como uma tentativa de estabelecimento de um contato com o leitor, dessa vez pela utilização de uma expressão que denote uma atenuação da pretensão do autor em relação ao que o leitor pode esperar da página, o que beneficiaria a visão de uma imagem simpática do escrevente no âmbito da convivência com outros usuários da internet.

Não é somente na relação entre o escrevente e o leitor que o *excedente de visão* bakhtiniano pode ser conferido. A questão de uma divisão enunciativa é constitutiva, também, da relação estabelecida entre o escrevente, a projeção que ele faz de si e do leitor das páginas. Acreditamos, pois, na relevância

de uma concepção dialógica da linguagem para a investigação de seus acontecimentos. No caso das páginas eletrônicas pessoais, trata-se da discussão de um gênero discursivo constituído por um certo conjunto de relações intergenéricas que procuramos identificar, e que seria caracterizado, como acreditamos, pela ênfase na função fática da linguagem. Nossa hipótese inicial, fundamentada na investigação de uma escrita que se propõe como conversação nas *home pages*, foi direcionada à investigação de uma escrita que, aproximada da fala, apontava para a simulação de uma intimidade entre escrevente e leitor. A questão que procuraremos desenvolver a partir desse direcionamento da pesquisa está vinculada ao que se pode depreender do modo de enunciação que essa simulação de uma intimidade propõe.

De nosso ponto de vista, o escrevente das *home pages* trabalha na construção de uma personagem (o “herói”) que pode ser caracterizada como uma espécie de “escultura” que fala ao leitor de maneira “incontida”. Como se disse na avaliação das relações intergenéricas constitutivas desse gênero, o escrevente das páginas pessoais tem a ilusão de poder falar “qualquer coisa” sobre si, quando, na realidade, cabe a ele falar apenas “alguma coisa”, de determinada maneira. Não há relatos, por exemplo, da exposição das dificuldades e problemas sofridos pelos escreventes das *home pages*, o que poderia ser esperado se considerarmos que são, também, sentimentos humanos. A *confiscação da palavra* é deslocada para o campo ilusório de um poder que o meio não permite que seja estabelecido.

Preocupamo-nos em definir de que maneira os escreventes poderiam receber a designação de “autores”, uma vez consideradas as constrições referentes às relações mediadas pela internet. A definição de uma noção de autoria no trabalho com a escrita das *home pages* está, pois, articulada ao estudo do modo de enunciação nas páginas eletrônicas pessoais.

Uma noção de autoria para as páginas eletrônicas pessoais

O autor nos é dado como “fonte”, “origem”, “criador”, na definição institucionalizada pelos dicionários contemporâneos. Interessa-nos refinar essa definição, tendo em vista que a prática do escrevente merece ser vista na complexidade de sua enunciação e na avaliação das relações que são estabelecidas para a construção de um *jogo enunciativo* entre o escrevente, a imagem que ele faz de si e do leitor da página. A construção de um jogo enunciativo, no trabalho de escrita pelo escrevente, não pode se esquivar da consideração de uma concepção sócio-histórica da linguagem. Desse modo, a noção de autoria, associada à concepção de um poder criativo irrestrito na linguagem, torna-se incoerente aos propósitos desta pesquisa.

Acreditamos que o trabalho do escrevente das *home pages* encontra-se fundamentado no princípio de “agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”, a exemplo do que propõe Foucault (1996) em sua discussão sobre a função do autor no discurso. Para Foucault, a função do autor constitui-se como um dos procedimentos de controle e de delimitação do discurso, uma vez que sua concepção vincula-se não ao indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas ao domínio em que a atribuição a um autor é de regra. Desse modo, Foucault considera

que, numa determinada sociedade, certos gêneros (como o literário, o filosófico e o científico), para circular e serem recebidos, têm necessidade de uma identificação dada pelo nome de seu autor.

Admitimos que o trabalho do escrevente das *home pages* não pode ser associado, diretamente, à distinção realizada por Foucault para a qualificação dos discursos. Afinal, os escreventes das páginas pessoais não podem ser tomados como “fundadores da discursividade”, ou seja, como sujeitos fundadores não apenas de suas obras, mas produtores de possibilidades e regras de formação de outros textos (Foucault, 1992). O que procuramos para a avaliação das páginas pessoais é a apuração de uma noção de autoria, dado que a palavra “autor” possui implicações diversas nos estudos lingüístico-discursivos.

76

Chartier (1999), em sua revisão da noção de autoria, retoma o conceito que vigorava da Idade Média à época moderna, quando definia-se a obra pelo “contrário de sua originalidade”, por ser o escritor considerado um instrumento de uma Palavra que vinha de um outro lugar (divino), ou por não ter outra função a não ser a de comentar, ou glosar, aquilo que já estava “ali”. Há um momento de ruptura, identificado no período que antecede os séculos XVII e XVIII, em que os autores são, com frequência, representados em seus retratos no ato de escrever suas próprias obras e não mais no de ditar ou de copiar sob o ditado divino. Segundo Chartier, eles tornam-se “escritores” no sentido que a palavra assume em francês no correr dos últimos séculos da Idade Média, isto é, eles compõem uma obra. Para que exista a figura do autor, no entanto, são necessários critérios, noções e conceitos particulares. Chartier esclarece que a língua inglesa evidencia bem a noção de autoria ao distinguir “*writer*”, aquele que escreveu alguma coisa, de “*author*”, aquele cujo nome próprio concede identidade e autoridade ao texto. Ainda segundo Chartier, pode-se encontrar num dicionário de francês antigo, datado de 1690, a distinção entre a função atribuída aos “*écrivains*” – aquela que permanece manuscrita, sem circulação – e a dos “*auteurs*”, qualificada como aquela que publicou obras impressas (Chartier, op.cit., p.31-32).

Como admite Chartier, é, contudo, Foucault aquele que talvez melhor tenha refletido sobre a emergência, na história, da função do autor. Ao estudar as circunstâncias que produziam as primícias discursivas, Foucault evoca que os textos do início da era moderna, por transgredirem a ortodoxia política ou religiosa, eram censurados e perseguidos. Para a identificação e a condenação de seus responsáveis, tornou-se necessário designá-los como autores. De acordo com Chartier, as primeiras ocorrências sistemáticas e ordenadas alfabeticamente de nomes de autores encontram-se nos índices de livros e autores proibidos, estabelecidos no século XVI pelas diferentes faculdades de teologia e pelo papado e, posteriormente, nas condenações dos parlamentos e nas censuras dos Estados. De um ponto de vista foucaultiano, trata-se da “apropriação penal dos discursos”, ou seja, trata-se do fato de poder ser perseguido e condenado por um texto considerado transgressor:

Assim que se instaurou um regime de propriedade para os textos, assim que se promulgaram regras estritas sobre os direitos de autor, sobre as relações autores–editores, sobre os direitos de reprodução, etc. – isto é, no final do século XVIII e no início do século XIX –, foi nesse momento que a possibilidade de transgressão própria do acto de escrever adquiriu progressivamente a aura de um imperativo típico da literatura. Como se o autor, a partir do momento em que foi integrado no sistema de propriedade que

caracteriza a nossa sociedade, compensasse o estatuto de que passou a auferir com o retomar do velho campo bipolar do discurso, praticando sistematicamente a transgressão, restaurando o risco de uma escrita à qual, no entanto, fossem garantidos os benefícios da propriedade. [Foucault, 1992, p. 47-48]

Para Chartier, não bastava ao autor escapar da censura e das condenações para ser definido positivamente. Era necessário que o autor se beneficiasse de um estatuto jurídico particular que reconhecesse sua propriedade. O processo de reconhecimento da propriedade literária inicia-se a partir do século XVIII “para se desfazer talvez no final de nosso século”. Com efeito, segundo Chartier, para os autores da atualidade, o perigo de perder seus direitos é mais difundido que o de perder sua liberdade (Chartier, *idem*, p.45). Encontramo-nos, então, com a problemática da questão da autoria nos textos eletrônicos. Dadas as possibilidades de (re)escrituras múltiplas, dos plágios e das imitações, quais os critérios que podem caracterizar uma obra – e, no caso desta pesquisa, o direito de um texto ser atribuído a um determinado escrevente – independentemente da possibilidade de “desmaterialização”, de “descorporalização” da obra pelo processo eletrônico?

Para o que nos interessa, uma noção de autoria no espaço eletrônico deve ser especificada na análise qualitativa de sua produção escrita, a qual permitiria identificar o trabalho do sujeito com a (sua) escrita, na inserção por esse gênero que procuramos definir. Admitindo o conceito de gênero como um certo conjunto de relações intergenéricas previstas, o gênero pode dar margem ao tratamento de um *estilo individual*, construído a partir de um trabalho do sujeito com essas relações intergenéricas. Esse trabalho pode ser detectável nas articulações, lingüisticamente marcadas, entre os gêneros. O estilo individual surgiria, portanto, das relações de sentido que cada sujeito pode realizar e que dão a possibilidade, ligada à história desses sujeitos, de compor um determinado estilo. A noção de sujeito, e a de autoria, emerge, em nosso trabalho, desse “papel desestabilizador” no que se refere às relações intergenéricas previstas para o gênero de escrita das *home pages*. Consideramos que o sujeito/escrevente possui um “poder desestabilizador” no que se refere ao trabalho com a (sua) escrita, e não apenas à possibilidade (única) de reprodução de um gênero como um modelo institucionalizado, ainda mais em se tratando de um gênero em formação, caso das *home pages*.

O autor nas páginas eletrônicas pessoais seria, pois, aquele capaz de conjugar, no trabalho da (sua) escrita, a tensão peculiar a uma *exotopia*, como propõe o conceito bakhtiniano (cf. Bakhtin, 1997a). No processo de produção do texto, o autor das *home pages* seria capaz de juntar “como um todo” a projeção que ele faz de sua imagem pessoal, tendo em vista um determinado leitor. O autor das páginas eletrônicas pessoais pode ser tomado, num certo sentido, como o “nó de coerência” no trabalho com a (sua) escrita. Não é, como se disse, o “fundador de discursividade”, mas é ele quem irá lidar com a articulação das referências (pessoais) para a projeção de uma imagem. Além do trabalho de articulação de suas referências para a construção da *home page*, o autor eletrônico é, também, aquele a quem é facultada a edição dos textos eletrônicos, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores (cf. Chartier, *op.cit.*). O autor usuário de internet tem, pois, a possibilidade de acumular funções antes bastante definidas no processo editorial.

A projeção da imagem de uma personagem, tomada como simpática, encontra-se condicionada às circunstâncias sócio-históricas da produção textual que – como acreditamos – estão relacionadas à constituição de “máscaras” para o convívio público, necessárias como formas ritualísticas de comportamento em nossa sociedade. Há a simulação de uma intimidade entre os usuários da internet; essa intimidade, no entanto, limita-se a um contato que se pretende estabelecer entre escrevente e leitor. De nosso ponto de vista, essa prática refere-se à *confiscação da palavra* no exercício da função fática da linguagem, isto é, no exercício de um gênero marcado por fórmulas mais rituais que informativas. O escrevente, entretanto, acredita que é ele mesmo, em sua “totalidade”, quem está “ali”, projetado na tela digital. É seu “excedente de visão”, condicionado pelo lugar (único) que ele ocupa em relação ao outro e ao mundo, é o que permite “juntar *por inteiro*” a projeção de uma personagem de si. Acreditamos que o estudo do modo de enunciação na escrita das *home pages* permite-nos apontar para uma divisão enunciativa entre o autor, o “herói” e a projeção da imagem que ele faz do leitor. Não deixamos de olhar, portanto, para a heterogeneidade constitutiva dos sujeitos e da própria linguagem.

A relevância da noção de “forma” no trabalho dos sujeitos/escreventes

Visando ao estudo do modo de enunciação dos escreventes digitais, não poderíamos desconsiderar a relevância da discussão sobre a noção de “forma” na constituição do gênero de escrita – e dos sujeitos/escreventes – das *home pages*. Para o encaminhamento dessa reflexão, recorreremos às contribuições de Possenti (1993), mais especificamente, ao estudo que esse autor realiza sobre a noção de “forma” nos enunciados. Para Possenti, “forma” não se reduz a recobrir o que é apreendido sob a noção de significante; antes, constitui-se como o veículo lingüístico pelo qual é plasmada a “materialidade significativa” (Possenti, op.cit., p.117). A proposta de uma investigação do modo de enunciação das páginas eletrônicas pessoais, evidentemente, deve considerar a escolha – realizada pelo sujeito/escrevente – de determinadas formas, em detrimento de outras, para a composição dos enunciados.

A relevância da noção da forma, para Possenti, está diretamente ligada à questão estilística. Com efeito, segundo esse autor, o estilo possui como traço constitutivo básico o modo como o sujeito articula a forma e o conteúdo, no processo de textualização, para obter o efeito que quer obter. Baseando-se nos estudos filosóficos de Granger,² Possenti considera que o estilo é a possibilidade de escolha do sujeito no *trabalho com a linguagem*, por mais que essa escolha seja pouco livre, considerando as numerosas constrições que podem pressionar o trabalhador (Possenti, idem, p.172).

A concepção de estilo direcionada ao trabalho do sujeito pode ser compatibilizada, segundo a leitura que Possenti faz de Granger, à noção de acontecimento proposta por Foucault (1996). Possenti retoma a noção foucaultiana de acontecimento, lembrando que sua característica essencial é a “não necessidade”, ou seja, uma “possibilidade”, entre outras, em determinadas condições. Para Foucault, “não se trata, bem entendido, nem da sucessão dos instantes do tempo, nem da pluralidade dos diversos sujeitos pensantes; trata-se de cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis” (Foucault, op.cit., p.58). A noção de acontecimento discursivo

constitui-se, portanto, na possibilidade de emergência dos sujeitos e das práticas discursivas, dadas as condições sócio-históricas existentes. Se, para Foucault, o discurso não é atravessado pela unidade do sujeito, mas por sua dispersão, o “nó de coerência” desse emaranhado está na função por ele atribuída ao autor, como já nos referimos anteriormente.

Nosso interesse está voltado ao modo como o escrevente articula os elementos lingüístico-discursivos em sua história individual com a linguagem. Acreditamos que a concepção de estilo a que se refere Possenti pode ser associada à noção de estilo individual a qual nos reportamos. Com efeito, o escrevente das *home pages* é aquele que consegue articular não apenas a forma e o conteúdo, mas é, também, aquele que consegue articular um certo conjunto as relações intergenéricas previstas para sua inscrição no gênero de escrita das páginas pessoais.

No caso das *home pages*, a relevância da forma presente nos enunciados deve considerar o “modo heterogêneo” que constitui esse tipo de escrita. Em outras palavras, trata-se de observar as relações que o escrevente estabelece entre as modalidades escrita e falada no processo de textualização, explorando as possíveis flutuações quanto ao modo de lidar com essa ambigüidade (cf. Corrêa, 1997b). E as possibilidades de “flutuação” no processo de uma escrita que se propõe como conversação são, de fato, inúmeras, considerando o modo como o interlocutor constitui seu enunciado visando à produção de determinados efeitos. Possenti aponta, no âmbito discursivo, para a relevância da forma na produção desses “efeitos estilísticos”, para além da materialidade do som enquanto tal. Não se pode desprezar, como observa esse autor, os fatos do “âmbito da intonação”, como os que denotam, em bases culturais relativamente codificadas, sentimentos humanos como o da ironia, a amistosidade, a irritação, a agressividade etc., marcando a individuação de sujeitos falantes em categorias sociopsicológicas correntes (como “pavio curto”, “caipira”, “travesti”, “homem”, “mulher”, “criança”) e de discursos (como “secretos”, “irônicos”, “de palanque” etc.) (Possenti, *idem*, p.118).

O que nos interessa nesse estudo estilístico é o modo como o sujeito formaliza, no trabalho de articulação entre as modalidades escrita e falada, o “âmbito da intonação” que pretende imprimir. Consideramos que a utilização de determinados recursos lingüístico-discursivos – a exemplo de determinadas marcas enunciativas, certos sinais de pontuação e sinais gráficos como os *emoticons* – aponta para a tentativa do escrevente representar aspectos prosódicos da (sua) conversação na modalidade escrita. Acreditamos que o emprego desses recursos tem como objetivo a simulação de uma intimidade entre o escrevente e leitor das páginas pessoais, na caracterização do gênero de escrita das *home pages* por meio da função fática da linguagem.

Buscando aprofundar a investigação sobre a relevância da noção de “forma” na constituição do gênero – e dos sujeitos/escreventes – das *home pages*, propomos os estudos que se seguem a respeito das relações entre modalidade escrita e modalidade falada na constituição do modo de enunciação nas páginas eletrônicas pessoais.

Nota:

- ² GRANGER, G.G. (1968) *Filosofia do estilo*. São Paulo, Perspectiva-EDUSP, 1974 apud
POSSENTI, S. (1993) *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo, Martins Fontes.

capítulo 7

Divisão enunciativa: o autor, o “herói” e o leitor nas páginas eletrônicas pessoais

No que se refere à materialidade lingüística do próprio texto, acreditamos que os papéis desempenhados pelo autor, pela personagem que ele constrói de si (o “herói”) e pelo leitor das páginas podem se identificados na detecção de certas formas marcadas que manifestam a “heterogeneidade constitutiva” do sujeito e dos discursos (Authier-Revuz, 1990). Ainda que no processo de interlocução esses papéis sejam intrincados, procuraremos apontar para suas principais características individuais.

O papel desempenhado pelo autor do texto eletrônico, por exemplo, relaciona-se ao papel de uma personagem que ele projeta de si. A construção de uma imagem que pareça simpática e que “converse” com o leitor aponta para a solicitação de uma atenção por parte desse leitor, mesmo que as informações veiculadas não expressem absolutamente nada de relevante em relação à intimidade do escrevente. A solicitação que o autor faz de um contato, “o tempo todo”, com o leitor, pode ser conferida na utilização excessiva de pontos de exclamação que buscam a atenção desse leitor. A utilização excessiva de pontos de exclamação marca a presença tanto do autor, quanto a da projeção de uma personagem que se pretende mostrar como simpática e comunicativa:

!!!!!!!!!!!!<—————>SEJA BEM VINDO<—————>!!!!!!!!!!!! [Marco Losso's Home-Page]³

Fiz uma home page bem simples e fácil de se navegar, espero que se divirtam e VOLTEM SEMPRE!!!!
[Home Page da Meiguinha]

Oi!!! Aqui você encontrará coisas que esperamos lhe serem (*sic*) interessantes... se não forem, o problema é seu “MaLuCo”!!! :-) [Friends Page]

O primeiro dos exemplos listados explora determinados sinais gráficos, como os pontos de exclamação e os tracejados, para a composição gráfica de um enunciado (que se pretende bastante exaltado) de saudação aos leitores. Além da utilização excessiva desses sinais, o que poderia indicar uma maior inflexão na leitura do que está escrito, no caso de uma leitura em voz alta, o escrevente Marco escreve o texto em letras maiúsculas, um outro indício da solicitação da atenção dos leitores da página. O recurso da utilização de letras maiúsculas para a obtenção da atenção dos leitores é, também,

usado pela escrevente Isadora, na “Home Page da Meiguinha”. Ao solicitar aos leitores que “voltem sempre” à página, Isadora faz uso de letras maiúsculas para o pedido de retorno, o que diferencia esse trecho do restante do texto, e finaliza o enunciado utilizando-se de quatro pontos de exclamação. Como era de se esperar da imagem de uma pessoa (auto-intitulada) “Meiguinha”, a escrevente avisa que sua *home page* é “bem simples e fácil de se navegar”, na antecipação de uma possível (e constante) queixa dos leitores, que se vêem confrontados, muitas vezes, com a dificuldade de acessibilidade a *home pages* complexas, com muitos *links*, no âmbito de um sistema de conexão eletrônica que deixa muito a desejar. O que se pode verificar, nos enunciados analisados, é a confirmação de uma projeção de imagem que possa parecer simpática aos leitores da internet.

82 A preocupação dos escreventes em obter visibilidade no espaço digital pode ser conferida, ainda, num dos enunciados de “Friends Page”, em que os escreventes Tina e Digo “recepionam” os leitores com o cumprimento “Oi!!!”, composto por três pontos de exclamação. Além da utilização desses pontos para a “captura” da atenção do leitor, há de se considerar que o cumprimento “Oi” requer, quase que obrigatoriamente, um par adjacente, no contexto de uma conversação (ou na simulação de uma conversação) face a face. A consideração desses pares conversacionais – por exemplo, o do cumprimento “Oi/Oi”, mas também “Seja bem-vindo/Obrigado” e “Voltem sempre/Obrigado” –, que recepionam os leitores nas páginas iniciais dos *sites*, marca-se, portanto, como uma das características do gênero de escrita das *home pages*. Esse tipo de recurso caracteriza, também, a divisão enunciativa que é trabalhada pelo escrevente na construção de sua imagem pessoal (simpática e comunicativa) projetada nas *home pages*.

Ainda em “Friends Page”, a utilização da expressão coloquial “o problema é seu ‘MaLuCo’!!! :-)” evidencia a relevância da forma para a composição do enunciado. O léxico “MaLuCo”, no emprego dessa gíria para uma pessoa sem juízo (talvez considerado próprio para a faixa etária dos jovens usuários de internet), aparece grafado na intercalação de letras maiúsculas e minúsculas, o que seria representativo, pelo menos em primeira instância, de uma ausência de ordem, de uma coisa “maluca” (ainda que se possa verificar uma determinada ordem entre letras maiúsculas e minúsculas na grafia desse léxico). Os escreventes utilizam-se, também, de três pontos de exclamação para a composição desse enunciado, além de um *emoticon* que indica um sorriso, posicionado no final do enunciado. Poder-se-ia dizer que a utilização desse “sorriso”, logo após o enunciado “o problema é seu ‘MaLuCo’!!!”, visa a confirmar a projeção de imagem de uma personagem que pareça simpática ao leitor, na consideração, talvez, de um problema que não é exclusivo dos leitores. Se os leitores não encontram na página nada que seja de seus interesses, os próprios autores parecem indicar, no uso do *emoticon*, uma “certa consciência” de que o problema não diz respeito apenas aos visitantes da página. Não se sabe da história de usuários da internet que desprezem a opinião pública ou, pelo menos, a audiência dos outros usuários. O uso do *emoticon* pode estar marcando um comentário dos autores em relação à sua própria condição de existência na internet, o que poderia ser tomado como “é brincadeira, sabemos que o problema de não haver nada de interessante nesta *home page* não é somente seu, é nosso também”. Poder-se-ia dizer, ainda, que o uso do *emoticon* marca o comentário irônico dos autores (e de suas personagens) em relação à condição

dos leitores que nada teriam a fazer se não gostassem da página. O que importa é que o emprego de *emoticons* é característico tanto do papel de autor quanto do papel de “herói” nas páginas.

Ainda a propósito do estudo do modo de enunciação nas *home pages*, analisamos como o escrevente marca a presença do leitor nas páginas. Acreditamos que a presença do leitor evidencia-se, em especial, pelo uso de enunciados interrogativos na construção dos textos digitais, principalmente no que diz respeito a lugares enunciativos em que o autor articula o texto escrito à imagem (em geral, uma fotografia) pessoal. Em geral, trata-se de perguntas retóricas em que se espera uma resposta (afirmativa) por parte do interlocutor. Lembremos que a resposta, advinda de outros usuários de internet, é sempre uma surpresa, por serem desconhecidas as características e preferências deles. Nesse aspecto, acreditamos que o escrevente das *home pages* visa a uma determinada imagem de leitor que está, também, condicionada à simulação de uma intimidade compartilhada entre eles.

Um exemplo de enunciado interrogativo de caráter retórico, como o discutido, pode ser conferido na página de apresentação de Fabio Becker, em que o autor exibe uma foto em que aparece sorridente, acompanhada pelo comentário:

Esse aí sou eu. :-) Lindo não?

A ilustração a seguir refere-se à página acessada:

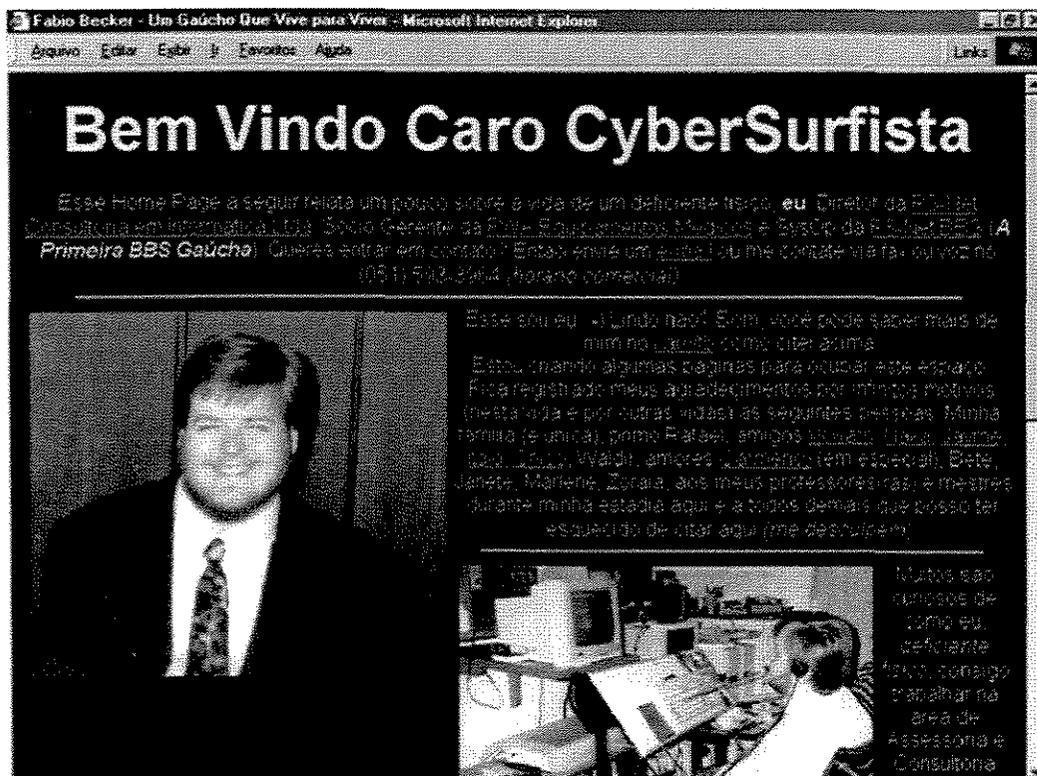


FIGURA 6 – Página eletrônica pessoal Fabio Becker

Sendo desconhecidas as características dos leitores das *home pages*, um enunciado como “Esse aí sou eu. :-) Lindo não?”, parece expor, particularmente na solicitação de confirmação (“Lindo não?”), antecipada pelo uso de um *emoticon* que indica “sorriso”, uma certa posição de ironia por parte de quem escreveu, na tentativa, talvez, de antecipar possíveis comentários maledicentes quanto ao aspecto físico do escrevente. Trata-se de um exemplo característico do modo como a divisão enunciativa aparece marcada na escrita das páginas eletrônicas pessoais. O autor, caracterizado pelo emprego pronominal da 1ª pessoa (como o pronome pessoal “eu” que rege o verbo “ser”), projeta uma imagem simpática de si ao se utilizar de um *emoticon* que indica um “sorriso”. A projeção de uma personagem (o “herói”) é caracterizada na posição de ironia que o *emoticon* permite indicar. Esse sinal gráfico antecipa, ainda, a confirmação da presença do “outro”, que deverá concordar com a suposta opinião emitida pelo escrevente. Poder-se-ia afirmar, portanto, que se trata de um exemplo de funcionamento do *excedente de visão* do autor em relação à projeção da imagem do “herói”. Seria o caso, ainda, da consideração de funcionamento do *excedente de visão* do leitor em relação ao autor até o limite do ridículo, caso o leitor não concorde com a suposta opinião do escrevente e a tome sem perceber a possibilidade de ironia na formulação do enunciado “Lindo não?”.

Vejamos, ainda, um outro exemplo, extraído da seção “Fotos” da “Home Page da Manu”, em que a autora da página apresenta seu namorado aos leitores:

Olha eu aí!!! Rindo feito uma bobal!!! Mas uma boa gargalhada» faz parte dos melhores momentos da nossa vida, né??? Foi custosa, mas até que enfim a página das fotos está mais ou menos organizada! Aqui, justo nessa página (mesmo porque não poderia ser em outra.. hehehehe) Estão algumas fotos minhas (logicamente).. Mas também estão fotos de amigos que, de uma forma ou de outra, constituiram um marco importante na história da minha vida.. Essa página deve permanecer por toda a sempre em construção.. A sua dinâmica estará sempre acompanhando a dinâmica do meu existir (profundo, não??? hehehe)

»Curiosos (as)??? Esse aí é o meu Namorado... :))))))
 Ele ficou quase 3 anos no Japão trabalhando...
 (gostou um bocadinho de lá, né???) Mas acho que tenho um espaçinho na vida dele também.. Afinal de contas.. ele está de volta!!! :)
 Ele é um músico maravilhoso (sei que sou suspeita pra falar, mas ele toca bateria como ninguém) ... Tem uma sensibilidade incrível... Aprendi um mundo de coisas com ele... Também... Não poderia ser diferente com 4 anos e 9 meses (quase) de namoro... Essa foto foi numa festa a fantasia que a gente foi na "Gafieira" (hehehehe) -> Fizemos algumas aulinhas de Dança de Salão... Nas festas dançamos a maior parte do tempo...

1 2 3 4 5
 deodines

FIGURA 7 –
 Página eletrônica pessoal
 Home Page da Manu

Reproduzimos, a seguir, o texto escrito pela autora sobre seu namorado:

>> Curiosos (as)??? Esse aí é o meu Namorado... :)))))) Ele ficou quase 3 anos no Japão trabalhando... (gostou um bocado de lá, né???) Mas acho que tenho um espacinho na vida dele também... Afinal de contas... ele está de volta!!! ;) Ele é um músico maravilhoso (sei que sou suspeita pra falar, mas ele toca bateria como ninguém) ... Tem uma sensibilidade incrível... Aprendi um mundo de coisas com ele... Também... Não poderia ser diferente com 4 anos e 9 meses (quase) de namoro... Essa foto foi numa festa à Fantasia que a gente foi no “Gafieira” (hehehehe) - -> Fizemos umas aulinhas de Dança de Salão... Nas festas dançamos a maior parte do tempo...

Analisando o texto digital acima, buscamos identificar as pistas presentes na “Home Page da Manu” que marcam a presença da escrevente, da personagem que ela constrói e a presença de seu leitor. Começando pela legenda da foto, encontramos, indicados, a autora (“Manu”) e seu namorado (“My Boy”). O texto propriamente dito é iniciado pela indicação de dois sinais gráficos (“>>”) que relacionam a imagem ao texto escrito. É interessante observar que a maioria dos enunciados que compõem o todo do texto não termina com o ponto que marca a intonação descendente (o que caracterizaria, de um modo geral, uma pausa no movimento de leitura). Em lugar do ponto, verificamos que a escrita das *home pages* utiliza muitos pontos de exclamação, de interrogação e reticências, na tentativa de, acreditamos, imprimir maior inflexão na leitura do que está escrito e, desse modo, marcar o texto no tom de um “diálogo” coloquial, divertido, entre escrevente e leitor.

A atenção do leitor é solicitada por Manu logo na formulação do primeiro enunciado sobre a foto a que se refere o texto: “Curiosos (as)???”. Trata-se de uma pergunta coloquial – característica, talvez, das conversas entre os jovens, mas, principalmente, das relações humanas –, marcada pelo emprego de três pontos de interrogação, o que leva a enfatizar a atenção do leitor. A presença do leitor e a solicitação da confirmação de uma pergunta retórica são evidenciadas, mais uma vez, no enunciado parentético “(gostou um bocado de lá, né???)”, presente no texto. Poder-se-ia pensar que a pergunta é formulada diretamente ao “outro” identificado como o namorado de Manu, no comentário parentético sobre a quantidade de tempo em que o rapaz ficou trabalhando no Japão. A solicitação da confirmação pelo emprego do “né???” pode ser tomada, ainda, como uma alusão (irônica) da autora à língua japonesa, reconhecida pelos ocidentais pela inflexão tonal de sua pronúncia.

O que fica evidente na formulação desse texto, no entanto, é a presença da figura da autora e de uma personagem (simpática e romântica, apaixonada pelo namorado) que ela constrói. Com efeito, poder-se-ia dizer que a Manu, personagem de si mesma, aparece evidenciada em vários momentos do texto, a exemplo do uso (exagerado) de reticências, que aponta para a imagem de uma pessoa que está, o tempo todo, “suspirando” pelo amor de seu namorado, e que solicita ao leitor que “preencha”, com sua imaginação, o que não se completou com o término gramatical dos enunciados. Para o enunciado “Esse aí é o meu Namorado...”, por exemplo, poder-se-ia pensar que um possível comentário aguardado por Manu, a partir da leitura realizada por outros usuários, seria: “Como ele é bonito e charmoso, que homem maravilhoso, você é uma mulher de sorte!”, uma vez que o enunciado é seguido de um *emoticon*

que indica uma “gargalhada” (provavelmente, que expressa a alegria e a satisfação pessoal da autora), o que indicaria o *excedente de visão* que a autora possui em relação à personagem que ela constrói de si. Esse *excedente de visão* da autora em relação à sua personagem é evidenciado, ainda nesse texto, pelo uso do *emoticon* que indica uma “piscadela” no final do enunciado “Afim de contas... ele está de volta!!! ;)”. Ao narrar ao leitor a trajetória de seu namorado, Manu considera que um dos motivos que o motivaram a voltar para o Brasil foi o amor existente entre eles. A “piscadela” vem confirmar o posicionamento da autora de que ela é uma pessoa especial na vida do namorado, de que ela possui um “espaquinho na vida dele também”.

A projeção de uma imagem que pareça simpática ao leitor é marcada, principalmente, pelo uso de *emoticons*, mas também pelo emprego de uma “risadinha” que caracteriza a constituição dessa personagem. Ao comentar a foto em que aparece com o namorado, Manu parece justificar-se para o leitor quanto ao uso das roupas coloridas (em especial, talvez, as de seu namorado, que aparece vestido com uma camisa vermelha e um colete preto), alegando que se tratava da ocasião de uma festa à fantasia. O que poderia parecer ridículo pretende tornar-se divertido no comentário parentético da autora em relação à sua personagem: “Essa foto foi numa festa à Fantasia que a gente foi no ‘Gafieira’ (hehehehe)”.

A respeito da detecção de papéis no modo de enunciação nas *home pages*, gostaríamos, por fim, de considerar que o leitor também aparece marcado no trabalho da (sua) escrita nas páginas pessoais. Trata-se do trabalho de emissão de opinião sobre a página acessada, nas sessões de *guestbooks* (livros de visitas), existente em algumas páginas. 30% das páginas que compõem nosso material apresentavam esse tipo de recurso. Em geral, o visitante preenche um formulário, no qual fornece dados como nome, *e-mail* e/ou endereço de sua página pessoal (**URL**), local de procedência e modo pelo qual encontrou a referência para chegar até àquela página. Em seguida, redige suas opiniões, sugestões e críticas e as envia de maneira *on-line*. O *guestbook* é oferecido ao usuário pela empresa que mantém a página “no ar”. Como a maioria dos provedores utiliza a língua inglesa para a confecção das páginas, o formulário exhibe as instruções em inglês. Campos para preenchimento, como os de referência, aparecem com uma lista já pronta das opções possíveis. Por exemplo, as referências possíveis para se chegar à página de Fabiana Kawassaki, que é hospedada pela empresa de informática Geocities, são: pelo *site* da própria empresa ou outras empresas relacionadas à informática (“Geocities”, “Yahoo!”, “Altavista”); pela publicidade do Geocities, que é exibida via internet (“Clicked on our Banner Advertisement”); pela referência encontrada em algum outro livro de visitas (“Signing another Guestbook”); pelo processo de “navegação” nas páginas (“Just Surfed On In”); pela recomendação de um amigo (“From a Friend”) etc.

É comum, também, que a página disponibilize a opção de visualização das opiniões emitidas pelo próprio visitante e por outros leitores. Foi a partir do recurso de visualização que acessamos o *guestbook* de Fabiana Kawassaki, a Bibi. Vejamos um dos exemplos, extraídos desse “livro de visitas”:

Name: Paulo Alexandre Andrade Freund

Website: Freund's Home Page

Referred by: Clicked on our Banner Advertisement

From: Curitiba – PR

Time: 2000-05-26 23:03:01

Comments: Meus Parabéns Bibi! Este é o melhor site que já visitei na web. Fiquei impressionado com o seu incrível bom gosto! Um dia ainda vou fazer um site tão bonito como o seu. Mesmo que para isto eu demore algumas encarnações, mas um dia eu chego lá! :0) Um abraço e sucesso!!!

Não há como afirmar se o visitante Paulo Alexandre conhece a autora da página. É provável que não, dado que no formulário preenchido ele informa que chegou até a *home page* por intermédio da publicidade exibida pela empresa Geocities. Nosso interesse está em observar o modo de enunciação dos leitores, quando se colocam na posição de visitantes que exibem sua opinião via internet. No exemplo retirado da página de Bibi, podemos dizer que um visitante, devidamente identificado, apresenta-se à autora da página para elogiá-la, de maneira simpática e educada. É interessante observar que o visitante Paulo Alexandre faz uso de determinadas marcas que observamos para a caracterização dos papéis de autor e de “herói” nas páginas. No comentário que redige, utiliza-se de um ponto de exclamação para parabenizar Bibi, logo no primeiro enunciado. Prossegue o texto fazendo uso de enunciados declarativos para encerrar, novamente, com a utilização de pontos de exclamação, que permitem apontar para uma maior inflexão na leitura do que está escrito, no caso de uma leitura em voz alta. Paulo Alexandre emprega, ainda, um *emoticon* que indica um sorriso, antes de sua despedida.

No exemplo a seguir, também retirado da página de Fabiana Kawassaki, podemos observar um outro tipo de trabalho lingüístico que procura demonstrar o envolvimento emocional do visitante com a autora da página:

Name: Kazuo by Movi

Website:

Referred by: Just Surfed On In

From:

Time: 2000-06-20 00:12:29

Comments: Olá!!!! tiudu bem ??? tah sumida hein minina!!!! num aparece mais no icq naum??? =*(to com moh saudades de vc!!! v s aparece blz!! te adoro!! (ow, axu ki num fico legal neh? Explica pro seu boy q foi na boa esse te adoro...hahahah) =) bye bye... from your friend kazuo.

Esse trabalho com a modalidade escrita é característico de outros contextos de escrita na internet, como os *chats* e o *ICQ*. A escrita quase “cifrada”, que se pretende passar por uma conversação face a face, traz elementos que serão abordados em nosso próximo capítulo, a propósito da modalidade escrita nas *home pages*. Há um uso evidente de sinais de pontuação, principalmente de pontos de exclamação, que compõem a maioria dos enunciados desse texto. Há, também, o emprego de uma “risadinha” que finaliza a ironia do escrevente em relação à sua própria afirmação: “Explica pro seu boy q foi na boa esse te adoro...hahahah”. Existe, ainda, o emprego de dois *emoticons* que marcam os comentários do escrevente: o primeiro deles encontra-se logo após a indagação de Kazuo a Bibi, a propósito de seu

“desaparecimento” nas listas de *ICQ*. Kazuo lamenta o fato de Bibi estar “sumida” e comenta, com uma expressão de tristeza e de lágrimas nos olhos, que está com saudades dela:

=*(to com moh saudades de vc!!!

O visitante emprega um sinal de “igual a”, mais um asterisco e um parêntese, para a composição desse *emoticon*. É relevante observar que Kazuo faz uso do necessário emprego de um parêntese, que já estaria na composição de um enunciado parentético, para a formulação desse *emoticon* que indica “tristeza”. O segundo *emoticon*, um “sorriso”, aparece no final da mensagem, antes das despedidas de Kazuo. É formado pelo emprego de um sinal de “igual a” e um parêntese:

=) bye bye... from your friend kazuo

O que queremos problematizar na avaliação dos comentários dos visitantes é a existência da projeção de uma imagem de leitor que é realizada pelo próprio visitante/escrevente dos *guestbooks*. De nosso ponto de vista, o leitor da página, que assina os “livros de visitas”, também compartilha com o autor um modo de enunciação que pareça simpático e educado. Com efeito, nos dois exemplos analisados, o que releva dos comentários é o “tom simpático” com o qual o visitante se refere à autora. Não há quaisquer tipos de críticas ou de sugestões em benefício da página. Poder-se-ia imaginar que esse tipo de relacionamento é característico dos visitantes da página de Bibi, mas deparamo-nos com outros exemplos igualmente “simpáticos e educados”, extraídos de páginas diversas:

Date: 14.2.99/17:57

João Paulo (asseplam@sol.com.br/ no homepage) wrote:

VOCÊ REALMENTE É UM MELZINHO, SIMPÁTICA E ADMIRÁVEL! CONTINUE SEMPRE ASSIM, E QUE TENHA MUITA PAZ NO ESPÍRITO E AMOR NO CORAÇÃO!!! [*Melzinho's Home Page*]

Nome: Fábio F.S. (Homepage)

País ou cidade: Brasil

Data: FRI Aug 27 12:08:04 1999

Comentário: A página tá muito legal. O melhor site sobre vacas que já visitei... ;-) [*Vaca's Virtual Farm*]

10/04/98 09:40:55

Name: Bad Bunny My URL: [Visit Me](#)

My Email: [Email Me](#)

Comments: Nice page. Very informative. Keep it up. [*Max e Lia's Home page*]

O modo simpático e educado que parece caracterizar a maioria dos comentários dos visitantes das *home pages* retoma nossa tese de que a escrita das páginas eletrônicas pessoais é marcada pela função fática da linguagem. Mesmo considerando que o lugar enunciativo dos *guestbooks* é destinado à

veiculação das opiniões pessoais, o que encontramos é, meramente, o contato estabelecido entre autor da página e visitante. O que parece prevalecer é a simulação, agora de uma simpatia e de uma polidez, para a caracterização dos visitantes. O objetivo parece ser o de registrar sua passagem pela *home page*, um “estou, também, aqui na internet”.

Encontramos um único caso, dentre as *home pages* a que tivemos acesso ao *guestbook*, no qual o visitante não faz elogio algum ao autor da página:

Nome: Boi Comedor de Vaca (Homepage)

País ou cidade: Vacalácia

Data: MON Oct 11 07:10:54 1999

Comentário: Vaca, vou ser bem sincero com vc, essa sua hp é uma porcária. Ñ tem nada que me faça ter vontade de voltar aqui. Ñ é engraçada e muito menos divertida, ñ vejo NADA de INTERESSANTE nessa porcária. Então vê se faz uma alterações... leia a revista MAD, assista A VACA e o FRANGO (Cartoon Network – Eliana)... visite outros sites de Cultura Inútil... e quem sabe seu nível aumente. (...)[*Vaca's Virtual Farm*]

Nesse exemplo, até mesmo o nome do visitante é construído de maneira a agredir o autor da página, Ricardo Pacheco Rezende, o “Vaca”. “Boi Comedor de Vaca”, da localidade fictícia de “Vacalácia”, vem afirmar que não há nada de interessante que o faça voltar à página. Não esclarece, todavia, os motivos pelos quais considerou a *home page* de Ricardo uma “porcária”. As críticas permanecem, portanto, no âmbito da agressividade, e não no âmbito de uma discussão crítica, o que nos leva a refletir que a escrita dos visitantes – quer eles se mostrem “simpáticos” ou “agressivos” – marca-se, principalmente, pelo estabelecimento de um contato entre visitante e autor.

Interessou-nos observar, no emprego que os escreventes fazem de determinados sinais gráficos (a exemplo dos sinais de pontuação, mas também dos *emoticons*), das “risadinhas” e de outras marcas enunciativas, de que modo a enunciação é constituída nas páginas eletrônicas pessoais. Acreditamos ter, pelo menos, apontado para a questão da divisão enunciativa nas *home pages*, uma vez que é a *dialogia* e a *heterogeneidade* que constituem não apenas esse tipo de texto, mas a concepção de linguagem da qual partilhamos.

A propósito do uso de *emoticons* e de “risadinhas”, a análise do material apontou para dados interessantes na composição das páginas. Apresentamos, a seguir, algumas considerações sobre esses e outros tipos de recursos na escrita das *home pages* da internet.

Notas:

³A transcrição desse exemplo não obedece ao texto original. Na página principal do *site* de Marco Losso, a saudação “SEJA BEM-VINDO” possui os pontos de exclamação, à esquerda do enunciado, invertidos, como os utilizados na língua hispânica. O teclado de computador utilizado para a redação desta dissertação não dispõe desse recurso.

⁴Ainda que consideremos que o enunciado “Curiosos (as)???” seja um modo de o usuário da internet forjar uma conversação face a face com seu leitor, é interessante observar que o sujeito/escrevente parece ter uma certa “consciência” de que está se utilizando da modalidade escrita da língua para o estabelecimento dessa relação. Ao escolher marcar o questionamento “Curiosos???” , tanto no gênero masculino quanto no gênero feminino [“Curiosos (as)???”], o sujeito/escrevente parece tentar se adequar a uma esfera da atividade humana em que uma das dificuldades de comunicação consiste em saber quem será o leitor, dada a disponibilidade de acesso tanto a homens quanto a mulheres. Na tentativa de estabelecer *contato* com o maior número possível de usuários, o autor da *home page* parece se utilizar desse já consagrado recurso lingüístico para se fazer compreender.

capítulo 8

Algumas considerações sobre a modalidade escrita nas home pages

91

Na descrição inicial das *home pages* (cf. capítulo 2, p.25 em diante), observamos o uso de pontos de exclamação, interrogação, reticências e parênteses, além da utilização de *emoticons* e de “risadinhas”. De nosso ponto de vista, são recursos que apontam para a tentativa de o escrevente representar aspectos prosódicos da (sua) conversação na modalidade escrita, na ação comunicativa de um gênero que visa ao estabelecimento de um contato com o leitor. No capítulo anterior, procuramos identificar como a utilização desses recursos permite apontar para as figuras do autor, do “herói” e do leitor das páginas eletrônicas pessoais, no trabalho de uma divisão enunciativa característica da linguagem. Nosso interesse, neste capítulo, é o de problematizar a utilização de alguns dos recursos da modalidade escrita identificados na atividade das *home pages*. Iniciamos nossas investigações com a questão do uso de *emoticons* e de “risadinhas” na composição dos enunciados das páginas pessoais. Em seguida, discutimos a questão da pontuação (e sua relação com a prosódia) nesse tipo de escrita digital. Por fim, apresentamos uma investigação lexical referente à escrita das *home pages*.

Sobre o uso de emoticons e de “risadinhas”

O uso de *emoticons* foi encontrado em 44% das *home pages* analisadas. Com efeito, os *emoticons* são utilizados com frequência nos textos veiculados pela internet, não apenas naqueles que se referem às páginas pessoais, mas também nos que são transmitidos, por exemplo, em *e-mails* e em *chats*. Os *emoticons* são construídos a partir de sinais de pontuação utilizados na escrita alfabética e são utilizados para a expressão de sentimentos humanos. Para lê-los, a pessoa deve inclinar a cabeça para o lado esquerdo e, desse modo, poderá visualizar uma expressão facial humana [cf. termo “*emoticon(s)*” no “Glossário”, à p.120].

Interessa-nos observar, na consideração dos *emoticons*, a relevância de um sistema ideográfico de escrita. Para Cagliari (1999), no sistema ideográfico, o mais importante é a idéia a ser transmitida do que as palavras exatas. Basta que o leitor se depare com uma determinada representação, culturalmente compartilhada, para que o texto torne-se legível. O emprego de ideogramas na escrita não é novidade alguma, uma vez que os sistemas ideográficos em geral tiveram sua origem numa escrita pictórica, datada das primeiras inscrições humanas que procuraram representar uma palavra de uma língua.

92

No caso dos *emoticons* utilizados pelos usuários de internet, a recuperação do sentimento geral que o escrevente quis transmitir é quase imediata, visto que tanto as expressões humanas, quanto os sinais de pontuação da escrita alfabética, podem ser considerados como compartilhados em escala mundial, pelo menos no que se refere aos países em que a escrita alfabética é utilizada. Os *emoticons* são empregados na escrita dos meios eletrônicos visando à representação de um contexto oral de produção e, desse modo, acabam recuperando características desse contexto oral, como o caráter linear e sintagmático dos elementos que se relacionam numa determinada ordem. Por exemplo, é de se esperar numa conversação face a face, no contexto em que pessoas amigas se encontram, que esse encontro seja realizado com a troca de sorrisos, de apertos de mão, de beijos ou de abraços. No caso do emprego de *emoticons* nas *home pages*, é a simulação dessa receptividade entre amigos que ocorre. Na página de apresentação de Fabio Becker, por exemplo, vimos que o escrevente apresenta uma foto sorridente acompanhada pelo comentário: “Esse sou eu. :-) Lindo não?”.

É, com efeito, o ideograma que indica “sorriso” o mais usado pelos escreventes das *home pages*, muito provavelmente, dada a ênfase no contato que se pretende estabelecer entre escrevente e leitor. Aparentemente, ainda é a simpatia a qualidade valorizada entre os seres humanos. O “sorriso” na escrita eletrônica é formado, geralmente, pela combinação entre os sinais gráficos de dois pontos e de um parêntese, como em :) e em :-). Encontramos, também, outras variações de “sorriso”, como em :0) (formado por dois pontos, um numeral “zero” e um parêntese), =) (constituído pelo sinal de “igual a” e um parêntese) e =D (formado por um sinal de “igual a” e uma letra “D” maiúscula), como nos exemplos que se seguem:

Este é o meu maninho, o Marcus! Que fofinho! :0) [Melzinho's Home Page]

Espero que goste dessa Hp... =)

Não esqueça de adicioná-la no seu **Book Mark** (Ctrl+D)...

E de assinar meu Guest, OK!! =D [Bi-bi's HP (grifo nosso)]

O sinal gráfico de um sorriso exagerado, como o registrado na “Home Page da Manu” no enunciado “Esse aí é o meu Namorado... :))))))”, foi classificado por nós, nesse contexto, como uma “gargalhada” (que expressa, talvez, a alegria e a exaltação de Manu em relação ao namorado), composta pela combinação dos dois pontos e de mais de um parêntese. Dos *emoticons* analisados, verificamos nove que se utilizavam desse tipo de recurso. Cinco desses exemplos constavam da página de Manu, o que pode ser tomado como um indício do modo como essa escrevente procura ser reconhecida pela escrita, ou melhor, do modo como ela procura projetar sua imagem pessoal. Encontramos outros exemplos dessa expressão “exagerada” de alegria, em outras páginas:

Caso você, ao tentar executar a instrução não obtenha resposta ao Comando ALT-A, tem ainda uma segunda e última chance: IMPLORAR para o Sysop lhe dar um nível de SYSOP para matar suas lumbrigas!!!! :)))) [Abdon HP]

E aguardem... essa página ainda tem muito o que crescer... :))) [Roberta Brasil]

Além dos “sorrisos”, observamos também o uso, embora em menor escala, de piscadelas, formadas principalmente pela combinação de ponto-e-vírgula e de um parêntese [;)], e por ponto-e-vírgula, um traço e um parêntese [;-)]. O primeiro tipo de piscadela pode ser verificado no exemplo extraído da “Home Page da Manu” e analisado no capítulo anterior [“Afinal de contas... ele está de volta!!! ;) ”]. O segundo tipo de piscadela pode ser conferido no comentário realizado pela escrevente Faby, a propósito de seus gostos pessoais (cf. capítulo 2, p.25):

Meu nome é **Fabiana** e me considero uma garota normal (ou quase). Gosto muito de música e dançar é uma das minhas paixões, também gosto de navegar pela Internet, cozinhar, namorar (não necessariamente nessa ordem! ;-) [*Faby in the Web* (grifo no original)]

93

Encontramos, também, um beijo (constituído pelo uso de dois pontos e um asterisco), presente na despedida da escrevente Paty aos seus leitores:

Um beijão para todos da Paty :) :* [*Paty's Agapê*]

Há, no material da pesquisa, um caso de uma “língua de fora” (formada pelo emprego de sinal de “igual a” e de uma letra “P” maiúscula), registrada num comentário em “Bi-bi’s HP”, a propósito da curiosidade dos leitores virtuais em acessar a mensagem destinada ao namorado da autora da página:

Ei! Curiosidade mata, né... *risos* Brincadeirainha viu! =P

Observamos, ainda, duas páginas em que os escreventes faziam uso de *emoticon* indicando “tristeza”. Na “Home Page do Pablito”, o autor lamenta, junto ao leitor, o fato de ter parado de praticar surfe, em ocasião de seu ingresso em concursos vestibulares:

Há alguns anos atrás, vendo o meu tio surfando, resolvi começar a praticar também. Infelizmente o vestibular me fez parar... :-)

Um outro “lamento” foi encontrado em “RORA’s Main Home Page”. Na seção “Tazos!”, o autor, que no período da coleta do material contava com seus 26 anos, apresenta uma foto da torre que está montando com os “tazos” – isto é, com as peças de encaixe de brinquedo, embaladas junto aos pacotes de salgadinhos da empresa de alimentos Elma Chips –, acompanhada do comentário:

A torre está com 83 Tazos... Mas estou com um problema: o novo Tazo (O Tazo 3D) não serve para construir a torre porque ele não encaixa bem como os outros. Parece que o pessoal da Elma Chips parou de fazer o tazo voador que encaixa nos outros e eu vou acabar ficando sem insumo... :-)

Acreditamos que a tentativa de se criar uma projeção pessoal que seja amistosa, no âmbito da interlocução digital, é o que conduz a utilização desses sinais gráficos pelos escreventes. Tanto a utilização de “sorrisos”, quanto o emprego de indicações de “tristeza”, parece marcar nos enunciados digitais o propósito de estabelecer uma empatia com o leitor.

Por fim, é de nosso interesse atentar para o fato de que os *emoticons* da escrita dos meios eletrônicos estão sofrendo um processo de “migração” para outros tipos de materiais, como o impresso de maneira tradicional. De nosso ponto de vista, trata-se da evidência de que é o conceito das relações intergenéricas o que melhor define a questão do gênero para a linguagem. Os *emoticons* encontrados em veículos tradicionalmente impressos fazem parte de anúncios publicitários. A publicidade, com sua “sensibilidade” para o mercado, parece ter captado a importância do emprego dos *emoticons* e sua relação com um “modo de existir no mundo”. Poder-se-ia pensar que seu uso está vinculado ao modo de existir das pessoas “modernas” conectadas à internet, à informação em tempo real; pessoas que são valorizadas socialmente, uma vez que a tecnologia tem grande valor social. São essas as pessoas que consomem os produtos X, Y e Z; clientes preferenciais (pelo poder aquisitivo que possuem) dos produtos anunciados com os *emoticons*. É o que pode ser conferido nos três anúncios publicitários a seguir, de uma empresa de cigarros, de uma rede de lanchonetes e de uma empresa de telefonia celular, respectivamente:

No capítulo 5 deste trabalho, discutimos a relevância do meio de comunicação na constituição das práticas. Naquela ocasião, observamos que o emprego de um *emoticon* somente tem sentido pelo uso instrumental do teclado do computador, que requer do escrevente a utilização das teclas que representam os sinais gráficos da escrita alfabética (cf. capítulo 5, p.58-59). Consideramos que a escrita

dos *emoticons* na internet é concebida para um modo de leitura “horizontal”, que requer de seu leitor a habilidade de inclinar a cabeça para o lado esquerdo, a fim de que se reconheça um determinado tipo de expressão facial. O que justifica o emprego de *emoticons* no anúncio publicitário acima é, como acreditamos, o valor que se encontra agregado ao produto veiculado, no caso, uma marca de cigarros. Na primeira das três “carinhas”, pode-se reconhecer uma piscadela, formada por ponto-e-vírgula, um traço e uma letra “o” minúscula; na segunda, vê-se a figura de uma pessoa que manda um beijo, na composição dos dois pontos, um traço e um asterisco, e, por fim, há a figura de um homem (formado por dois pontos, um traço e um parêntese) que veste uma “gravata borboleta”, não por acaso a fita vermelha que representa do produto anunciado.

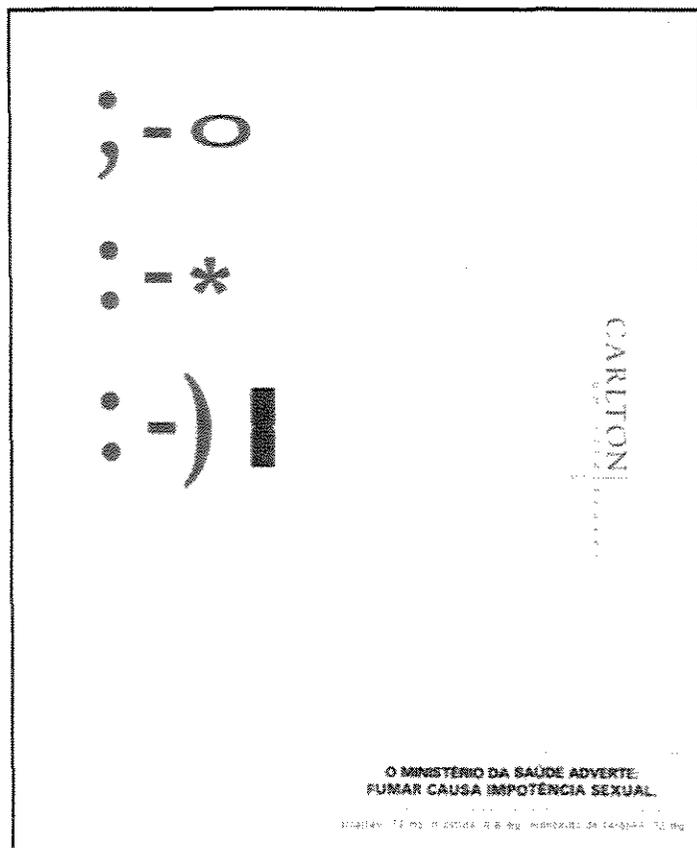


FIGURA 8 – Publicidade encartada na revista *Época* (4/9/00)

O segundo anúncio publicitário que se segue foi distribuído como papel de bandeja nas lojas da rede McDonald's, numa campanha veiculada em 1999. Há a composição de 92 (noventa e duas) "carinhas da Internet". No retângulo central, há o seguinte texto:

Carinhas da Internet
 Mas pode chamá-las de "emoticons".
 Fique ligado nos "emoticons" quando bater papo na Internet.

À margem direita do anúncio, há uma observação advertindo aos leitores que a aparência das "carinhas" pode variar de acordo com a configuração, o tipo ou o tamanho de letra que o usuário tiver nos programas de seu computador pessoal. Há *emoticons* convencionais, a exemplo do reconhecidos "sorrisos" [:-)], "gargalhadas" [:-)))] e expressões de tristeza [:-(e :-([[:-((([. Mas há, também, representações totalmente inusitadas, como a de uma "McFritas" e a de um "Cheddar McMelt", produtos comercializados pelo McDonald's. Infelizmente, não conseguimos reproduzi-las com os recursos dos quais dispomos. Elas estão, contudo, presentes na ilustração a seguir:

95

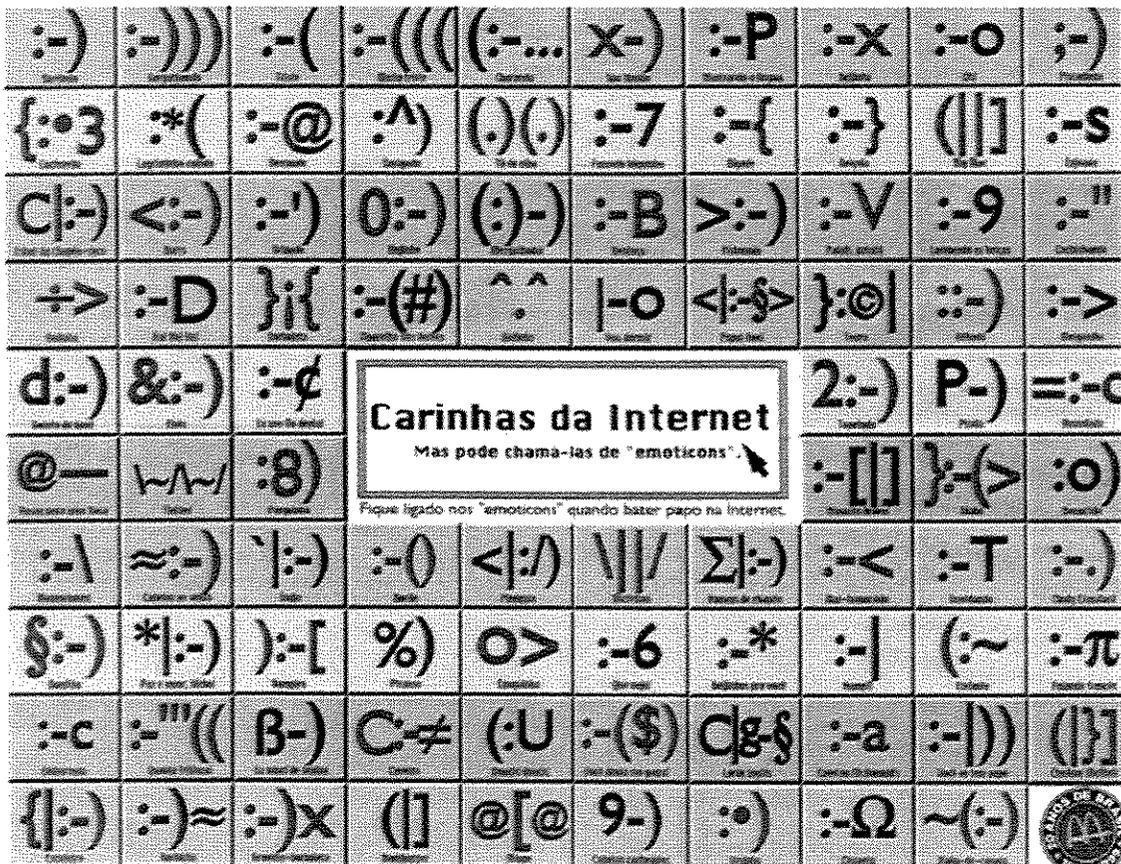


FIGURA 9 – Papel de bandeja distribuído nas lojas do McDonald's em 1999

Finalmente, apresentamos o anúncio publicitário de uma empresa de telefonia celular, encartado como página dupla numa revista de circulação nacional.



FIGURA 10
– Publicidade encartada na revista Época (21/8/00)

A publicidade anuncia a chegada do novo modelo de telefone celular da empresa Motorola, o modelo V.2260. Recuperamos, a seguir, o texto publicitário:

Motorola V.2260 com acesso à Internet.

Com o novo Motorola V.2260, vc pode navegar pela Internet*, enviar e receber mensagens* e buscar o assunto q der na telha, como viagens, diversão, esportes ou grana. São duas cores para vc escolher e 4 capinhas emborrachadas para vestir o telefone. :-) [grifo no original]

Nesse texto publicitário, mais do que nos anteriores, há a tentativa de “aproximação” com o gênero de escrita dos meios eletrônicos. Não se trata apenas da utilização de um *emoticon* (formado por dois pontos, um traço e uma letra “O” maiúscula) que aponta para a suposta perplexidade e espanto de uma pessoa que se vê diante do novo modelo de telefone celular; trata-se da concepção do texto publicitário como o texto de uma mensagem que é veiculada pela internet, utilizando-se de páginas eletrônicas, de *e-mails* ou de *chats*. O texto publicitário emprega a forma abreviada do pronome de tratamento “você” [“vc”], comumente utilizada em mensagens de *e-mails*, como se observou em nossos estudos sobre as relações intergenéricas. Além da abreviatura de “você”, há a abreviatura do pronome relativo “que” [“q”], utilizado com frequência na redação de *e-mails*, mas também nos bate-papos eletrônicos. O léxico empregado visa a atingir um público moderno e jovem (como o novo modelo de celular), que sabe “navegar pela Internet, enviar e receber mensagens e buscar o assunto q der na telha”. Os asteriscos empregados em “Internet” e “mensagens” remetem à observação da empresa sobre os

possíveis desentendimentos com os clientes. A observação, localizada à margem esquerda da primeira página, esclarece: “Depende da disponibilidade da operadora. Produto disponível nas versões CDMA (V.2260) e TDMA (V.2290).” O texto se encerra com o emprego de um *emoticon* que indica um “sorriso” ao possível leitor/consumidor da publicidade da Motorola.

Acreditamos que o emprego de *emoticons*, no âmbito da interlocução digital, está vinculado à construção de uma projeção pessoal que simule uma intimidade entre escrevente e leitor. No caso dos exemplos veiculados de modo tradicionalmente impresso, parece que a publicidade vem à “captura” de usuários da internet e de todos os potenciais consumidores de seus produtos. Para o que nos interessa, trata-se de um interessante estudo que aponta para as relações intergenéricas que constituem as práticas na (e pela) linguagem.

O caráter do que consideramos como a simulação de uma intimidade entre escrevente e leitor pode ser conferido, ainda, na utilização de “risadinhas” na construção dos enunciados das *home pages*.

Com efeito, a utilização de “risadinhas” foi registrada em 22% das páginas que compõem nosso material. Como “risadinhas” entendemos o trabalho do escrevente em registrar, na modalidade escrita, a expressão humana do humor e do sarcasmo, quer seja pela grafia onomatopéica, como a encontrada no comentário parentético da “Home Page da Manu” [“Essa foto foi numa festa à Fantasia que a gente foi no ‘Gafieira’ (**hehehehe**)”], quer seja pela grafia direta do que se pretende expressar, como no exemplo extraído da “Bi-bi’s HP” (“Ei! Curiosidade mata, né... *risos*”). A exemplo do uso de *emoticons*, portanto, encontramos variações nesse tipo de recurso. É interessante observar, no entanto, especialmente na utilização da grafia onomatopéica, a existência de uma certa “fórmula fixa” para sua representação. De fato, com exceção de um exemplo encontrado, que abordaremos a seguir, todos os outros registros encontrados foram grafados utilizando a sílaba “he” em sua composição. O tipo de registro mais freqüente foi a repetição de três e de quatro sílabas (respectivamente, “hehehe” e “hehehehe”), como em:

Go go, Girl Power! (sem querer plagiar aquelas drogas das Spice Girls, **hehehe**...) [Casa da Thyty (grifo nosso)]

e em

Na época achava que passar 5 horas na frente do computador na Internet era um absurdo! **hehehehe**... [Luiz Gustavo de Araujo Teixeira Gonçalves (grifo nosso)]

A utilização de duas sílabas repetidas (“hehe”) também foi encontrada no material. Mais especificamente, o emprego desse recurso foi observado na construção dos enunciados da *home page* de José Rebelo. Diferentemente do emprego usual da “risadinha” como expressão de humor, acreditamos que esse tipo de recurso foi vinculado à projeção de um “herói” marcado, principalmente, por um certo cinismo em seus comentários. É interessante observar que o autor, então com 24 anos, narra a história de sua trajetória como um *ex-punk* que adota a seita *hare krishna* como modo de reger a vida.⁵ Nessa “nova” vida, José Rebelo é re-batizado como “Raghy José”. Entretanto, no trabalho de composição

dessa personagem, o autor parece apontar, com certo orgulho, para seus feitos no passado *punk*, como “filmar mulher pelada”. O trecho a seguir refere-se ao momento em que o autor adquire a filmadora para esse tipo de entretenimento:

acabei forçando minha mãe a vender o carro o que me rendeu uma filmadora por complexo de culpa dela, que achou que já tinha me dado o carro deveria me dar o dinheiro da venda do carro também. **HEHe** saí lucrando, mas usei muito pouco a filmadora, porque queria mesmo era filmar mulher pelada e acabei entrando para os hare krishnas, coisa que me proibiam logo de cara. [José Rebelo (grifo nosso)]

Recordando os supostos acontecimentos de sua vida para a caracterização de sua imagem, o autor prossegue com o comentário sobre as filmagens:

Ainda tenho algumas filmagens escondidas em fitas velhas. Uma vez mostrei uma fita que meus amigos riram muito, porque estávamos vendo a fita descompromissadamente, na casa de um colega nosso, o Fernando, irmão do Paulo, ambos skatistas, enquanto bebíamos muito e a garota que eu havia filmado disse na filmagem:

- Não vá mostrar esta fita para ninguém, hein Raghy, ao que eu respondi imediatamente que sim, e lá estava toda a rapaziada vendo... **he he** foi uma farrá. [idem (grifo nosso)]

Na tentativa, talvez, de caracterizar uma personagem que atinge um determinado grau de “elevação espiritual” – depois de ter passado pelas “dores e delícias” mundanas – o autor da página marca o texto digital com “hehe(s)” que poderiam representar um “risinho” cínico em relação aos acontecimentos narrados. Nota-se que esse tipo de recurso parece ser empregado na conclusão (cínica) do episódio narrado, a exemplo de “**HEHe** saí lucrando” e “**he he** foi uma farrá”. A utilização de “hehe(s)” pode ser conferida, ainda, no “diálogo” entre José Rebelo e uma ex-namorada, chamada Tharin, a propósito do término do relacionamento afetivo e suas implicações sobre o relacionamento familiar com a mãe do autor:

ME perdoe tharin, porque tive outras coisas para fazer, perdôo você porque não soube esperar como poderia ter feito e espero que esteja feliz agora; o que prá mim foi uma glória e uma alegria para minha mãe também, o que sempre significa consequentemente um enorme alívio imediato prá mim. **hehe**, é sempre assim. Se ela está feliz, estou tranquilo. Há quem diga que isso é amor e eu não duvido que seja **hehe**, porém tudo sem muito sentimentalismo senão eu choro. **hehe** [idem (grifo nosso)]

Acreditamos que o modo como esse autor utiliza as “risadinhas” é indicativo de uma relação individual estabelecida com a linguagem. Visando à representação de aspectos prosódicos da (sua) conversação, José Rebelo parece marcar-se, individualmente, no trabalho com a (sua) escrita. Considerando a possibilidade de surgimento de um novo gênero discursivo, constituído a partir de uma atividade de escrita que se propõe como conversação, esse poderia ser um exemplo de como o estilo individual emerge pela “relação de sentido” que o escrevente faz a partir do emprego de um recurso

como seu “hehe”. O “hehe” utilizado por José Rebelo torna-se um comentário que marca uma divisão enunciativa entre o que um enunciador afirma e o que um “outro” comenta cnicamente.

Ainda no que se refere à utilização das “risadinhas” e aos estilos individuais que emergem na escrita das *home pages*, encontramos casos de escreventes que chegam a “exagerar” na suposta dose de humor. Assim configura-se a imagem de uma “risonha” Manu, cuja *home page* já foi mencionada. Essa estudante de psicologia é a única escrevente, no conjunto das páginas analisadas, que chega a utilizar cinco sílabas repetidas na expressão de seu “bom humor”:

Meu nome é Emanuela, tenho 20 anos (não se esqueçam de mandar cartões e flores virtuais no meu aniversário – 13/07)... **Hehehehehe**... [*Home Page da Manu* (grifo nosso)]



A imagem de uma personagem risonha aparece bastante marcada, ainda, em um outro momento do texto, quando a autora decide comentar sobre um encontro entre os amigos conhecidos através do IRC. Manu tenta reproduzir o sentimento de humor que teria ocorrido quando um desses amigos, de apelido “Anjinho”, é abordado por um outro homem, a caminho da boate onde todos se encontrariam:

O Anjinho foi cantado em pleno ponto de ônibus!!! **HAhahHahhahHAHahAHhAha**... [idem (grifo nosso)]

Em relação à forma, esse é o único exemplo no material em que a grafia onomatopéica de uma “gargalhada” é registrada pela repetição da sílaba “ha”. Pode-se observar que a repetição não obedece a uma seqüência ordenada, como nos casos em que se utiliza a sílaba “he” para a representação de “risadinhas”. A “gargalhada” da Manu é formulada pela combinação de caixa alta e de caixa baixa na grafia das consoantes, das vogais e das duplas consoantes. A extensão da grafia parece indicar que o humor desencadeado pela situação produziu um efeito realmente divertido, de longa duração. Consideramos, ainda, que a questão desse humor (exagerado) registrado pela autora parece ficar restrita ao acontecimento em que um homem, aparentemente heterossexual, é cortejado por um homossexual. As “gargalhadas” da Manu podem fazer sentido, de fato, entre interlocutores conhecidos, como os amigos do IRC e o próprio Anjinho. Mas para um leitor qualquer de páginas eletrônicas pessoais, que desconhece as outras personagens envolvidas na trama apresentada pela escrevente, torna-se difícil compactuar com tamanha “empolgação”, ainda que a autora tenha trabalhado a (sua) escrita com esse objetivo. Basta observar, além do próprio registro da “gargalhada”, o enunciado antecedente, em que há a utilização de três pontos de exclamação. De nosso ponto de vista, esse pode ser mais um exemplo de como pode funcionar o *excedente de visão* do leitor em relação ao autor. Por sua vez, observamos como o *excedente de visão* do autor em relação ao “herói” que procurava construir (talvez uma personagem bem humorada e sociável) pode trabalhar contra o próprio autor, na medida em que o consentimento do leitor lhe seja negado.

O uso de *emoticons* e de “risadinhas” caracteriza, portanto, o modo como as páginas eletrônicas pessoais são construídas. Não queremos dizer, com isso, que esses tipos de recurso sejam exclusivos da escrita das *home pages*, visto que podem ser conferidos em outros contextos, como em *e-mails* e em

chats, mas também em meios tradicionalmente impressos, como no caso dos anúncios publicitários observados. Nesse estudo, torna-se importante a questão das relações intergenéricas que certamente constituem as práticas na (e pela) linguagem. É a partir da compreensão das relações intergenéricas que podemos visualizar como a utilização desses recursos se presta à construção de um “diálogo virtual”, em que a simulação de uma intimidade entre escrevente, a projeção que ele faz de si e uma determinada imagem de leitor, visa a um contato com o “outro” no universo das páginas eletrônicas.

Sobre a caracterização da modalidade escrita nas páginas eletrônicas pessoais, consideramos relevante uma investigação, pormenorizada, da questão da pontuação (e sua relação com a prosódia) nesse tipo de escrita digital. Prosseguimos, portanto, com nossa proposta de estudo da modalidade escrita nas *home pages*.

A prosódia nas páginas eletrônicas pessoais da internet

É sabido que na escrita os aspectos prosódicos não são passíveis de uma apreensão e de representação total, termo a termo. O que existe é a possibilidade de um registro gráfico-visual de certos padrões rítmico-intonacionais assinalados por uma pontuação específica, como no caso das declarações, das interrogações e das exclamações. Consideramos, pois, relevante, um estudo mais aprofundado sobre os sinais de pontuação. A esse propósito, estamos de acordo com os estudos de Chacon (1998) que, ao analisar textos de vestibulandos, investiga o papel dos sinais de pontuação na caracterização do que o autor chama de “ritmo da escrita”. Para esse autor, o estudo dos sinais de pontuação nessa caracterização justifica-se, primeiramente, pelo que eles têm de essencialmente gráfico, uma vez que são marcas específicas de escrita e somente nas práticas da linguagem que contam com a participação da escrita é que essas marcas podem figurar. Além do caráter essencialmente gráfico, Chacon destaca que os sinais de pontuação são “marcas lingüísticas”, pois cumprem um papel delimitativo de unidades estruturais da modalidade escrita da linguagem. O autor aponta, pois, para o que denomina “valor polissêmico” dos sinais de pontuação, não apenas no que se refere à ausência de um vínculo constante entre as marcas gráficas e as funções significativas a elas associadas, mas também – e sobretudo – no que se refere às diferentes maneiras pelas quais essas marcas são empregadas para delimitarem estruturas lingüísticas (cf. Chacon, op.cit., p.88-90). Ainda segundo esse autor, o estudo do “valor polissêmico” dos sinais de pontuação traz à cena questões lingüísticas que não as da natureza formal da linguagem, estando relacionado à própria utilização dos recursos gráficos da escrita pelo sujeito/escrevente. Trata-se, pois, do modo pelo qual o escrevente se posiciona em relação ao uso da linguagem em sua forma escrita – no caso em questão, em relação aos sinais de pontuação.

O ritmo da escrita seria, portanto, a impressão de um gesto de alcance fonológico, sintático, semântico-pragmático e enunciativo, registrado pelo sujeito no momento de sua enunciação pela escrita. É a essa visão multidimensional dos sinais de pontuação na caracterização do “ritmo da escrita” que nos interessa vincular o estudo sobre o gênero de escrita das *home pages*.

Para o desenvolvimento do estudo sobre os sinais de pontuação e sua relação com a prosódia, analisamos como seriam lidos em voz alta um texto de uma *home page* e um texto narrativo, produzido a partir do texto digital, visando a abordar de maneira comparativa a alteração de tessitura (*pitch range*) em um e no outro texto. O texto da *home page* escolhida, que doravante chamaremos de texto fonte, foi o da página inicial do *site* “Faby in the Web”, que compõe nosso material. A ilustração a seguir refere-se à página acessada:

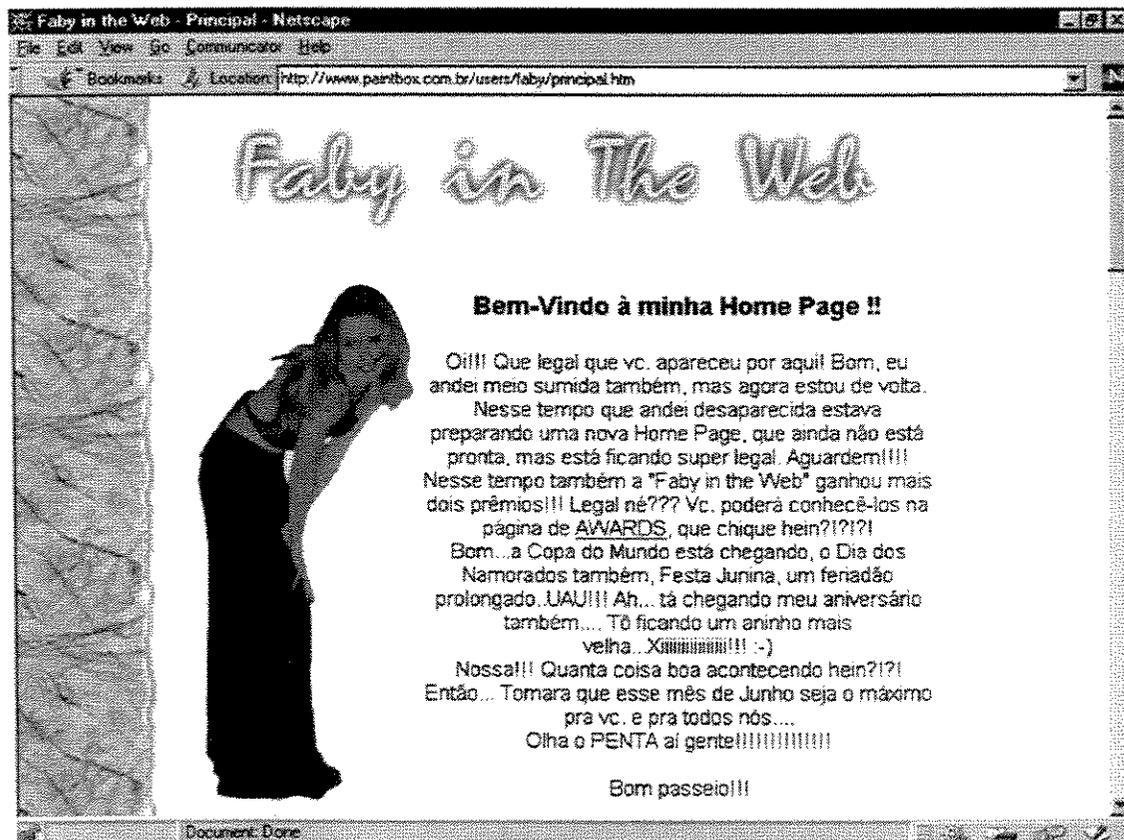


FIGURA 11 –
Página
eletrônica
pessoal Faby
in the Web

Diferentemente da linearidade de uma narrativa tradicional, com seu começo, meio e fim, a leitura das páginas eletrônicas pessoais dispõe do recurso do **hipertexto**, que relaciona de maneira não seqüencial dados em um banco de dados, bastando à pessoa selecionar e clicar as palavras-chave na tela de seu monitor. Contraposto a esse tipo de leitura proporcionado pelo meio digital, elaboramos um outro texto, denominado “texto 2”, que mantivesse, de maneira geral, as informações do texto digital e seu caráter de informalidade, mas que fosse reconhecido, também, por marcas específicas da narrativa tradicional. Nosso objetivo foi, como dissemos, o de analisar comparativamente a alteração de tessitura no que seria a leitura de uma *home page* e a leitura de um texto pertencente a um gênero discursivo reconhecido por sua “estabilidade”, caso das narrativas tradicionais.

Preocupamo-nos em observar as principais características dos textos narrativos, para a elaboração de nosso próprio texto. A propósito do estudo de textos narrativos, Perroni (1992) aponta, como característica fundamental do discurso narrativo, para a questão da dependência temporal. A respeito do fator temporal, a autora explicita a necessidade do uso de verbos de ação flexionados no perfeito, característicos do acontecimento singular e inédito, digno de ser narrado.

O quadro da página seguinte refere-se ao texto fonte e seu correlato, produzido a partir do texto digital. Procuramos, como dissemos, manter as informações originais, observando, porém, os critérios lingüísticos do gênero narrativo para a construção do texto 2:

Texto fonte

Oi!!! Que legal que vc. apareceu por aqui! Bom, eu andei meio sumida também, mas agora estou de volta. Nesse tempo que andei desaparecida estava preparando uma nova Home Page, que ainda não está pronta, mas está ficando super legal. Aguardem!!!! Nesse tempo também, a “Faby in the Web” ganhou mais dois prêmios!!! Legal né??? Vc. poderá conhecê-los na página de AWARDS,⁶ que chique hein?!?!? Bom... A Copa do Mundo está chegando, o Dia dos Namorados também, Festa Junina, um feriadão prolongado..UAU!!! Ah... tá chegando meu aniversário também... Tô ficando um aninho mais velha... Xiixiiiiiiiiiiiiiiii!!! :-)) Nossa!!! Quanta coisa boa acontecendo hein?!?! Então... Tomara que esse mês de Junho seja o máximo pra vc. e pra todos nós... Olha o PENTA aí gente!!!!!!!!!!!!!!! Bom passeio!!!

Texto 2

Que legal que você apareceu por aqui. Eu andei meio sumida também, mas agora estou de volta. Não sei o que você imaginou durante esse tempo. O que aconteceu é que estive trabalhando em uma nova Home Page. O trabalho ainda não terminou, mas ficará muito bom. Pode aguardar. Tenho outra novidade para contar. Nesse tempo também, a “Faby in the Web” ganhou mais dois prêmios. Você poderá conhecê-los na página de Awards. Fiquei muito contente. Então, para completar minha felicidade, teremos muitas datas para comemorar daqui por diante. Será a Copa do Mundo, o Dia dos Namorados, além de Festa Junina e um feriado prolongado. Está perto meu aniversário também. Ficarei um aninho mais velha. Temos tantas coisas boas acontecendo. Tomara que o próximo mês de junho seja o máximo para você e para todos nós. Olha o Penta aí gente.⁷ Bom passeio.

A gravação de como seriam lidos um texto de uma página eletrônica pessoal da internet e um texto narrativo, produzido a partir do texto digital, foi realizada em contexto doméstico, utilizando um gravador Panasonic, modelo RQ-L309, e uma fita cassete Basf, ferro standard. Podemos dizer que a qualidade da gravação, ainda que imperfeita, não comprometeu seriamente os objetivos traçados.

A informante, do sexo feminino, é nascida em Jaboticabal (SP). Na época da gravação, ocorrida no 1º semestre de 1999, a informante tinha 23 anos e cursava a pós-graduação em Campinas (SP). Graduou-se em jornalismo na cidade de Bauru (SP), que é, curiosamente, a cidade natal de Fabiana, autora da já referida “Faby in the Web”. A informante tem experiência em locução em rádio, tendo

trabalhado por um ano na produção e reportagem de um programa da Rádio Bandeirantes Bauru. Os dois textos foram passados para a leitura sem qualquer orientação prévia sobre como deveriam ser lidos. Os resultados apresentados foram extraídos do modo como a informante considerou adequado lê-los.

A partir da gravação realizada, selecionamos três enunciados, tendo como critério apenas a identidade de constituintes sintáticos e lexicais. O programa utilizado para a análise de *pitch* computadorizado foi o CSL (*Computerized Speech Lab*), modelo 4300 B, pertencente ao Laboratório de Fonética Acústica e Psicolinguística Experimental (LAFAPE) da UNICAMP. Os enunciados escolhidos foram os seguintes:

Texto fonte

Que legal que vc. apareceu por aqui!

Nesse tempo também a “Faby in the Web” ganhou mais dois prêmios!!!

Olha o PENTA aí gente!!!!!!!!!!!!!!!

Texto 2

Que legal que você apareceu por aqui.

Nesse tempo também a “Faby in the Web” ganhou mais dois prêmios.

Olha o Penta aí gente.

A análise comparativa do primeiro par de enunciados mostrou que o texto fonte apresentava uma frequência mais alta que a do texto narrativo. A média do enunciado do texto fonte, “Que legal que vc. apareceu por aqui!”, foi de 221 Hz, enquanto o enunciado correspondente, presente no texto narrativo, atingiu 204 Hz. O segundo par de enunciados também apresentou uma alteração de tessitura que indicava uma frequência mais alta no texto digital. O enunciado do texto fonte atingiu 206 Hz, enquanto a média do enunciado correlato foi de 203 Hz.

Sabe-se que na maioria dos textos orais, o *default* é não investir em intonação, mantendo-se a tessitura padrão. O investimento prosódico ocorre nos casos em que o falante quer relevar uma informação, como para fazer uso de uma argumentação ou de uma informação parentética. A tessitura, dada pela frequência fundamental [medida em Hertz (Hz)], pode apresentar, portanto, variações para a obtenção desses efeitos. O que podemos observar na escrita das *home pages* é que a presença de certas marcas indicam que, se os textos fossem lidos em voz alta, haveria uma alteração de tessitura. A utilização excessiva e recorrente de sinais gráficos, como certos sinais de pontuação, pode ser tomada como uma das características do gênero de escrita digital. Ou seja, ao se utilizar desses sinais gráficos, o sujeito/escritor procura representar aspectos prosódicos da (sua) conversação na modalidade escrita.

O terceiro e último dos pares também indicou uma alteração de tessitura diferenciada para cada tipo de texto. O enunciado “Olha o PENTA aí gente!!!!!!!!!!!!!!!”, presente no texto fonte, além de atingir uma frequência mais alta – 243 Hz, contra os 218 Hz do enunciado correlato – também apresentou uma duração nitidamente maior, que não foi, entretanto, mensurada no trabalho de análise dos dados. Além do uso excessivo de pontos de exclamação, podemos dizer que há outras “pistas” que indicam

esse tipo de leitura em voz alta, no processo de textualização da escrita. Uma delas é o uso de caixa alta que destacava a grafia da palavra “PENTA”, em referência ao ano em que o Brasil concorria a esse título na Copa do Mundo. A outra pista pode estar relacionada à estrutura do próprio enunciado, que pode ser tomado como uma citação, considerando-se a popularidade desse tipo de construção em locuções esportivas, principalmente em jogos de futebol.

O quadro a seguir refere-se a esse par de enunciados analisado. Dividido em quatro partes, apresenta em sua metade superior a representação em forma de onda dos enunciados: a primeira parte é pertencente ao trecho do enunciado do texto fonte e, a segunda, pertence à representação do texto narrativo. A metade inferior nos mostra a flutuação da altura em pontos: os enunciados do texto fonte e do texto 2, respectivamente:

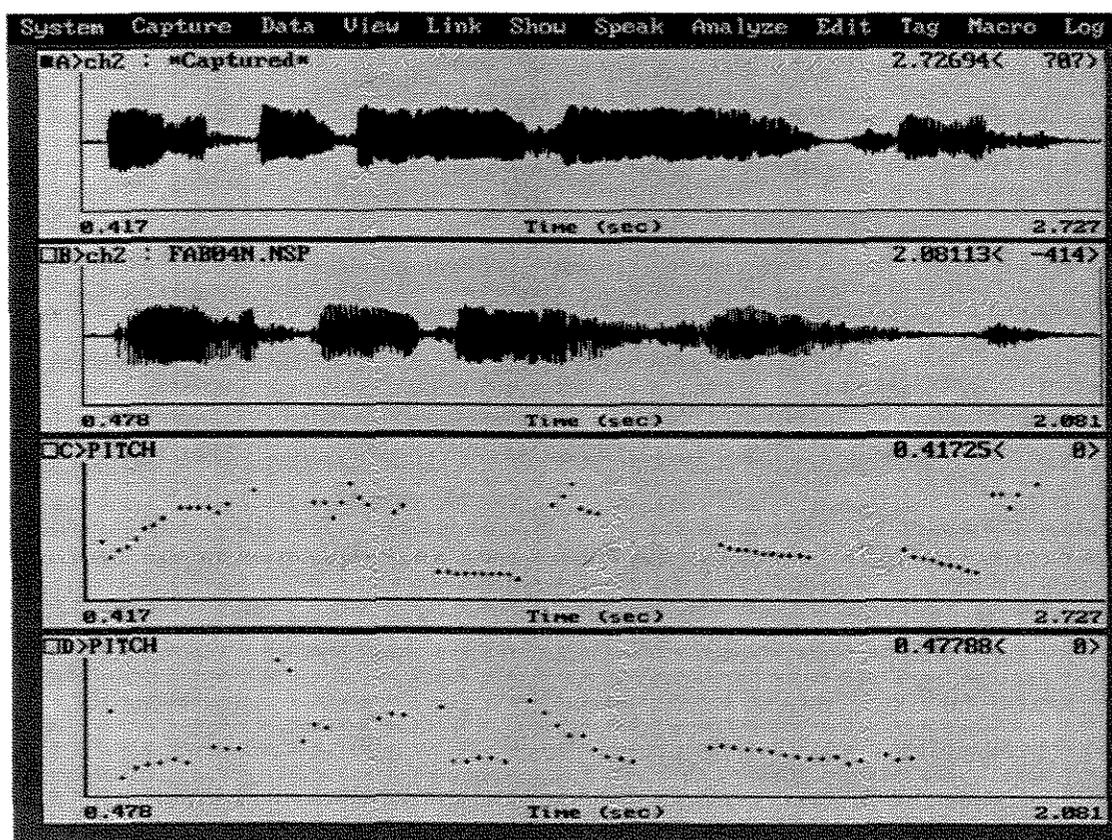


FIGURA 12 – Análise de pitch computadorizado

O que a análise de *pitch* computadorizado apontou foi uma frequência mais alta nos enunciados selecionados do texto da *home page*, em comparação aos enunciados do texto que foi produzido. Analisando o uso excessivo de sinais gráfico-visuais, procuramos um caráter explicativo para a relevância da noção de forma como veículo da “materialidade significativa” no processo de textualização de um gênero de escrita que se propõe como conversação. A escolha da “forma”, como vimos, não está dissociada de um “conteúdo” pretendido. Para o que nos interessa, a importância do estudo da forma deve-se à investigação de como os autores de *home pages* articulam os elementos da (sua) escrita, visando a um “diálogo virtual” e, portanto, ao estabelecimento de um contato com o leitor. Como vimos, não se trata

tão somente de um “sentido pretendido” pelo sujeito/escrevente, no processo do que seria a leitura do texto digital; encontramos, também, um modo apreendido pelo leitor, revelado pela maneira como o texto foi lido, na construção da interlocução digital.

Gostaríamos de retomar, por fim, a observação de Corrêa (1993) sobre os estudos de Reboul (1980). Para Reboul, na observação de Corrêa, a função poética pode ser utilizada no mascaramento da *confiscação da palavra*. A ênfase na função poética e em seus efeitos de prosódia [como os observados no emprego (excessivo) de sinais de pontuação], permite não só o entendimento do discurso, mas fazê-lo sem réplica. Seria, pois, um modo de confiscação da palavra pelo escrevente, na simulação da intensidade de um envolvimento com o leitor. Como se disse, trata-se da simulação de uma intimidade, uma vez que o que releva da construção dos enunciados digitais das *home pages* é o estabelecimento de um contato entre escrevente e leitor.

Mantendo como questão o estudo da modalidade escrita no gênero das *home pages*, partimos para uma investigação lexical na composição de seus enunciados.

Uma investigação lexical

A relevância de uma investigação lexical, no estudo de um novo gênero discursivo, é justificada quando se considera que a escolha de determinadas palavras está relacionada ao “todo do enunciado” que compõe o gênero em questão. Dito de outra maneira, a detecção da ocorrência de determinadas palavras só tem sentido, neste trabalho, porque consideramos, com Bakhtin (1997b), que a “aura estilística” de uma palavra pertence ao gênero em que a palavra costuma funcionar, e não à palavra da língua. Segundo Bakhtin, ao escolher uma palavra, partimos das intenções que presidem o todo do enunciado, e esse todo intencional, por nós construído, é sempre expressivo (cf. Bakhtin, op.cit., p.310-311). Trata-se, pois, de uma “aura estilística” pertencente ao gênero e ao modo pelo qual o sujeito escolhe trabalhar, dentre as possibilidades existentes, com a linguagem. Partindo da noção de gênero como um certo conjunto de relações intergenéricas previstas, a questão de uma “aura estilística” pode ser entendida como um conjunto, mais ou menos aberto, de relações de sentido previstas para esse gênero. Dessa possibilidade resultaria, portanto, a “aura” pertencente ao gênero.

Em se tratando de uma atividade relacionada à área de informática, é de se esperar que a prática dos escreventes esteja marcada pela utilização de termos técnicos. As pessoas comuns, que não possuíam esse conhecimento específico, especializam-se no emprego desses termos para a comunicação eletrônica. Aliada à prática das pessoas que se interessam pelo léxico da informática para a comunicação em *home pages*, *e-mails* e *chats*, há o interesse de outras pessoas por cursos, até mesmo os superiores, de informática. Retomamos as informações obtidas no levantamento que realizamos sobre o perfil dos escreventes, em que se constatou que, do total de estudantes universitários que têm *home page*, 40% está cursando alguma faculdade relacionada à informática, como Engenharia da Computação, Ciência da Computação, Análise de Sistemas ou Processamento de Dados. Acreditamos, pois, que uma investigação lexical das páginas pessoais vem evidenciar as relações constitutivas da linguagem como prática social.

A partir dessas considerações, partimos para uma investigação lexical da escrita das *home pages*. Começamos pelo estudo de empréstimos lingüísticos, como o próprio termo “home page”, comumente empregado nos títulos e auto referenciado na atividade de seus escreventes. Dentre os inúmeros jargões da área de informática que figuraram nas páginas analisadas, o termo “home page” (com grafias diferenciadas) foi o mais encontrado, computando-se 243 ocorrências na avaliação geral do material. Para a obtenção dos números que apresentamos, reproduzimos os textos das páginas eletrônicas em formato de documento Word. Em seguida, utilizamos o comando “localizar”, contabilizando, dessa maneira, o número exato de ocorrências de determinadas palavras no documento. Seguindo o critério quantitativo, destacamos as ocorrências da composição “e-mail” (133 ocorrências) e de sua variação “mail” (08 ocorrências), dos vocábulos “link(s)” (121), “site” (97) e internet (92), além das composições criadas a partir da palavra “Web” (como “WWW”, “Web Page”, “Website” etc.), que somaram, ao todo, 54 ocorrências. Palavras como “guestbook” (55), “nick” (13) e “chat” (12) também foram encontradas nos textos digitais, embora com frequência menor. As análises apontaram, portanto, para um conjunto de anglicismos tomados da área de informática. Alguns dos termos cunhados de maneira específica, no entanto, já não pertencem somente ao domínio de especialistas. Disseminados, incorporados e transmutados em outras esferas da comunicação verbal, os termos detectados na escrita das páginas eletrônicas pessoais passaram a constituir um padrão para a comunicação entre os usuários da internet.

Para a investigação a que nos propusemos, escolhemos o estudo do termo “home page”, por se constituir no interior do objeto de pesquisa, como apontam os numerosos registros encontrados desse termo. O termo “home page” é um empréstimo da língua inglesa traduzido, na área de informática, como “página inicial”, “página original” ou, ainda, “página de base” de um *site*. A tradução faz sentido se pensarmos que uma das acepções do vocábulo “home”, na língua inglesa, é “lugar de origem” ou “ponto de partida”. “Home page” é tomado como o primeiro elemento que “baixa” na tela do monitor quando se acessa um *site*. A partir de *links* presentes na página inicial, é possível acessar as outras páginas componentes do *site*, além daquelas não pertencentes ao documento. Por ser um espaço de veiculação e troca de informações, é evidente que existem objetivos diversos para a construção de uma *home page*. Interesses comerciais, profissionais, institucionais e pessoais motivam a criação dessas páginas. O que nos interessa, no entanto, é o estudo das *home pages* de caráter “pessoal”, isto é, aquelas em que o escrevente seleciona acontecimentos de sua vida para serem narrados de maneira pública pela internet.

Tendo esclarecido que o termo “home page” não se restringe ao âmbito pessoal, buscamos uma hipótese explicativa para que possa ser reconhecido dessa forma, dentre as outras apontadas. Retomando o vocábulo “home”, na função de adjetivo, verifica-se que ele pode ser traduzido como “caseiro”, “doméstico” ou “familiar”. Foi a partir de uma dessas acepções que – acreditamos – o termo “home page” foi tomado como “página pessoal”. Ou como uma “página eletrônica pessoal”, o que especificaria o conceito de “página” em tempos de internet, diferenciando-a de outros tipos de páginas existentes.

Uma hipótese explicativa para a utilização do termo “home page” como “página (eletrônica) pessoal” pode estar relacionada aos dados instigantes a respeito do imaginário sobre o ambiente (familiar) de interlocução da internet e as relações “pessoais” marcadas pelo caráter de simulação de uma intimidade

entre escrevente e leitor. A idéia de um lugar enunciativo digital, em que o escrevente “recebe” leitores com características e preferências desconhecidas, parece motivar a formulação, aparentemente freqüente, de enunciados de saudação, como:

!!!!!!!!!!<————>SEJA BEM VINDO<————>!!!!!!!!!!” [Marco Losso’s Home-Page]

ou

Bem-vindo à minha Home Page!!! [Faby in the Web]

em geral, presentes na página inicial. A idéia de que os autores “residem” em suas páginas eletrônicas pessoais tem, como contrapartida, a idéia de que os leitores são “visitantes” e, portanto, merecem a orientação dos “donos da casa”:

Esperamos que como nós, você não só visite a página, como se torne mais um amigo(a). [Friends Page (grifo nosso)]

Há, até mesmo, quem mantenha em sua *home page* um “livro de visitas” (*guestbook*) que deve ser “assinado” pelo visitante logo depois da leitura, emitindo, desse modo, críticas e sugestões a respeito da página, como pode ser conferido na análise realizada anteriormente (cf. capítulo 7, p.77 em diante).

Observamos, ainda, outras formas diferenciadas de registro do termo “home page”, como “page” e “HP”, além do registro num título de uma página como “Paty’s **Agapê**”, em que a grafia do termo “home page” parece ter sido reduzida ao nome das letras iniciais dos dois termos, conforme representados na escrita.

A forma mais utilizada, no entanto, foi “Home Page(s)”, registrada, quase sempre, com as primeiras letras em caixa alta. Computamos 120 dessas ocorrências, seguidas pela forma abreviada “HP” (58) e pelo vocábulo “Homepage” (54). Encontramos seis registros de grafia do termo como “Home-page” e cinco registros do termo “Home Page **Pessoal**”. Além das 243 ocorrências do termo “home page” e seus similares, computamos, também, o registro da palavra “home” (08) e da palavra “page” (39), considerados vocábulos pertencentes ao mesmo campo semântico.

Das 50 páginas eletrônicas pessoais analisadas, 10 não apresentaram referências ao termo estudado. No entanto, acreditamos que a concepção de um lugar de enunciação “eletrônico e pessoal” está presente, de algum modo, na escrita dessas páginas. A hipótese é a de que o conceito genérico de “home page”, como espaço de interlocução digital, em que o sujeito escreve os acontecimentos pessoais de sua vida, estabelecendo uma “conversa” com uma imagem de leitor, foi substituído, nessas páginas, por outras referências que podem conduzir, na análise das relações sintagmáticas e paradigmáticas, ao conceito proposto. Analisemos, portanto, três exemplos que excluem qualquer menção explícita ao termo “home page” e seus similares.

Na página eletrônica pessoal de “Caio José Sousa” (mencionada anteriormente no capítulo 5, p.63), a referência a um espaço de interlocução digital aparece no final do texto, no enunciado “Criado

este Site em 18/05/98”, em que a palavra “site” pode estar substituindo o termo “home page”, levando em conta que aquele vocábulo diz respeito ao conjunto total das páginas veiculadas na internet. Um segundo exemplo de exclusão do termo “home page” que parece marcar, no entanto, a existência de um espaço de interlocução, pode ser conferido em “Douglas Custódio”. Na chamada página principal, o autor indica ao leitor, pelo contador eletrônico, o número de acessos de usuários à sua página: “Já passaram **por aqui** 00463 pessoas”. A utilização do dêitico parece apontar para o espaço em que se dá a comunicação com os leitores. “Por aqui” pode representar “esta home page”, “esta página”, “este site”, “este lugar”. Um terceiro exemplo de ausência de registro do termo “home page” foi constatado na página eletrônica pessoal de Edson Kenichiro Sueyoshi. A hipótese é que a formulação do enunciado “**Esta página** foi visitada 000060 vezes”, presente no texto indicado, tem como objetivo levar ao leitor uma informação muito próxima àquela dada no exemplo anterior, ou seja, o número de acessos de usuários à página. Distinguindo-se do exemplo anterior, entretanto, o escrevente Edson escolhe nomear o espaço de interlocução digital como “**Esta página**” em vez de “Já passaram **por aqui** (...)” ou “Criado **este site**”.

De nosso ponto de vista, a ausência de registro do termo “home page” em 10 das páginas que compõem o material é condizente com os pressupostos teórico-metodológicos assumidos nesta pesquisa. Com efeito, se estamos considerando o modo de articulação entre forma e conteúdo como um trabalho de autoria do escrevente, não há surpresa em se encontrar escolhas lexicais diferenciadas. Interessa-nos que essas escolhas estejam incorporadas às características composicionais do gênero de escrita das *home pages*.

Prosseguimos com a investigação da incorporação de palavras da área de informática, a exemplo do termo “home page”. A propósito da ampliação do léxico na língua, Sandmann (1992) considera que sua realização, entre outros processos, pode se dar pelo empréstimo de outras línguas. Parece ser esse o caso do termo “home page” e de outros (como “e-mail”, “site”, “link”, “chat”) detectados nas análises, em que os empréstimos lexicais ocorrem sem tradução ou substituição das palavras.

Termos da área de informática, em geral não traduzidos para o português, são recorrentes na formulação de enunciados nesse tipo de escrita. A respeito dos empréstimos lingüísticos na língua, Carvalho (1989) atenta para o fato de a informática ser a tecnologia de ponta que contribui com maior número de anglicismos para a língua portuguesa, ao ponto de incorporar, aos jargões técnicos, afixos portugueses. É o caso de termos conhecidos dos usuários de computador, como “deletar” informações (de “to delete”, “apagar”) ou, ainda, “escanear” imagens (de “to scan”, “decompor”, que na área de informática refere-se ao dispositivo periférico de leitura óptica, o *scanner*, que converte imagens em dígitos binários, para que elas possam ser armazenadas e processadas pelo computador). Atualmente, esses e outros termos da área de informática já se encontram dicionarizados. Com efeito, o *Novo Aurélio Século XXI*, dicionário da língua portuguesa editado em 1999, inclui, entre seus verbetes, termos como “deletar” e “escanear”, antes restritos ao âmbito de especialistas. O próprio termo “home page”, discutido neste capítulo, já se encontra dicionarizado como “homepage” (cf. esse e outros termos no “Glossário”, p.119 em diante).

Para Carvalho, a adoção de termos em inglês, sem tradução para o português, deve-se a três motivos principais. O primeiro motivo está relacionado à rápida evolução das técnicas, que inviabiliza pensar-se em substituições para o português; o segundo deles, seria a falta de uma tradução exata dos termos do inglês para o português (como “hacker”, “software”). Por fim, a autora considera a facilidade da comunicação, uma vez que o intercâmbio com técnicos de outras línguas é facilitado pelo uso corrente do inglês (cf. Carvalho, op.cit., p.63).

Levando-se em consideração uma atividade de comunicação como a internet e os fatores apontados por Carvalho para a manutenção dos anglicismos na língua portuguesa, o chamado empréstimo lingüístico está mais próximo, de nosso ponto de vista, de uma *imposição lingüística*, dada a constatação de que há pouca escolha quando se trata da utilização de termos convencionados para a comunicação.

É de nosso interesse observar que, mesmo quando há a oportunidade de emprego de termos da língua nativa em vez de termos em inglês, os escreventes parecem preferir o emprego da língua estrangeira. Os escreventes das *home pages* utilizam, com freqüência, termos em inglês para a composição dos títulos e dos nomes de seções das páginas. A página “Faby in the Web”, descrita no capítulo 2 (cf. p.25 em diante), traz *links* denominados “Faby’s Place”, “Friends”, “Family” e “Awards”. Poder-se-ia imaginar que a escrevente Fabiana nem mesmo pensou na possibilidade de criar seções como “O Espaço da Fabi”, “Amigos”, “Família” e “Prêmios”. O próprio título da página está em inglês, com o nome da autora reduzido a um apelido com uma letra “y” final, cujo emprego pode ser característico de nomes estrangeiros, mas não de um nome próprio em língua portuguesa, em que a consoante “y” é pouco utilizada. Encontramos, ainda, seis casos de *home pages* que mantêm uma versão em língua portuguesa e uma versão em língua inglesa para as páginas. Os autores oferecem as duas opções na página inicial, como na página de Ricardo Pacheco Rezende, o “Vaca”, em que o autor disponibiliza dois *links*, o “Português” e o “English” para o acesso dos leitores. Nem sempre a tradução para o inglês é bem feita, como pode ser observado na “Home Page da Meiguinha”. A escrevente Isadora, fã do grupo irlandês U2, decide homenagear seus ídolos e coloca um *link* em sua página, com o objetivo de contar, pela internet, seu envolvimento pessoal com o grupo. A versão em português, apresentada pela autora, é a seguinte:

Home Page do U2!!!

ATENÇÃO!!! Esta página só pode ser visualizada por pessoas extremamente fanáticas por U2!! Não é a página oficial, mas acho que quebra o galho!!! Eu não posso me julgar uma fanática porque existem muito mais malucos por U2 do que eu, mas posso lhes garantir que um pouquinho de fanatismo eu tenho!! ADORO U2!!!! Eu não quis fazer uma página cheia de detalhes pois acho que se tornaria bem mais complicado de se acessar!! Deixei algumas fotos do show deles em São Paulo mas, gostaria que se alguém tivesse alguma foto do show em Buenos Aires me mandasse, eu estive lá e posso dizer que foi o máximo. Quem nunca foi, no próximo deve ir, pois a emoção e o sentimento de ouvir suas canções prediletas ao vivo é simplesmente inexplicável!! Eu AMEI o show!!

A versão em inglês é assim apresentada aos leitores:

ATTENTION!!! This page just can to be seen to people that like very much, but very, very and very much of U2!! Don't is oficial page, but I think that you like it!!! I can't judge me a crazy for U2 because exist many others more crazy than me, but I can to say that a little crazy to U2 I am!! I LOVED U2!! I don't want to do a page with many details because I imagine that be more easy to others!! I put many pictures from the São Paulo'U2 Show but, if anybody have any picture from de Buenos Aires'U2 Show, please send to me. I was there and can to say that the Show is FANTASTIC. The emotion and the sentiment that I feel just listening my favorite musics alive is unaccountable!! I LOVED the show!! I'm sorry for my english!!! I have english classes but don't is a wonderful english!

Isadora parece se dar conta de suas dificuldades com o inglês e pede desculpas aos leitores no parágrafo final. Para além de suas incorreções gramaticais e de sua tentativa de tradução de um texto do português para o inglês, o que parece prevalecer na proposta de uma versão da página em inglês – e na dos demais escreventes – é o objetivo de estabelecer contato com o maior número possível de leitores, uma vez que é sabido e propagado pelos meios de comunicação que a língua oficial da internet é, de fato, o inglês. Segundo dados do relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), divulgados em 1999, o idioma de 80% dos endereços da internet são em inglês. O próprio relatório adverte, no entanto, que essa língua é falada por apenas uma pessoa em cada dez no mundo todo. É, pois, relevante, a consideração sobre o discurso que se faz sobre a democratização da informação via internet, visto que o próprio uso da língua se apresenta como um obstáculo aos que não dominam a língua inglesa.

Podemos dizer que, apesar da utilização e da manutenção de termos técnicos em língua estrangeira (principalmente o inglês), e da utilização da própria língua inglesa como maneira de contatar os outros usuários, observamos casos de empréstimos semânticos em que a tradução e a substituição de morfemas/palavras se fez presente. É o caso dos registros da palavra “página”, equivalente ao termo em inglês “home page”, “page” ou “site”. No material analisado, foram computadas 272 ocorrências, um registro superior ao encontrado para o termo em inglês. O que se mantém, aparentemente, é a noção nuclear, a base da expressão “home page”. A palavra “página” apresenta como correlatos, no *Novo Aurélio Século XXI*, os termos “página da Web”, “site ou homepage”.

É interessante observar, ainda, como a escolha lexical de certos termos, na concepção de um gênero de escrita como o das *home pages*, tem como referência as experiências passadas de outros tipos de atividades humanas. Poder-se-ia dizer que termos comumente registrados na escrita dos usuários, como “página”, “navegar” (“navegador”, “navegante”), “rede”, “casa”, “endereço”, “visitar” (“visitante”), ganham “novos” significados na esfera da comunicação via internet. No entanto, trazem em si conceitos que estão sedimentados em um discurso anterior ao aparecimento do meio eletrônico. Nas considerações finais sobre o processo de investigação lexical, gostaríamos de esclarecer a que se deve o “novo” atribuído ao gênero de escrita das *home pages*. Investigando palavras e termos que possam caracterizar um estilo de escrita próprio do meio digital, voltamos nossa atenção para a “reutilização de textos”, a

exemplo de palavras como “página”, “rede” ou endereço”. Mesmo acreditando nas transformações que possam ocorrer no desenvolvimento das técnicas e de seus usos, queremos esclarecer que a proposta de uma investigação lexical, na caracterização de um “novo” gênero discursivo, não pode desconsiderar o caráter sócio-histórico de constituição da linguagem e dos sujeitos. Poder-se-ia pensar, então, na questão das relações intergenéricas que, articuladas de uma maneira peculiar, lhes conferiria uma “aura” própria, característica desse gênero de escrita. A idéia do “novo” reside, talvez, nessa articulação singular.

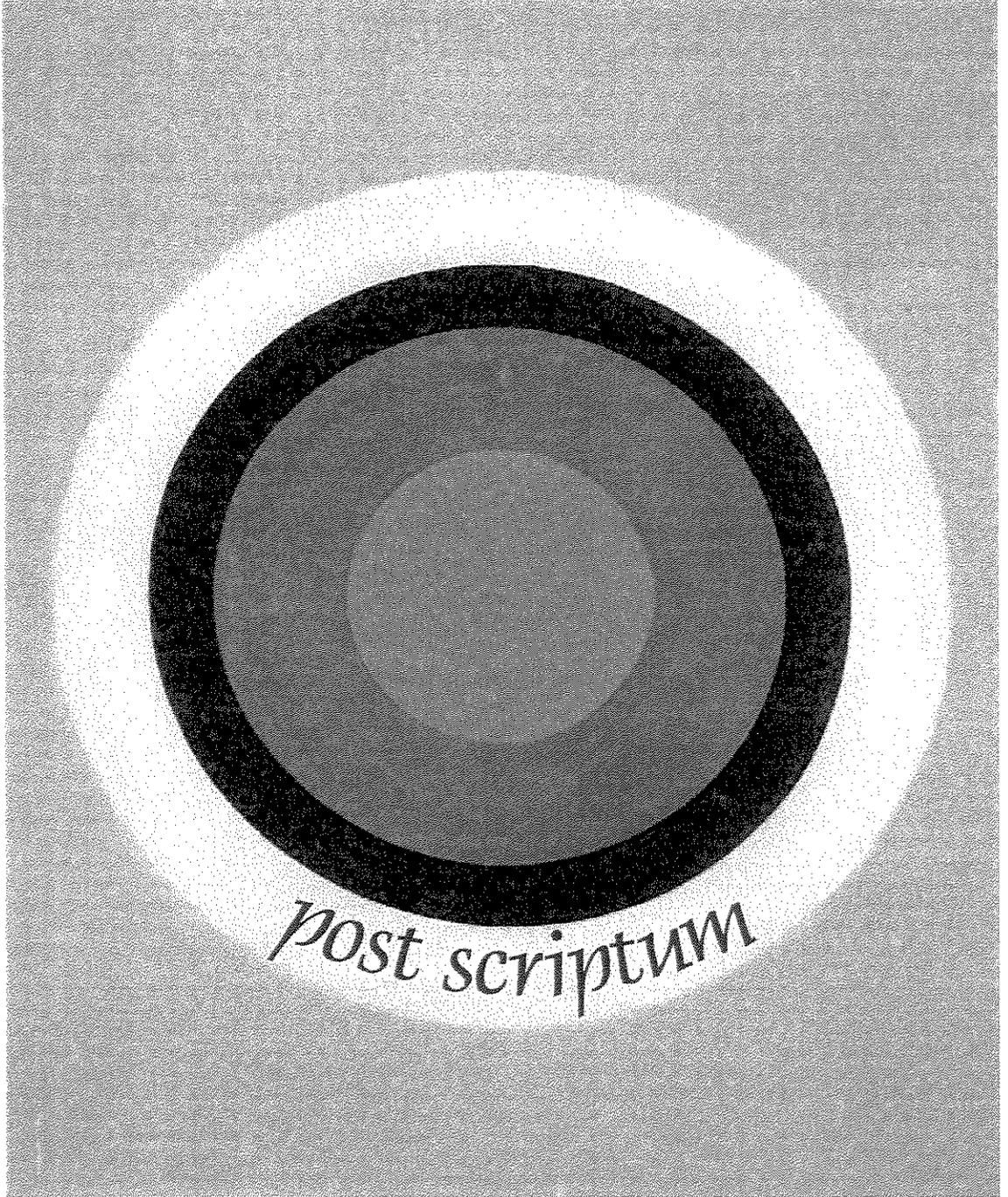
Notas:

⁵ Um pouco mais sobre a história de José Rebelo pode ser conferido no estudo que realizamos sobre as relações intergenéricas constitutivas da escrita das *home pages* (cf. capítulo 5, p.48 em diante).

⁶ Mantivemos os destaques do texto original na transcrição do texto fonte analisado.

⁷ O enunciado declarativo “Olha o Penta aí gente.” obedece ao nosso propósito de uma análise comparativa entre o texto fonte e o texto narrativo. Acreditamos, porém, que não há contexto escrito como esse sem que exista o acompanhamento de pelo menos um ponto de exclamação.





considerações finais

A leitura realizada para o levantamento das informações sobre os escreventes das *home pages* fez mais do que revelar características e preferências dos usuários da internet. Com efeito, o reconhecimento de uma “voz”, de um “ethos” (na expressão da retórica antiga) é relevante não a propósito do que os locutores dizem deles mesmos, mas pelo que revelam no próprio modo de se expressarem (cf. Maingueneau, 1997, p.45). E no estudo de uma escrita que se propõe como conversação, o modo como os enunciados são formulados na interação comunicativa está diretamente relacionado aos pontos de investigação desta pesquisa.

Analisando as 50 *home pages* que compõem o material, procuramos detectar o tipo de informação que é considerada relevante a ponto de ser disponibilizada pelos autores dos textos digitais. Dados pessoais como nome completo, apelido, idade, ocupação atual, procedência geográfica, preferências e práticas de lazer foram os mais recorrentes na seleção dos elementos que compõem a página de apresentação. De nosso ponto de vista, os dados apontados não trazem nada de verdadeiramente íntimo a respeito do escrevente, uma vez que podem ser requeridos até mesmo em um cadastro sobre o perfil dos clientes de uma loja de departamento, por exemplo. É a edição das informações pessoais, o modo como se encontram articuladas, que nos interessou investigar. O escrevente das *home pages*, utilizando-se de determinadas marcas de enunciação e certos sinais gráficos, projeta uma imagem pessoal que pareça simpática para o leitor das páginas. Há a veiculação de fotos íntimas, em que o escrevente aparece com seus familiares, amigos, namorada, todos sorridentes e felizes. Tudo isso aponta para a simulação de uma intimidade entre o autor, a personagem que ele constrói e o leitor das páginas. Acreditamos que a projeção de uma máscara seja considerada necessária para o contato que o escrevente visa a estabelecer com o “outro”, usuário da internet. Na tentativa de estabelecimento de um contato, é a função fática, marcada por fórmulas de comunicação mais rituais que informativas, a que caracteriza o gênero de escrita das *home pages*. Consideramos, no entanto, que a função fática acaba por mascarar a confiscação da palavra nesse tipo de escrita digital, dado que ao escrevente é permitida a projeção de uma imagem pessoal, desde que seja aquela simpática, reconhecida como a escrita de uma página eletrônica pessoal da internet.

Questionamos, portanto, o valor social que se costuma atribuir à internet, como meio de comunicação que viabiliza a democracia e a liberdade de expressão humana. Quando se constata que há um determinado modo de edição nas informações pessoais, qual é a garantia que se tem da diversidade

– como característica humana – na esfera da comunicação mediada pela internet? O aumento das possibilidades de interconexão pela rede mundial de computadores não assegura, de modo algum, a qualidade das informações e a possibilidade de expressar o que se pensa. O modo de enunciação, detectado nas incontáveis repetições de características nos relatos das histórias pessoais dos escreventes das *home pages*, é, pois, reflexo das condições sócio-históricas que estabelecem as relações de sentido.

Há uma diversidade de aspectos, como os sociais, políticos, econômicos, lingüísticos, que devem ser considerados para a avaliação das práticas via internet. Não se pode desprezar, obviamente, os motivos pelos quais esse meio de comunicação é considerado um fenômeno. Menciona-se o dinamismo, o fim das barreiras geográficas, a economia de tempo, a economia de papel, o acesso a informações de qualquer natureza a partir de um comando no computador. O mais importante, para os usuários que não estão preocupados com os indicadores financeiros do mercado, para os quais o uso da internet permite apontar, é a comunicação, a possibilidade de contato com outras pessoas. É o que revelam os depoimentos encontrados nas páginas dos escreventes de *home pages*:

116 tinha a impressão de não ser compreendida por ninguém. Mas tudo mudou quando entrei na internet e comecei a fazer amizades verdadeiras. Meu melhor amigo, Douglas Custódio, foi a Net quem me trouxe. Por isso, acho importante as pessoas darem valor aos amigos e àqueles que parecem sozinhos. A Net não é um brinquedo qualquer. [*Lena's Home Page*]

a verdade é que é incrível poder se manifestar e usarei deste meio [a internet] para me manifestar ao mundo... hehe [*José Rebelo*]

Você poderia estar vendo páginas sobre zeólitas ou sobre hermafroditismo das minhocas mas preferiu conhecer a história de Guto da Col [*Guto da Col*]

A escrevente Helena relata a importância da internet como um instrumento para a aproximação das pessoas, para o início de novas amizades. José Rebelo, o Raghy, vem dispor da rede mundial de computadores para se “manifestar ao mundo”. Guto da Col é quem parece melhor captar a diversidade de assuntos que circulam pela internet, ao mencionar que o leitor fez a escolha de conhecer a história pessoal de Guto da Col, em detrimento de páginas como as dos “zeólitas” ou as referentes ao “hermafroditismo das minhocas”. O fascínio que o uso da internet suscita nas pessoas é visível, ainda, numa projeção numérica em constante ascensão.

É sabido que o número de computadores ligados à internet cresce a todo instante. Para se ter uma idéia da velocidade crescente dessas inovações tecnológicas, o rádio precisou de 38 anos para atingir a marca de 50 milhões de usuários, enquanto a internet demandou apenas 4 anos para alcançar a mesma cifra. Os dados são do relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), divulgados em 1999 (*Folha de S. Paulo*, 11/07/99, p.1/17). Segundo o relatório, o número de usuários deve crescer de 150 milhões, em 1999, para 700 milhões neste ano de 2001. 91% dos usuários da internet são dos 29 países que compõem a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que representam apenas 19% da população mundial. O mesmo relatório aponta para a profunda desigualdade no acesso à rede. Um cidadão de Bangladesh, por exemplo, que ganhasse

o salário médio do país, precisaria gastar o equivalente a oito anos de salário para comprar um computador, quando o norte-americano, também com salário médio de seu país, gastaria um mês de seu rendimento. Estima-se que os Estados Unidos possuam, atualmente, 164 milhões de computadores, com um número de 60 milhões de usuários de internet. Além da relevância do fator econômico para o acesso à internet, retomamos a informação, mencionada anteriormente a respeito de uma investigação lexical, sobre o uso da língua como obstáculo para a comunicação na rede mundial de computadores. O idioma de 80% dos endereços da internet são em inglês, que é falado apenas por uma pessoa em cada dez no mundo todo, segundo o relatório das Nações Unidas.

No Brasil, o aumento crescente do número de usuários tornou-se assunto constante tanto para a imprensa especializada quanto para a grande imprensa. O Brasil é considerado o país da América Latina com o maior número de usuários. O País conta, atualmente, com 5,8 milhões de usuários, com expectativa de atingir 20,1 milhões em 2003. A expansão da internet tem sido atribuída, principalmente, ao aumento da infra-estrutura da rede de telefonia fixa, ao maior uso de computadores pela população e à chegada dos provedores gratuitos no País. Curiosamente, esses fatores podem ser considerados, eles mesmos, “obstáculos” ao avanço, uma vez que o custo das chamadas locais ainda é bastante elevado, o que acaba reduzindo o tempo de conexão, e a taxa de penetração de computadores pessoais também é considerada baixa em relação aos países do chamado Primeiro Mundo. Dados da empresa norte-americana Jupiter Communications, especializada em pesquisa de mercado direcionada à internet, apontam para o fato de apenas 5% da população da América Latina possuir um computador em suas residências, enquanto nos Estados Unidos esse percentual atinge 57%.

As conseqüências da não utilização de computadores e de novas tecnologias é questão, ainda, a ser discutida no âmbito dos gêneros. Mesmo que se admita um aumento na participação das mulheres, a maioria dos usuários da rede continua sendo constituída, predominantemente, por homens. No caso específico do Brasil, a primeira-dama Ruth Cardoso adverte para o perigo de a mulher brasileira estar à beira do que chamou “abismo digital”, em decorrência da exclusão no uso da internet. Em pronunciamento realizado na conferência das Nações Unidas sobre os direitos da mulher, ocorrido em Nova York em junho de 2000, Ruth Cardoso disse que a mulher está sobrecarregada com a jornada de trabalho e as tarefas domésticas, ficando sem tempo para estudar as novas tecnologias. Em pouco tempo, há a possibilidade da mulher brasileira tornar-se ultrapassada no que se refere ao desenvolvimento tecnológico – o que caracterizaria o “abismo digital”. Para a primeira-dama, essa situação devolveria a mulher às condições sociais e econômicas existentes no Brasil há 30 anos.

Acreditamos que os fatores apontados, tanto por um relatório de âmbito mundial, quanto pela avaliação da primeira-dama do País em conferência mundial, participam, de maneira direta, da discussão sobre uma sociedade que se diz globalizada e que visa à democracia e à liberdade de expressão pela internet. Quando se fala em democratização via meio digital e em extinção de fronteiras (geográficas, econômicas, sociais, de comunicação) pelo uso das novas tecnologias, deve-se refletir sobre o que é democratizar quando a exclusão pelo poder econômico, pelo uso da língua e, até mesmo, pelo gênero, determinam, em grande parte, a efetivação desse processo.

glossário

O presente glossário tem por objetivo orientar o leitor em seu percurso pelo léxico da área de informática, mais especificamente, em relação aos estudos sobre a internet. Trata-se de uma compilação dos principais vocábulos dessa área, resultado de uma pesquisa que teve como referências o glossário organizado por Carlos Irineu da Costa, para a obra *Cibercultura*, de Pierre Lévy; o dicionário de língua portuguesa *Novo Aurélio Século XXI*; sites e obras especializadas em informática. As referências encontram-se citadas nas “Referências bibliográficas” deste trabalho.

bit – *Binary digIT*, “dígito binário”. Corresponde ao “0” ou ao “1” do sistema binário. Na informática, um *bit* é a menor unidade de informação que pode ser tratada e armazenada pelo computador. Isoladamente, um *bit* não tem sentido, sendo sempre tratado em unidades maiores, como o *byte*.

bookmark – Programa que permite a gravação, no computador, de endereços eletrônicos utilizados com frequência pelo usuário.

browser – Do verbo em inglês “browse”, “folhear páginas”. Também chamado “navegador”. Programa específico para o acesso à WWW, que decodifica a linguagem HTML, utilizada na confecção de páginas eletrônicas da internet.

byte (Kb, Gb...) – Um *byte* corresponde a oito *bits*. Um *byte* é equivalente a um caractere (uma letra, um numeral, um espaço, um sinal de pontuação etc.). Por ser composto de oito *bits*, em decorrência da aritmética binária, um *byte* possui 256 valores possíveis. Os computadores são capazes de agrupar vários *bytes*, quando necessário, tratando-os como um único bloco de informação para representar números superiores.

chat – Programa que permite que várias pessoas conversem por mensagens escritas. Selecionando as opções do programa, o usuário escolhe um grupo e um apelido (*nickname*) para participar. O “lugar” em que as pessoas se reúnem é chamado de “sala”. O objetivo é conversar, papear – que é o significado da palavra “chat”. O usuário escreve uma mensagem, seleciona a função “envia” e, em poucos segundos, a mensagem aparecerá no monitor de outros participantes. O termo encontra-se dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI*.

download – Processo de transferência de dados de um computador central para um computador qualquer. Atualmente, o termo é mais aplicado às transferências de informações através de serviços *on-line*. Os arquivos “baixados” pelo processo de *download* podem ser armazenados pelo computador que os recebe. O termo encontra-se dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI*.

e-mail – *Electronic mail*, “correio eletrônico”. O *e-mail* é um conjunto de protocolos e de programas que permitem a transmissão de mensagens de texto ou de qualquer tipo de arquivos digitais (como imagens e/ou som) entre os usuários conectados a uma rede de computadores. O termo encontra-se dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI*, que o traz, ainda, como equivalente a “endereço eletrônico”.

120

emoticon(s) – Os *emoticons*, *smilies* ou CARACTERETAS são bastante utilizados nas mensagens veiculadas pela internet. Os *emoticons* (para lê-los, a pessoa deve inclinar a cabeça para a esquerda) são construídos a partir de sinais de pontuação e são utilizados na escrita para a expressão de sentimentos humanos, como o riso :-). Em um contexto como o da internet, em que qualquer usuário do sistema torna-se um leitor em potencial das páginas eletrônicas pessoais, o uso de ideogramas como os *emoticons*, produzidos pela combinação de sinais de pontuação utilizados na escrita alfabética, pode representar um meio de compartilhar sentimentos humanos em escala mundial.

guestbook (ou *guest*) – “Livro de visitas”. Trata-se de um formulário eletrônico presente na página, por meio do qual o leitor visitante pode emitir comentários e sugestões a respeito do *site*.

hiper-documento – Texto escrito em linguagem HTML para a criação de páginas na WWW.

hipermídia – Recurso que utiliza informações, sob o comando do computador, que podem estar na forma de texto escrito, diagramas, diagramas em movimento (animação), imagens estáticas ou som. O termo encontra-se dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI*.

hipertexto – Uma forma não linear de apresentar e consultar informações por remissões. Um hipertexto vincula as informações contidas em seus documentos criando uma rede de associações complexas por meio de *links*. O termo encontra-se dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI*.

homepage – O *Novo Aurélio Século XXI* apresenta o termo, grafado dessa maneira, como “página de entrada de um *site* da *Web*, ou de outro sistema de hipertexto ou de hipermídia, que geralmente contém uma apresentação geral e um índice, com elos de hipertexto que remetem às principais seções de conteúdo de um *site*, visando facilitar a navegação pelo sistema”.

HTML – *Hypertext Markup Language*, “Linguagem de marcação de hipertexto”. Linguagem utilizada para a criação de arquivos que são “interpretados” por programas específicos e traduzidos de maneira inteligível para a visualização das páginas eletrônicas da internet, com formatação, cor, imagens e tabulação.

hyperlink – Elo de hipertexto. O termo encontra-se dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI*.

ICQ – *I seek you*, “Eu procuro você”. Programa destinado às conversas com outras pessoas via recursos da internet. O que o difere do *chat* e do IRC é que o usuário se cadastra por um número, seleciona a lista de amigos registrando o número de identificação deles e, quando eles se conectam, o programa avisa qual pessoa está *on-line*.

internet – Conjunto de meios físicos (linhas digitais de alta capacidade, computadores, roteadores etc.) e programas (protocolo TCP/IP) usados para o transporte de informações, em âmbito mundial. Os principais serviços oferecidos pela internet são o *e-mail*, os programas de comunicação (como o *chat*, o *ICQ*, o *IRC*) e a *Web*. O termo encontra-se dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI*.

IRC – *Internet Relay Chat*. Programa que permite ao usuário abrir diversas áreas diferentes para conversar, atraindo as pessoas para um assunto específico. Cada área é chamada de “canal”. Não há limite de pessoas nas salas. Um dos programas mais usados para acessar os canais do IRC é o mIRC.

link – Ligação, vínculo, conexão entre dois elementos em uma estrutura de dados. Os *links* permitem a navegação dentro de um documento hipertextual (ou hipermídia). Na internet, um *link* é qualquer elemento de uma página da Web que possa ser clicado com o *mouse*, fazendo com que o navegador passe a exibir uma nova tela, documento ou figura. O termo encontra-se dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI* como a forma reduzida de “hyperlink”.

MIDI – *Musical Instrument Digital Interface*, “Interface digital para instrumentos musicais”. Trata-se de uma especificação de protocolo para troca de informações digitais de performance (quais notas foram tocadas, com que força foram pressionadas as teclas, durante quanto tempo foram sustentadas etc.) entre instrumentos musicais. Essas informações são transmitidas entre os diferentes instrumentos (sintetizadores, baterias eletrônicas, *samplers*, computadores) com a utilização de cabos especiais.

modem – MODulator DEModulator (modulador/demodulador). Equipamento que permite a transmissão de informações digitais entre dois computadores, por meio da utilização de linhas telefônicas comuns. Os *modems* convertem a informação digital armazenada nos computadores em uma frequência de áudio modulada, que é transmitida pela linha telefônica até um outro *modem*, que executa o processo contrário, reconvertendo a informação para seu formato digital original.

nickname (ou *nick*) – Designação utilizada pelos usuários para o emprego de apelidos nas conversas estabelecidas pelos programas de comunicação, a exemplo do *chat* e do IRC.

on-line – Segundo o *Novo Aurélio Século XXI*, nos sistemas distribuídos da área de informática, diz-se da operação realizada em conexão com outros pontos do sistema, permitindo o compartilhamento de informações e elaboração no processamento, como em consultas e atualizações imediatas de bases de dados remotas.

protocolo – Trata-se de regras e padrões para o estabelecimento da comunicação entre as máquinas.

provedor – Empresa que possui uma conexão de alta capacidade com uma grande rede de computadores, e que oferece acesso a essa rede para outros computadores, principalmente por meio de linhas telefônicas, em geral cobrando pelo serviço. O termo encontra-se dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI*.

site – Trata-se de um conjunto de documentos apresentados ou disponibilizados na Web por um indivíduo, instituição ou empresa, e que pode ser fisicamente acessado por um computador em seu endereço específico da rede (URL). Também pode se referir a um servidor (estação de trabalho que fornece serviço a outras estações ligadas a redes de computadores) de informações ou de acesso, disponibilizado via internet através de seu URL. O termo encontra-se dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI*, que o remete a duas acepções do vocábulo “sítio”.

TCP/IP – *Transmission Control Protocol/Internet Protocol*, “Protocolo de controle de transmissão/ Protocolo da internet”. Linguagem utilizada na internet para a comunicação entre computadores, independentemente de onde eles estejam e a que rede estejam ligados. Trata-se do uso de protocolos, que são regras que determinam como a comunicação deve ser estabelecida.

URL – *Uniform Resource Locator*, “Localizador uniforme de recursos”. Tipo de endereço que aponta para um documento ou arquivo específico. Por exemplo, o URL do site da Unicamp é <http://www.unicamp.br>. O termo encontra-se dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI*.

WWW – *World Wide Web*, “Teia de âmbito mundial”. É um dos serviços oferecidos pela internet que permite o acesso do usuário a uma vasta quantidade e variedade de informações e dados. Trata-se de um sistema de retenção e de distribuição de informação na forma de documentos hipermídia. O termo que se encontra dicionarizado no *Novo Aurélio Século XXI* é “Web”. Em sua definição, “Web” pode ser substituído por “WWW”.

abstract

The purpose of this study is to discuss the writing that proposes itself as conversation in home pages of internet. Our aim is to analyze how the author of a home page builds a self projection by using, for instance, certain marks of enunciation and graphical signs to establish a relationship between this self projection and the reader of the page. The material of this research is composed by 50 (fifty) home pages casually collected at internet. Our method is related to the theories of enunciation and writing and specially to those studies which emphasize dialogy in language and the relation between writing modality and oral modality.

Two main aspects are focused: the first one is the hypothesis of the emergence of a new discursive gender, established by the activity of writing in home pages. To investigate this probable new gender, we elaborate a comparative study between the writing in home pages and another sort of writing, as the self presentations on the cover of traditionally impressed books, the (auto)biographies, the manuscript letters and the e-mails. We look for the main characteristics of this digital writing, as it is established relating itself to other practices of writing. In our opinion, this new gender is characterized by the phatic function of language, that means, by an activity marked by rithualistic formulas of communication less than by informative ones. Looking for establishing a contact with the reader (characteristical of the phatic function), the author of a home page projects a self image (a character) that seems nice, simulating an intimacy to reach his aim. However, the practice of the phatic function masks the *confiscation of the word* in this gender of writing: the author has the right to express himself, but only in a determinate way. To build his self image, the author brings recourses from the writing modality, as certain marks of enunciation and graphical signs. So, the second aspect we focus refers to the mode of enunciation that characterizes the gender of writing in home pages. We investigate the functioning of an enunciative division between the author, the "hero" (the built character) and the reader of the home pages in the study of their linguistic materiality. For that, we consider some aspects of writing modality in home pages, as the emoticons and "giggles" commonly used in digital writing, considering also the question of punctuation (and its relation to prosody) in digital texts, and the one of lexical investigation of the texts in the home pages, as we notice that terms from the technological area are often employed, mainly the ones which are taken from English and incorporated in Portuguese writing with no translation.

Keywords: enunciation; writing; digital writing; home pages; internet.

referências bibliográficas

- ABAURRE, M.B.M. (1997) Uma história individual. In: ABAURRE, M.B.M.; FIAD, R.S. & MAYRINK-SABINSON, M.L.T. *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas (SP), Associação de Leitura do Brasil (ALB), Mercado de Letras. p.79-115.
- _____.; FIAD, R.S. & MAYRINK-SABINSON, M.L.T. (1997) *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas (SP), Associação de Leitura do Brasil (ALB), Mercado de Letras.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1990) Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas (SP), n.19, p.25-42, jul./dez.
- BAKHTIN, M.M. (1997a) O autor e o herói. In: BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes. p.23-220.
- _____. (1997b) Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes. p.277-326.
- BARROS, D.L.P. (1994) Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D.L.P. & FIORIN, J.L. (Orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo, EDUSP. p.1-9.
- BRANDÃO, H.H.N. (2000) (Org.) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo, Cortez.
- _____. (1998) *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo, Fundação Editora da UNESP.
- CAGLIARI, L.C. (1989a) *Alfabetização & lingüística*. São Paulo, Scipione. p.103-124.
- _____. (1999) Breve história das letras e dos números. In: MASSINI-CAGLIARI, G. & CAGLIARI, L.C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas (SP), Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, Fapesp. p.163-185.
- _____. (1996) Da importância da prosódia na descrição dos fatos gramaticais. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado*. 3.ed. Campinas (SP), Editora da UNICAMP. p.39-64.
- _____. (1989b) Marcadores prosódicos na escrita. In: *Estudos Lingüísticos XVIII*, Anais de Seminários do GEL, v. 18. Lorena (SP), p.195-203.
- CARVALHO, N. (1989) *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo, Ática.
- CHACON, L. (1997) *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo, Martins Fontes.

- CHARTIER, R. (1999) *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (Conversações com Jean Lebrun). São Paulo, Editora da UNESP, Imprensa Oficial do Estado.
- CORRÊA, M.L.G. (1997a) A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. In: *Cadernos da F.F.C. Marília* (SP), v.6, n.2. p.165-186.
- _____. (1993) A metalinguagem e o ensino de língua portuguesa. In: *Trabalhos de Lingüística Aplicada*. Campinas (SP), n.22, p.41-53, jul./dez.
- _____. (1997b) *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. Campinas (SP). Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- CUNHA, C.F. & CINTRA, L.F.L. (1985) *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FABRIANI, M. (1998) Cartas na mesa. *Internet.br* (São Paulo), n.31, p.48-57. dez.
- FERREIRA, A. B. de H. (1999) *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FOUCAULT, M. (1996) *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo, Loyola.
- _____. (1992) *O que é um autor?*. 3.ed. Portugal, Vega.
- GODOY, N. (1996) *Internet@Brasil. Isto É* (São Paulo), n.1408, p.52-58. 25 set.
- GUROVITZ, H. (2000) Enfim, sós. *Exame* (São Paulo), n.2, p.32-37. 26 jan.
- GOMES, M.T. (1999) *Você@é.digital.com. Você s.a.* (São Paulo), p.32-41. jul.
- JAKOBSON, R. (1975) Lingüística e poética. In: _____. *Lingüística e comunicação*. São Paulo (SP), Cultrix. p.118-162.
- LÉVY, P. (1999) *Cibercultura*. São Paulo, Ed. 34. p.251-260.
- MACHADO, A.R. (1998) *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo, Martins Fontes. p.1-53.
- MAINGUENEAU, D. (1997) *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Campinas (SP), Pontes, Editora da UNICAMP.
- MARCUSCHI, L.A. (1986) *Análise da conversação*. São Paulo, Ática.
- NYSTRAND, M. & WIEMELT, J. (1991) When is a text explicit? Formalist and dialogical conceptions. In: *Text* 11 (1). p.25-41.
- O ESTADO DE S.PAULO. (1999) *Caderno Cultura: A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo, 28 mar. p. D1, D3-D7, D12.
- PASTORE, K. & MARI, J. (1999) Amante virtual. *Veja* (São Paulo), p.118-119. 16 jun.
- PERRONI, M.C. (1992) *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo, Martins Fontes, p.1-37.
- POSSENTI, S. (1993) *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo, Martins Fontes.
- _____. (1994) Discurso, sujeito e o trabalho de escrita. In: NASCIMENTO, E.M.F.S. & GREGOLIN, M.R.V. (Orgs.) *Problemas atuais da Análise do Discurso*. Araraquara (SP), ano VIII, n.1. p.27-41.

- REBOUL, O. (1980) *Langage et idéologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- ROSSI, C. (1999) EUA têm mais micros que o resto do planeta. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 11 jul. Caderno 1, p.17.
- SANDMANN, A.J. (1992) *Morfologia lexical*. São Paulo, Contexto.
- SANT'ANNA, L. (1999) Computadores expandem e concentram a informação. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 11 jul. Geral, p.A21.
- SANTOS, M. & USSAMI, M.C.E. *A estrutura da Internet*. Campinas (SP), Centro de Computação, Universidade Estadual de Campinas. nov.1996.
- SENNETT, R. (1998) *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SHIMIZU, H. & JONES, F. (1998) A geração digital entra em cena. *Época* (São Paulo), n.22, p.56-61. 19 out.

Páginas eletrônicas pessoais consultadas

- Abdon Megale Neto. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.br2001.com.br/borgale>
- Absolut Model Company home page. (1998, agosto) [Online] Disponível em: <http://www.cafepizzanet.com.br/ilton/>
- Alessandra Ferreira dos Anjos. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.bhnet.com.br/alessandra/>
- Bi-bi's HP. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/Tokyo/Bay/4404/>
- Caio José Sousa. (1998, novembro) [Online] Disponível em: <http://www.terravista.ciclone.com.br/Albufeira/1807/>
- Casa da Thaty. (1998, março). [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/Yosemite/4605/>
- Comitê Gestor de Internet no Brasil. (1999, julho) [Online] Disponível em: <http://www.cg.org.br/>
- Comitê para a democratização da informática. (1999, julho) [Online] Disponível em: <http://www.cdi.org.br/>
- Curso de Internet. (1999, março) [Online] Disponível em: <http://www2.netpe.com.br/users/curso/net2.htm>
- Cyber Canto do Daniel. (1998, agosto) [Online] Disponível em: <http://www.dcc.unicamp.br/~970496/index.html>
- Douglas Custódio. (1998, março) [Online] Disponível em: <http://www.tecservice.com.br/douglas>
- Duda – a minha página pessoal!. (1998, março) [Online] Disponível em: <http://sites.uol.com/edumaia/ficha/htm>
- Edson Kenichiro Sueyoshi. (1998, março) [Online] Disponível em: <http://ppessoa.zaz.com.br/ppessoa/paginas/poasaofn26900.htm>
- Eliane's Web Page. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.dsc.ufpb.br/~eliane>

Fabio Becker. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.plug-in.com.br/~fab/>

Faby in the Web. (1998, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.paintbox.com.br/users/faby.htm>

Friends Page. (1998, novembro) [Online] Disponível em: <http://www.gold.com.br/~slash/inicial2.htm>

Gêmeos in the web. (1998, julho) [Online] Disponível em: <http://www.infolink.com.br/users/naty/>

Gian's Page. (1998, julho) [Online] Disponível em: <http://users.sti.com.br/gianfranco/>

Gilson Carlos de Souza Santos. (1998, novembro) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/Heartland/Bluffs/6581/>

Grazi's Home Page. (1998, novembro) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/SunsetStrip/Stadium/7157/>

Guilherme Aires – Home Page. (1998, novembro) [Online] Disponível em: <http://www.elogica.com.br/users/papct/>

Guto da Col. (1998, novembro) [Online] Disponível em: <http://sites.uol.com.br/dacol/>

Hamilton Coimbra. (1998, março) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/CapitolHill/2739/index/html>

HomePage do Paulo André Diniz Pimentel. (1998, março) [Online] Disponível em: <http://www.netium.com.br/pimentel/quemsou.htm>

Home Page da Manu. (1998, agosto) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/Paris/LeftBank/2356/principal.html>

Home Page da Meiguinha!!!. (1998, agosto) [Online] Disponível em: <http://www.terravista.ciclone.com.br/PraiaBrava/1187/>

Home Page do Pablito. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/Pipeline/7277/>

Home Page Pessoal – Edson Assad David. (1998, março) [Online] Disponível em: <http://www.usuarios.fepesmig.br/edson/>

HP de Kerson Daniel Matioli. (1998, março) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/TheTropics/Shores/2402/>

John's Home Page. (1998, março) [Online] Disponível em: <http://www.elogica.com.br/users/meldrum/>

José Rebelo. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/SunsetStrip/Arena/7732/>

Joubert Vasconcelos. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.terravista.pt/ilhadomel/1034/>

Kikinho's World. (1998, julho) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/SiliconValley/Campus/5504/index2.htm>

Lena's Home Page. (1998, março) [Online] Disponível em: <http://www.futurekids.com.br/brasil/mf/helena.htm>

Loka's Home Page. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://maxpages.com/loka>

Luiz Gustavo de Araujo Teixeira Gonçalves. (1998, agosto) [Online] Disponível em: <http://www.dcc.unicamp.br/~971125/whoiam.html>

Magno's Homepage. (1998, agosto) [Online] Disponível em: <http://www.elo.com.br/~hitec/index.htm>

Marco Aurélio de Farias. (1998, agosto) [Online] Disponível em: <http://sites.uol.com.br/mau/index.htm>

Marco Losso's home-page. (1998, julho) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/RodeoDrive/4828/>

Max e Lia's Home Page. (1998, agosto) [Online] Disponível em: http://geocities.com/Heartland/Park/7412/index_pt.html

Melzinho's Home Page. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/Heartland/Pointe/9891/melzinho.htm>

Morena do Tchan 2000. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/TelevisionCity/Set/9467/>

Página do Agniruc. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://ppessoa.zaz.com.br/paginas/poasava00.htm>

Patryk Sofia Lykawka. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: [http://www.conex.com.br/user/smaster/Paty's Agapê](http://www.conex.com.br/user/smaster/Paty's%20Agap%C3%AAs). (1998, julho) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/RodeoDrive/9816/>

Question! Homepage. (1998, agosto) [Online] Disponível em: <http://grande.dcc.unicamp.br/~971189/>

Rafael Monteiro. (1998, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/SouthBeach/Island/4552/>

Roberta Brasil. (1998, março) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/SouthBeach/Marina/3705/>

RORA's Main Home Page. (1998, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.i2.com.br/~rora/index.shtml.en>

Tanda. (1999, fevereiro) [Online] Disponível em: <http://www.terravista.pt/ilhadomel/1062/>

Thais Chimbata. (1998, março) [Online] Disponível em: <http://www.geocities.com/Athens/1597/>

Vaca's Virtual Farm. (1999, novembro) [Online] Disponível em: <http://www.angelfire.com/ri/vaca>

bibliografia consultada

- CERTEAU, M. de. (1998) *A invenção do cotidiano*; 1: artes de fazer. 3.ed. Petrópolis (RJ), Vozes.
- COUPER-KUHLEN, E. (1986) *An introduction to English Prosody*. Londres, Edward Arnold, p.1-18.
- CRYSTAL, D. (1969) *Prosodic systems and intonation in English*. Cambridge, Cambridge University Press, p.126-194.
- FOUCAULT, M. (1997) *A arqueologia do saber*. 5.ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- GINZBURG, C. (1989) Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. p.143-79.
- GNERRE, M. (1998) *Linguagem, escrita e poder*. 4.ed. São Paulo, Martins Fontes.
- GOODY, J. (1988) *Domesticação do pensamento selvagem*. Lisboa, Editorial Presença.
- LÉVY, P. (1993) *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro, Ed. 34.
- MAINGUENEAU, D. (1995) *O contexto da obra literária*. São Paulo, Martins Fontes.
- MANGUEL, A. (1997) *Uma história da leitura*. São Paulo, Companhia das Letras.
- REINKING, D.; McKENNA, M.C.; LABBO, L.D. & KIEFFER, R.D. (Eds.) (1998) *Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world*. Mahwah, New Jersey, Lawrence Erlbaum.
- VILLELA, A.M.N. (1998) *Pontuação e interação*. Belo Horizonte (MG). Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.